



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

PATRÍCIA SILVA XAVIER

**POR QUE SER LICENCIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS? UM ESTUDO SOBRE OS
SIGNIFICADOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL**

FORTALEZA

2016

PATRÍCIA SILVA XAVIER

**POR QUE SER LICENCIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS? UM ESTUDO SOBRE OS
SIGNIFICADOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Danyelle Nilin Gonçalves.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- X22q Xavier, Patrícia Silva.
Por que ser licenciado em Ciências Sociais? Um estudo sobre os significados da escolha profissional / Patrícia Silva Xavier. – 2016.
118 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2016.
Orientação: Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves.
1. Trajetória. 2. Licenciatura. 3. Formação. I. Título.

CDD 301

PATRÍCIA SILVA XAVIER

**POR QUE SER LICENCIADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS? UM ESTUDO SOBRE OS
SIGNIFICADOS DA ESCOLHA PROFISSIONAL.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Danyelle Nilin Gonçalves (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Irapuan Peixoto Lima Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ronaldo de Sousa Almeida
Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

A todos que lutam por uma educação de qualidade, que defendem a Licenciatura e a Sociologia no Ensino Médio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela saúde e disposição a mim concedidos, para que este trabalho se concretizasse.

Ao meu pai, José Silva Xavier, e minha mãe, Claudia e Silva Xavier, pela dedicação, incentivos à minha educação e por sempre apoiarem minhas escolhas profissionais.

A meu namorado, Júlio Nunes Castro, que sempre esteve ao meu lado nessa caminhada com seu apoio, cumplicidade, dedicação e que me tranquilizou nos momentos de angústia.

A meus amigos de longa data pela amizade e paciência. À minha turma de mestrado, pela convivência, pelas trocas de ideias, alegrias e descontração compartilhadas no decorrer da produção do trabalho científico.

Aos professores da Universidade Federal do Ceará do departamento de Ciências Sociais, assim como o coordenador e chefe do departamento, pelos ensinamentos transmitidos e discussões que tanto contribuíram para minhas reflexões.

À minha orientadora, professora Dra. Danyelle Nilin Gonçalves, pela dedicação, pelas contribuições para este trabalho, pela confiança a mim depositada nos momentos de incertezas e por ser uma pessoa que defende a Licenciatura e a Sociologia no Ensino Médio.

Aos profissionais pesquisados, que disponibilizaram seu tempo e especialmente aos colegas do curso de licenciatura em Ciências Sociais na UFC.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa.

"A Sociologia tem algo capaz de causar polêmicas jamais geradas por outras disciplinas acadêmicas [...] O que há com a Sociologia? Por que causa tanta irritação a tantas pessoas?" (Anthony Giddens).

RESUMO

O estudo busca compreender os significados da escolha, por parte dos egressos, pela modalidade Licenciatura no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará entre os anos de 2002 a 2008. Esse momento corresponde ao período em que a disciplina de Sociologia ainda não fazia parte da grade curricular obrigatória do Ensino Médio, tendo sido incorporado somente em 2008, com a aprovação da Lei Nacional nº 11684/08 que assegurou o seu retorno. Pretende-se entender como os estudantes conduziram suas trajetórias em um período que não se tinha um campo profissional institucionalizado, da mesma forma procura saber como o curso de Ciências Sociais na modalidade Licenciatura era organizado, se havia incentivos para a sua escolha ou discussões a respeito da profissão de professor, seus campos de atuação e quais as perspectivas de formação apresentadas nos Projetos Políticos Pedagógicos da Licenciatura. O trabalho configura-se numa análise dos discursos dos egressos, se utilizando de técnicas de pesquisa qualitativa. As respostas foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas com egressos e na pesquisa documental com análise de documentos (Projeto Político Pedagógico, Ementas e conteúdos das disciplinas, dentre outros). Foi utilizado autores que discutem a Licenciatura e a Sociologia no Ensino Médio. Os resultados da pesquisa identificam os percalços na construção desta formação, pois naquele tempo não havia políticas de incentivo. Conclui-se que os estudantes formados durante esse período na Licenciatura não chegam à metade dos formandos no curso de Ciências Sociais.

Palavras-chave: Trajetória; Licenciatura; Formação.

ABSTRACT

The study seeks to understand the meanings of choice by the students, by the Course mode in the course of Social Sciences at the Federal University of Ceará between the years 2002 to 2008. This time corresponds to the period in which sociology discipline was not part the compulsory curriculum of high school, having been built only in 2008, with the approval of the National Law No. 11684/08 which ensured his return. I intend to understand how the students conducted their trajectories in a period that was not an institutionalized professional field, I also seek to understand how the course of Social Sciences in the mode degree was organized, if there were incentives to choice or discussions concerning the teaching profession, their areas of operation and what the prospects for training presented in political-pedagogical projects of degree course. The work sets up an analysis of the speeches of the graduates, using qualitative research techniques. The answers will be sought through semi-structured interviews with egresses and documentary research with analysis of documents (political pedagogical project, syllabus and disciplines content). It was used authors discussing Degree and sociology in high school. The survey results identify the mishaps in building this career because at that time there was no incentive policies. It was concluded that the students graduated during this period the degree does not reach half of the trainees in the Social Sciences course.

Keywords: Trajectory; Graduation; Formation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mapa da Localização das IES/ Licenciatura.....	21
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Concludentes de 2002 a 2008 por sexo.....	31
Gráfico 2 – Idade/ sexo.....	33
Gráfico 3 – Estado civil.....	34
Gráfico 4 – Formação/ Bacharelado x Licenciatura.....	34
Gráfico 5 – Cursando Pós-graduação.....	35
Gráfico 6 – Docência.....	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfis egressos (2002 a 2008).....	37
Tabela 2 – Perfis professores universitários.....	42
Tabela 3 – Perfis dos professores em escolas estaduais.....	45
Tabela 4 – Concludentes do Curso de Ciências Sociais.....	50
Tabela 5 – Tempo de Duração do Bacharelado em Anos.....	53
Tabela 6 - Concludentes do Curso de Ciências Sociais.....	56
Tabela 7 – Listas das Faculdades particulares.....	88
Tabela 8 – De vencimentos dos professores da Educação Básica.....	103

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

CNPQ- Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODEA- Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e Aprendizagem

COPIG - Coordenadoria de Planejamento Informação e Comunicação

DPU- Defensoria Pública da União

FA7 - Faculdade 7 de Setembro

FAC- Faculdade Cearense

FANOR- Faculdade do Nordeste

FATENE – Faculdade de Tecnologia

FACE - Faculdade Evolutivo

FAECE- Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará

FAFOR – Faculdade de Fortaleza

FATECI- Faculdade de Tecnologia Intensiva

FCC – Faculdade Católica do Ceará

FACET – Faculdade Evolução

FGF – Faculdade Integrada da Grande Fortaleza

FIC – Faculdade Estácio de Sá

FLF – Faculdade Lourenço Filho

FLATED – Faculdade Latino – Americana de Educação

IES - Instituições de Ensino Superior

IESP-UERJ-Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Rio de Janeiro.

IFCE – Instituto Federal do Ceará

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IUPERJ- Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIBID- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

PPPs - Projetos Políticos Pedagógicos

SEDUC - Secretaria da educação Básica do Estado do Ceará

TCU- Tribunal de Contas da União

UECE- Universidade Estadual do Ceará

UERN- Universidade Estadual do Rio Grande do Norte

UEVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú

UFC- Universidade Federal do Ceará

UFPE- Universidade Federal de Pernambuco

UNB- Universidade de Brasília

UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas

UNIFOR – Universidade de Fortaleza

UNILAB - Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 Percurso metodológico.....	21
1.2 Apresentando os sujeitos da pesquisa.....	30
2 A LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFC.....	47
3 O PERCURSO DA SOCIOLOGIA.....	60
3.1 O desafio da Sociologia no Brasil.....	61
3.2 A Sociologia no Ceará.....	68
4 A VALORIZAÇÃO DA LICENCIATURA.....	80
4.1 Os sentidos de ser um licenciado.....	82
4.2 Refletindo sobre a carreira universitária.....	100
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS.....	111
APÊNDICE – A QUADRO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS.....	117
APÊNDICE – B ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	118

1 INTRODUÇÃO

Uma pesquisa¹ realizada pelo professor José Marcelino (2014), da Universidade de São Paulo (USP), sobre a falta de interesse dos profissionais da educação em seguir carreira dentro da sala de aula, aponta que os alunos abandonam os cursos de Licenciatura por não achar a profissão atrativa quanto à remuneração, mas, além disso, pelo grande desgaste no exercício profissional. Dessa forma, os cursos de formação de professores possuem uma taxa de evasão de mais de 30%, acima da média registrada por outras graduações.

Na Sociologia não é diferente. No Estado do Paraná outra pesquisa², sobre a evasão nos cursos de Licenciatura entre 2010 a 2011 revela que a média anual de evasão no curso de Sociologia é de 28,6% estando na primeira posição no ranking, seguido por Física com 26,4% e Literatura Estrangeira com 24,5%.

Percebe-se a falta de profissionais na área docente, até mesmo em disciplinas já consolidadas e com uma tradição de ensino, como no caso da Matemática (22,8 %) e Língua Portuguesa (19,6%). Uma auditoria³ realizada pelo Tribunal de Contas da União- TCU (2015) revelou o déficit de professores no país. Faltam 32,7 mil docentes no Ensino Médio, a Sociologia está entre as três áreas mais críticas, com carência de 4,6 mil professores.

A Sociologia possui o caráter particular de ter sido inserida no currículo nacional do Ensino Médio como componente obrigatório somente em 2008, fruto da Lei nº 11684/08, embora no Estado do Ceará, a disciplina já se fazia presente desde 1980 nas escolas com ensino Normal.

Com todos esses dados mostrando um número elevado de evasão, ainda há estudantes que se interessam pela carreira da docência e decidem se formar como licenciados.

O presente estudo busca compreender os significados da escolha, por egressos do curso, pela modalidade Licenciatura no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará. Para essa observação pretendo apreender as

¹ Pesquisa pode ser acessada em: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-que-nao-falta-professor-mas-interesse-de-seguir-a-carreira,1552687>

² Pesquisa pode ser acessada em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/evasao-em-licenciatura-chega-a-39-ci2oebivr3fzzqs1q9w6o2h5a>

³ Pode ser acessado em: <http://oficinadeimagens.org.br/um-quadro-vazio-deficit-de-professores-no-ensino-medio/>

percepções dos estudantes quanto à escolha de formação no período de 2002 a 2008⁴, ou seja, no período anterior à obrigatoriedade nacional.

Esta lei foi aprovada no momento em que ocorriam diversas reivindicações das entidades sindicais destas áreas e de movimentos sociais pela obrigatoriedade. A pesquisa almeja descobrir quais motivos levaram aos egressos optarem pela Licenciatura no período em que o mercado não estava reconhecido, ou seja, antes da lei da obrigatoriedade da disciplina. Como objetivos secundários a pesquisa busca descrever o perfil dos egressos, entender como eles percebiam o curso de Ciências Sociais, e como era o mercado de trabalho no momento em que cursaram a modalidade na instituição. Por que ser professor de Sociologia em um momento em que esta matéria não estava implantada como obrigatória no currículo do Ensino Médio?

A Sociologia como disciplina sofreu um processo de intermitências ao longo de sua história. Por várias vezes ela foi retirada do currículo escolar, não tendo uma trajetória linear, não constituindo uma tradição de ensino como em outras disciplinas consolidadas, como Matemática e Português. É essencial saber que a Sociologia como disciplina no Ensino Básico Brasileiro teve vários momentos difíceis para sua existência. Sendo assim, o seu percurso de idas e vindas não contribuiu para a consolidação de uma tradição de ensino dessa matéria.

Esse ir-e-vir da Sociologia no Ensino Médio impediu que se desenvolvesse uma tradição de ensino desta ciência nas escolas. Ficaram prejudicados as pesquisas nesta área, o desenvolvimento de metodologias adequadas, de textos didáticos sérios, de recursos didáticos tais como audiovisuais, entre outros. A formação do professor desta área ficou empobrecida, diante da falta de perspectiva de atuação e da pouca atenção e investimento que os cursos de Graduação em Ciências Sociais depositavam na licenciatura. (CORREA, 2004, p.238).

A verdade é que trabalhos ou pesquisas que retratam a questão da Licenciatura em nosso país, principalmente no Estado do Ceará, são pouco visíveis. É resultado dos períodos de intermitências da disciplina na Educação Básica em que esses espaços voltados à temática de pesquisa não se tornaram áreas dominantes.

⁴ A escolha pelos anos de 2002 a 2008 se deve por ser um momento anterior a obrigatoriedade nacional da Sociologia nos currículos escolares, esse período se caracteriza por intensos diálogos e debates sobre o tema.

Ser aluna do curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará pertencente à modalidade Licenciatura durante o período de 2010 a 2013 possibilitou-me ter um conhecimento aprofundado sobre a questão da Sociologia como matéria no Ensino Médio, assim como a formação de professores no curso. As discussões acerca da profissão docente e do campo ao qual ele ocupa também fizeram-se presentes durante as disciplinas que cursei, por exemplo, como Didática, Prática de Trabalho Docente, Oficina de Ensino, entre outras. Como bolsista⁵ do PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência também tive muitas oportunidades de dialogar com as temáticas envolvendo a Sociologia e a Docência.

Trata-se, portanto, de uma política do governo federal criada em 2007, promovendo a valorização dos cursos de Licenciatura e os colocando em patamar de destaque, prevê a inserção dos alunos da Licenciatura como bolsistas nas escolas públicas executando atividades voltadas a área docente-pedagógica, o programa:

[...] concede bolsas para acadêmicos dos cursos de licenciatura integrados ao programa; para professores supervisores, docentes das escolas públicas vinculadas ao programa, que recebem os licenciados, acompanham e supervisionam as suas atividades nas escolas; para os coordenadores de área, docentes das IES, responsáveis por desenvolver as atividades do programa em sua área acadêmica; e para os coordenadores institucionais e de área de gestão, que são docentes das IES, responsáveis perante a CAPES pelo acompanhamento, organização e execução das atividades. (FELICIO; GOMES, 2012, p.19-20).

Meu percurso nas Ciências Sociais e a aproximação na área em questão despertou-me o interesse em estudá-la academicamente. Surgiram algumas inquietações: que caminhos levaram aos estudantes escolherem a Licenciatura? Havia na universidade explicação sobre o mercado de trabalho nessa área? Quais expectativas tinham em relação ao futuro profissional?

⁵ Minha experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), incentivado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal (CAPES), permitiu-me ficar cada vez mais próxima de temáticas a respeito da escola, do cotidiano de professores, formação de bolsistas e professores da área. A aproximação entre universidade e escola é um dos objetivos do programa que objetiva o fortalecimento do magistério de modo a incentivar que estudantes que tenham escolhido a carreira de professor possam ter uma formação docente sólida.

É essencial saber que o recorte dos sujeitos da pesquisa compreende o período de 2002 a 2008 que tenham se formado no curso de Ciências Sociais na UFC⁶ e que tenham optado pela Licenciatura.

A pesquisa tem sua relevância na medida em que retrata a temática sobre Sociologia da Educação. Tema pouco explorado em pesquisas no Mestrado em Sociologia na nossa Instituição (UFC), mas por quê? Algumas razões já foram reveladas, devido à intermitência desta disciplina, outros temas de pesquisa eram motivados por professores e até mesmo ausência no Departamento de área envolvendo tal temática e laboratórios.

Mesmo após a obrigatoriedade da disciplina, como já citado, percebe-se que pouco se pesquisa sobre essa temática, não consolidando uma tradição de pesquisas no âmbito do curso de Ciências Sociais, tanto em monografias, como em dissertações e teses na Universidade Federal do Ceará. (GONÇALVES; LIMA FILHO, 2014).

A discussão sobre formação de professores de Sociologia e inserção no campo profissional são reflexões presentes neste trabalho caracterizadas como temáticas oportunas, sobretudo nesse momento pós-obrigatoriedade da disciplina no Ensino médio em que nos encaramos com um recente quadro imposto pela atual legislação.

É indispensável fazer uma comparação desse momento estudado com a época atual, na qual a obrigatoriedade já é um fato, e assim observar quais mudanças e políticas públicas foram criadas para que se estimulasse o interesse pela Licenciatura.

Sendo assim, procuro trazer uma discussão sobre esse assunto em torno da disciplina, mas também a construção do espaço da Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal surgido em meados dos anos sessenta no Ceará.

Para apresentar as discussões referentes à minha pesquisa e questões levantadas organizo o desenvolvimento deste trabalho em três capítulos e as considerações finais.

Na introdução descrevo quais técnicas de pesquisa serão utilizadas no estudo, tais como a entrevista sociológica realizada aos sujeitos da pesquisa a fim de

⁶ A escolha pela UFC surgiu referente à minha aproximação com a instituição em questão, e por ser uma pesquisa de Mestrado que requer um tempo menor de pesquisa, apenas dois anos, por este motivo não há participação de egressos de outras universidades que possuam o curso de Ciências Sociais e a modalidade Licenciatura.

obter relatos sobre suas trajetórias e experiências, realização da pesquisa documental discutindo os Projetos Políticos Pedagógicos do curso citado anteriormente, ementas, atas de reuniões e Leis Nacionais. Também neste capítulo apresento o perfil geral dos treze egressos formados na modalidade Licenciatura no curso de Ciências Sociais na UFC que participaram da pesquisa como interlocutores, assim como, os professores universitários do curso de Ciências Sociais da UFC que entrevistei e os docentes, professores de Sociologia formados em outras instituições de ensino, a fim de obter relatos a respeito da história da disciplina no Estado do Ceará.

No primeiro capítulo, exponho um apanhado histórico do curso de Ciências Sociais na UFC, seu surgimento, as reformas no currículo, questões pertinentes à formação dos alunos, com o propósito de situar o campo de investigação. Relato algumas ponderações acerca das duas áreas de formação (Bacharelado e Licenciatura), e a dificuldade de encontrar um número razoável de egressos licenciados em Ciências Sociais na UFC.

No segundo capítulo, apresento uma explanação sobre a história da disciplina no Brasil e no Ceará através dos relatos de alguns docentes que entrevistei que foram a principal fonte para essa reconstituição histórica, promovendo um debate acerca da realidade da Sociologia no Ensino Médio e os desafios encarados na atualidade. Para tanto, utilizo para essa discussão leitura de obras que reportam o processo de institucionalização da disciplina.

No último capítulo, analiso os sentidos atribuídos por eles ao escolher serem licenciados, se existiam incentivos para este tipo de formação e quais atividades eram desenvolvidas na Licenciatura. Também faço um debate sobre o mercado de trabalho do curso de Ciências Sociais, fazendo uma reflexão dos caminhos plurais que os estudantes podem seguir na formação e sobre a carreira de professor universitário.

1.1 Percursos metodológicos

Das 63 Universidades Federais⁷ em todo o país 44 possuem o curso de Ciências Sociais. Dentre esses 33 têm a modalidade Licenciatura⁸. Essas informações mostram um bom número de cursos com a formação na área da Licenciatura, mas quando observamos algumas regiões do país percebemos que há uma distribuição desigual de Licenciaturas em Ciências Sociais em certos locais, não atendendo de forma eficaz a todas as regiões do Brasil.

Figura 1 – Mapa da Localização das IES/ Licenciatura.



Fonte: Elaborado pela autora

⁷ Ver a tabela das Universidades Federais no Apêndice.

⁸ Estes dados foram obtidos por meio dos sites oficiais das Universidades Federais.

No mapa acima são destacadas as IES que contém o curso pelo Brasil: 33 Universidades Federais, 17 Estaduais e 10 particulares possuem o curso com a modalidade Licenciatura. Em algumas regiões notamos uma menor presença dessa área como, por exemplo, a região Norte que apresenta somente quatro Federais (UNIR, UFPA, UFT, UNIFESSPA) e uma Estadual (UERR) não tendo nenhuma particular para um total de sete Estados, desses o Acre, Amapá e Amazonas não contam com a Licenciatura em Ciências Sociais.

Ao refletimos sobre esse número podemos observar que a Licenciatura em Ciências Sociais não foi um grande fator de preocupação do governo e nem dos pesquisadores na área de formação nos cursos de Ciências Sociais. Conforme Conceição (2012), historicamente, houve maior valorização dos bacharelados em relação às licenciaturas. Atualmente, o assunto ainda é pouco debatido, apesar de merecer atenção em razão da nova dinâmica instituída pela obrigatoriedade da disciplina.

Um das razões que podem ter levado a Licenciatura em Ciências Sociais não estar em destaque nas universidades, ou não ser um foco de investimento do governo pode justificar-se pela maior valorização do bacharelado. Quando fazemos uma reconstituição histórica podemos perceber que o Bacharelado de uma maneira geral teve uma posição de maior destaque, em vista que no Brasil predominou-se uma cultura “bacharelesca” em que os filhos de pessoas mais ricas procuravam obter essa formação até mesmo fora do país. (CONCEIÇÃO, 2012, p.31).

O que se denomina por cultura bacharelesca? A mesma autora caracteriza cultura como: formas pelas quais grupos sociais desenvolvem hábitos e maneiras de comportamentos, baseados em significados criados ao longo das perspectivas de vida desses grupos. Dessa forma, cultura é um modo de ideias, valores e como as pessoas se comportam. Quando se depara com a história dos cursos universitários no Brasil Conceição (2012) nota que há predominância dos cursos de Bacharelado sobre os de Licenciatura, isso acontece porque existe culturalmente um sentimento de que o Bacharelado é mais valorizado. A cultura tem esse poder, que é o de influenciar a forma como as pessoas pensam sobre determinadas pessoas e escolhas.

Ao refletir sobre essa questão podemos observar que no Brasil há uma construção histórica da figura do Bacharel. Percebemos nas obras de Sérgio Buarque e Gilberto Freyre que o bacharel era privilegiado na sociedade brasileira durante o século XIX. Era enraizado no imaginário das pessoas como alguém habilitado para o exercício do poder. A importância do título não é ocasionada somente pelas mudanças que estes provocavam na sociedade devido a sutis tendências europeias, como comenta Freyre (1961) “agente por excelência de mudanças expressivas na sociedade”, mas também pelos costumes herdados dos portugueses que supervalorizavam os títulos acadêmicos. O diploma de bacharel é desde então muito valorizado no Brasil, um status desmedido, resquícios dessa época, e desta forma surge a “cultura bacharelesca” no país.

Ademais, o curso de Ciências Sociais não possui um status econômico muito prestigiado, ou seja, não é uma das carreiras mais rentáveis quando comparados a outros cursos de bacharéis, como o caso do Direito, do Jornalismo, ou da Medicina, que a média salarial de um graduado é respectivamente, R\$ 6.500,00 R\$ 4.432,00 R\$ 6.490,00. Além disso, o sociólogo não é uma profissão muito conhecida entre as pessoas. Normalmente quando se cursa Ciências Sociais ocorrem as seguintes perguntas: mas o que faz um sociólogo? Isso dá dinheiro?

O número de alunos que concluíram o curso de Ciências Sociais no período pesquisado (2002 a 2008) foi de 16,7 alunos por semestre. Dentre esses somente 3,4⁹ possuem o grau de licenciados. Por esse motivo escolhi o período total de sete anos (2002 a 2008) com o objetivo de obter um grande número de concludentes na área para assim poder contatá-los, já sabendo que iria ser uma busca difícil, pois muitos se encontravam fora do Estado (Ceará) e até mesmo do Brasil, e dentro de suas rotinas de trabalhos.

Minha pesquisa se baseia na sociologia compreensiva de Max Weber (1973) que propõe compreender os sentidos atribuídos pelos indivíduos às suas ações e relações sociais, o sentido que eles atribuem às suas práticas. Situa-se nesse aspecto, na medida em que pretendo apreender e depois interpretar os sentidos que os egressos conferem as suas ações no momento que decidiram cursar a Licenciatura.

⁹ Dados obtidos por meio da relação de concludentes por centro-faculdade junto à coordenação do curso de Ciências Sociais

O objeto de pesquisa é a Licenciatura em Ciências Sociais na UFC e dentro dela os egressos que optaram por esta formação, no momento já dito. A escolha de estudar somente os egressos formados na Licenciatura nessa instituição justifica-se pelo tempo para a realização da pesquisa por isso selecionei somente os da UFC, já que tinha que procurá-los em suas rotinas e também por minha inserção dentro desse meio, através de minhas próprias experiências. Weber (1973) comenta em uma de suas obras, que considera a ciência como produto da reflexão científica, expõe que um cientista é inspirado por suas vivências e seus valores na escolha de um tema para investigação, inclusive o juízo de valor não pode ser descartado da análise científica por ter sua importância na construção da pesquisa.

A influência dos valores e ideais do cientista na pesquisa social não prejudica na condução do trabalho, portanto, os julgamentos de valor dão significado aos objetos ou aos problemas, o observador tem seu ponto de vista em relação a determinado objeto baseado nos valores e no momento histórico. Enquanto o saber empírico colabora para a ordenação do pensamento, criando o problema o qual o cientista busca solucioná-lo através de meios e métodos de pesquisa.

A construção do objeto de pesquisa é um dos procedimentos mais importantes, em que há relação entre princípios empíricos e teóricos. A metodologia e a noção de campo são dois fatores essenciais para que a pesquisa se desenvolva, um funciona como um meio de orientar a fazer determinadas práticas da pesquisa e o outro indica que o espaço é permeado por um conjunto de relações.

A metodologia é uma parte fundamental da pesquisa, pois propõe conceder formas de captar e entender a realidade a qual nos propomos como pesquisadores a estudar. Como Minayo (2008) esboça em seu texto: “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. (p.14). Não se pode pensar que a metodologia caracteriza-se apenas pela utilização de técnicas, ela é abrangente, uma vez que inclui concepções teóricas da abordagem conciliando a teoria com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

Pretendi compreender, por meio de depoimentos dos informantes, suas ideias, seus valores e motivos que os levaram a optar pela Licenciatura e assim se tornarem possivelmente profissionais na área docente. O trabalho configura-se numa análise das abordagens dos discursos dos egressos, se utilizando de técnicas

de pesquisa qualitativa. A escolha por esse tipo de pesquisa foi por corresponder ao estudo de significados, motivos, aspirações e atitudes sobre algo. Segundo Michel (2009) a pesquisa qualitativa é uma espécie de interpretação dos fenômenos à luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta da obtenção dos dados.

O objetivo pretendido foi investigar quais motivos levaram aos interlocutores a escolherem uma profissão com a qual o mercado de trabalho estava incerto, por esta razão a metodologia qualitativa foi a melhor escolha para auxiliar nas respostas a essas questões, pois segundo Minayo (2008) ela trabalha como universo dos significados, dos motivos, das crenças.

Foram utilizados métodos de pesquisa qualitativa simples tais como a pesquisa documental e a entrevista. A escolha por essas técnicas foi essencial, pois auxiliou no suporte de informações sobre determinada realidade.

A pesquisa documental como técnica se fez essencial a fim de coletar dados sobre o curso para que facilitasse a ida ao campo munido de informações relevantes. Está técnica é caracterizada por Michel (2009):

A observação indireta se faz através da técnica da análise documental, que significa a consulta a documentos, registros pertencentes ou não ao objeto de pesquisa estudado, para fins de coletar informações úteis para o entendimento e análise do problema. [...] A escolha do tipo de documentos a ser consultado será feita com o propósito de ampliar as informações sobre o objeto de interesse e em função de sua importância para a análise e interpretação dos dados da pesquisa. (MICHEL, 2009, p. 65-66).

O trabalho de pesquisa ocorreu ao longo do ano de 2014 e até o final de 2015. No mês de março de 2014, realizei a procura pela lista de concludentes da graduação no período situado da pesquisa (2002 a 2008) junto à secretaria¹⁰ do curso de Ciências Sociais na UFC, e também os Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) do curso, construídos em 1985, 1994 e 2006, assim como atas e ementas de reuniões retratando o período. A coleta desses dados permitiu uma aproximação ao meu campo de estudo e ajudou-me a perceber o modo de funcionamento da organização da estrutura curricular e as normas do curso.

¹⁰ Localizado no Departamento de Ciências Sociais, Centro de Humanidades III, Avenida da Universidade, 2995 — Benfica, Fortaleza, CE — CEP 60020-181, Fone: (85) 3366 7419, E-mail: depcs@ufc.br.

Neste mesmo mês obtive a lista de formados do curso na Coordenadoria de Planejamento Informação e Comunicação - COPIC¹¹. Posteriormente, realizei um levantamento de quantos alunos no período se formaram no curso pela modalidade de Licenciatura.

O levantamento dos documentos também se caracterizou pela procura da legislação- LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996) onde se nota uma valorização da questão de professores formados na Licenciatura para ministrar aulas no Ensino Médio e também o início de uma discussão sobre inclusão da Filosofia e Sociologia para formação dos alunos. Antes disso, a Sociologia apresentava-se como disciplina com o caráter opcional.

A análise de documentos como os PPPs teve o objetivo de observar e conhecer alguns processos na universidade, principalmente o curso em questão, saber quais eram as proposta de formação da Licenciatura e no que se diferenciava do Bacharelado.

Planejei fazer uma reconstituição histórica sobre o processo de institucionalização da disciplina no Estado do Ceará e como ocorreu o processo de reivindicações de sindicatos ou grupos para o seu retorno à estrutura curricular como obrigatória.

Para conseguir esses dados para a pesquisa fiz visitas, no segundo semestre de 2014, à Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará (SEDUC), porém, não consegui obter êxito, já que os funcionários não se mostraram disponíveis para marcar um dia ou conversar sobre o assunto. Fiz três visitas em diferentes datas, mas não obtive nenhuma resposta, tendo assim que alterar minha estratégia de coleta desses dados, obtendo as informações através de relatos de professores efetivos das escolas estaduais.

Realizei ao longo dos meses seguintes do primeiro semestre de 2014 o trabalho de leitura dos documentos recolhidos. O objetivo era saber sobre as discussões que ocorriam tanto na formação desses profissionais pela universidade quanto na construção da carreira de professor no país segundo a legislação.

¹¹ Setor responsável por dirigir, coordenar, supervisionar e controlar as atividades de Graduação da UFC, através da Divisão de Planejamento e Ensino, da Divisão de Seleção e Matrícula, da Divisão de Memória e Documentação e da Divisão de Tecnologia da Informação.

No segundo semestre de 2014, junto à minha orientadora discuti e construí o roteiro de entrevista¹². Nesse intuito, foram utilizadas questões a respeito de seus percursos escolares, acadêmicos e profissionais.

As entrevistas se caracterizavam por serem semiestruturadas, ou seja, com a presença de um roteiro, porém permitido uma grande liberdade dos entrevistados para responder as questões.

A escolha por este tipo de entrevista foi essencial nesse trabalho, pois ela permite alcançar as informações necessárias com uma maior riqueza de detalhes. A entrevista é um método pelo qual o pesquisador, para realizar o seu trabalho, tem um contato relativamente rápido com os entrevistados, porém concede através da fala deles, respostas para as questões do entrevistador.

A entrevista como cita Poupart (2008), é geralmente considerada como uma via de acesso privilegiado para apreender o ponto de vista e a experiência dos atores. Por isso ela se torna tão necessária a esta pesquisa, pois por meio desta técnica consegui desvendar as razões que levaram os concludentes escolherem a Licenciatura.

Neste sentido, o roteiro de entrevista composto por 27 perguntas foi aplicado com egressos (2002 a 2008)¹³ do curso de ciências Sociais da UFC. Não selecionei a quantidade de entrevistados por turma ou ano de conclusão. Prefiro deixar em aberto o número de entrevistas, realizando-as na medida em que conseguisse encontrar meus interlocutores. Foi uma tarefa árdua, pois não foi um grupo fácil de localizar, já que estão inseridos em suas rotinas, trabalhando em diversos lugares, portanto, realizei uma espécie de trabalho “investigativo” para conseguir encontrá-los.

A busca iniciou no primeiro semestre de 2014. Após obter a lista de formados junto à Divisão de Memória e Documentação perguntava-me como conseguiria encontrar meus interlocutores, já que eles haviam concluído o curso antes mesmo de minha entrada neste (2010). Não conhecia nenhum deles e os únicos dados que eu tinha eram seus nomes completos e os anos de conclusões do curso. Quais seriam os melhores meios de encontrá-los? Como pesquisadora essa foi a questão principal de dúvidas e incertezas.

¹² Roteiro presente no Apêndice.

¹³ O momento escolhido já foi justificado na introdução.

No entanto, com conversas que aconteceram com outros pesquisadores e minha orientadora surgiu a ideia de procurá-los por meio do uso da internet, em especial nas redes sociais. No mês de Setembro, iniciou-se a procura desses interlocutores. Através de principalmente uma rede social, o “Facebook”¹⁴, foi possível achar um número razoável dos egressos. De 23 que contatei, obtive 16 respostas.

Em seguida, consegui realizar entrevistas com 13 egressos de um total de 55 concludentes da Licenciatura em Ciências Sociais na UFC. A maioria reagiu com naturalidade, devido conhecer a entrevista como ferramenta de pesquisa, por causa de suas formações no curso. Porém, com algumas graduadas apareceram dificuldades em marcar encontros. A maior parte das mulheres que entrevistei foi porque conhecíamos alguém em comum.

Também pesquisei os interlocutores por meio de seus Currículos Lattes¹⁵ na plataforma do CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), entrando em contato através de seus correios postais.

Vale ressaltar que esses grupos de 13 egressos que entrevistei possuem uma característica, ou seja, a maioria de certa forma continuou sua trajetória ligada à Sociologia e ao meio acadêmico. Poucos destes se encontram no campo escolar (quatro), mas sempre com desejo de mudar para o ensino superior. Apenas um não faz parte desse universo, pois está desempregado.

Após conseguir contatá-los, havia um desenrolar lento, devido à espera de suas respostas e seus tempos livres para poder conceder uma entrevista. Outro ponto negativo é que nem todos que entrei em contato resultavam em uma entrevista, tendo recebido muitos “não posso”.

A realização das entrevistas com os egressos do curso tinha como principal objetivo entender como sucedeu as escolhas deles, como foram suas trajetórias, e em que contextos atuais eles se encontram, se estão inseridos no mercado de trabalho como professores ou exercendo outra profissão.

¹⁴ É uma rede social lançada em 2004. Os usuários criam um perfil pessoal, adicionar outros usuários como amigos e trocar mensagens, incluindo notificações automáticas quando atualizarem o seu perfil.

¹⁵ A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. O Currículo Lattes se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País.

Outro ponto foi perguntá-los se a disciplina de Sociologia já estava implantada nas escolas durante o tempo em que realizavam os estágios docentes durante a graduação na área da Licenciatura e coletar em seus discursos dados sobre a história da disciplina no Estado do Ceará.

Algumas entrevistas foram realizadas no próprio Departamento de Ciências Sociais no Centro de Humanidades III. Outras foram realizadas na SEDUC-Secretaria de Educação do Estado do Ceará, assim como, em shoppings e em escolas que alguns dos egressos trabalhavam.

Senti necessidade de entrevistar docentes do Departamento de Ciências Sociais na UFC, para compreender a visão oficial da universidade sobre a Licenciatura e a formação dos alunos nessa área. Era necessário saber se existia na universidade discussões sobre a obrigatoriedade da disciplina no Ensino Médio e se havia estímulos para os alunos se formarem como licenciados.

Realizei um total de cinco entrevistas com esses professores. Tais docentes estudaram na própria universidade que hoje ministram aulas, formados em sua maioria pelo curso de Ciências Sociais na modalidade Licenciatura, sendo que alguns são oriundos das primeiras turmas desse curso. Procurei os que possuem mais tempo no corpo docente a fim de conseguir mais dados referentes a outros momentos na história do curso.

O contato com os professores universitários foi pessoalmente e consideravelmente fácil, já que sou aluna no curso de Mestrado em Sociologia na mesma universidade, porém marcar entrevista demandou certo tempo, uma vez que era de acordo com suas disponibilidades. Outro ponto a salientar é que algumas entrevistas realizadas no segundo semestre de 2015 sofreram dificuldades para acontecer, devido à greve dos servidores e professores da UFC.

As entrevistas ocorreram no Departamento de Ciências Sociais na UFC, nas salas dos próprios professores e em laboratórios de estudos em que fazem parte. Nas entrevistas os professores se mostraram acessíveis às perguntas, esboçaram suas opiniões a respeito da modalidade de Licenciatura, muitos dos professores se mostraram não favoráveis aos alunos concluírem sua formação na Licenciatura como veremos mais adiante nesse trabalho.

O roteiro de entrevista era composto por 16 perguntas, de caráter semiestruturada para proporcionar uma abertura nas respostas. As questões se referiam às suas formações, suas trajetórias profissionais, quais suas visões sobre a Licenciatura enquanto corpo docente do curso.

As entrevistas foram feitas presencialmente e com uso de gravador de som, sempre com permissão dos meus interlocutores para esse registro. A decisão por esse equipamento foi de extrema importância, pois é o melhor meio de registro para posteriormente realizar a análise dos dados obtidos.

As entrevistas foram encerradas quando constatei que havia um ponto de saturação nos diálogos com meus interlocutores, ou seja, como pesquisadora, notei que não apareciam novos dados ou percepções por meio dos seus discursos.

É importante dizer que na realização das entrevistas manifestou-se uma relação de confiança entre mim e os informantes, muitas das respostas deles foram de certa forma bem amplas e argumentadas, procurando descrever os eventos, o que colaborou bastante para a obtenção de maiores informações.

Outros interlocutores da minha pesquisa foram professores efetivos das Escolas Estaduais do Ceará, esses formados em Ciências Sociais em outras Instituições de Ensino Superior (IES). O intuito foi saber a história da disciplina no Estado do Ceará, pois há uma enorme carência de informações armazenadas sobre esse tema, uma alternativa foi encontrar esses dados através dos relatos desses interlocutores formados e efetivados muito antes da obrigatoriedade da disciplina no Estado. Realizei três entrevistas com essas pessoas.

Os egressos, os professores do Ensino Médio e os professores universitários terão suas identidades preservadas, relevante nessa pesquisa para que se sentissem mais à vontade para falar dessas questões relacionadas aos seus espaços de atuação profissional e onde estudam.

1.2 Apresentando os sujeitos da pesquisa

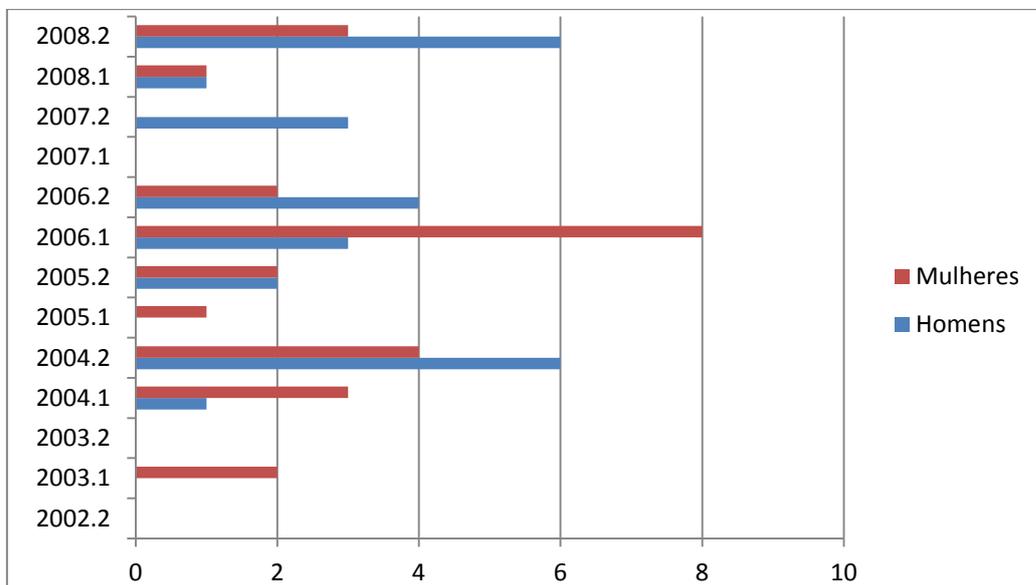
É necessário traçar um perfil geral dos sujeitos que compõem o objeto da pesquisa para que haja uma análise sociológica. Dessa forma, essa tarefa é essencial para contextualizar as respostas dos interlocutores e retirar delas as

informações que colaboram a produzir argumentos que sustentam os sentidos de tornarem-se licenciados em Sociologia. A partir da reflexão de suas trajetórias podemos descobrir as razões que os levaram para concluírem essa modalidade.

A seguir apresento, com o auxílio de gráficos, um perfil socioeconômico dos sujeitos da pesquisa, destacando aspectos como sexo, faixa etária, estado civil, formação, dentre outros. Posteriormente, exponho individualmente cada um dos trezes egressos entrevistados na pesquisa, destacando principalmente os aspectos que lhes conduziram à Licenciatura. Serão apresentados os professores universitários e os do Ensino Médio.

No percurso da realização desta pesquisa, coletei dados referentes aos alunos formados no curso de Ciências Sociais na modalidade Licenciatura (55)¹⁶. É importante saber que até 2006, quando estava em vigor o currículo de 1994, todos os alunos que entravam no curso de Ciências Sociais obrigatoriamente cursavam o Bacharelado, a Licenciatura só podia ser cursada após a conclusão do Bacharelado. No gráfico abaixo podemos visualizar os concludentes diversificando pelo sexo.

Gráfico 1- Concludentes de 2002 a 2008 por sexo (Licenciados).



Fonte: Elaborado pela autora

¹⁶ Esse número corresponde a alunos formados ao final dos semestres e colações especiais ocorrendo em outros períodos.

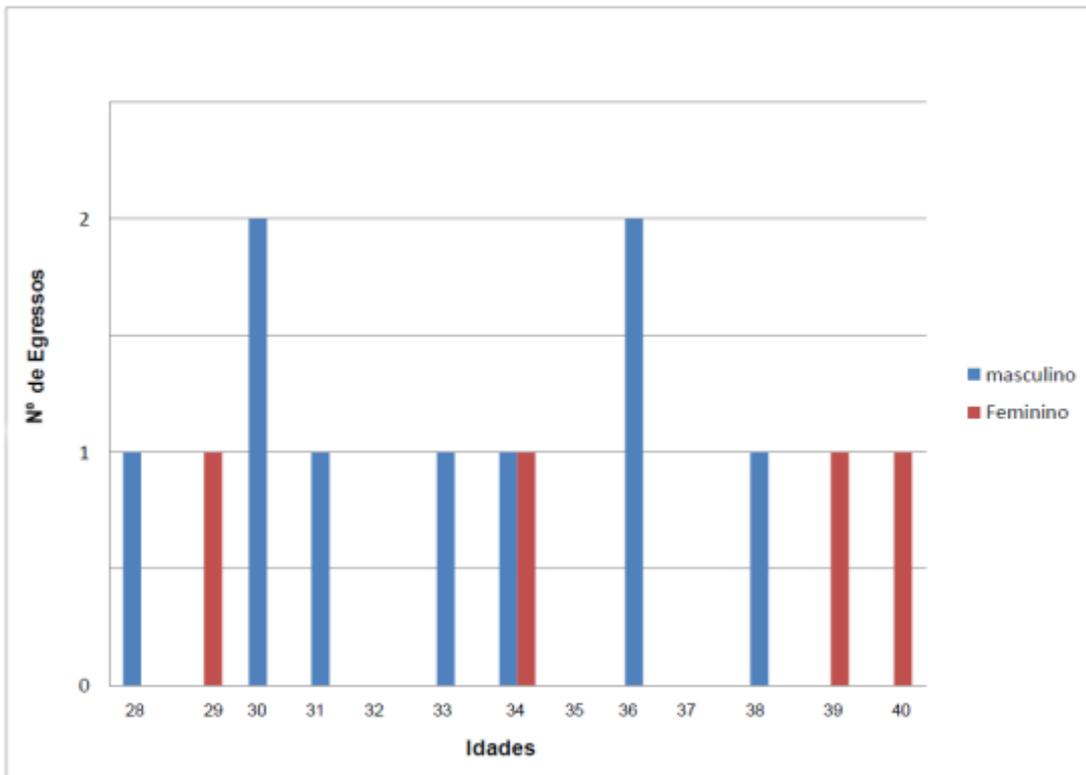
Podemos observar por meio do gráfico que em alguns anos o número de mulheres supera ou fica empatado com o número dos homens, e que em alguns períodos somente se formam mulheres na Licenciatura e isso está conforme a uma pesquisa¹⁷ feita pelo censo da educação superior em 2011 que revela a predominância das mulheres em relação às vagas nos cursos superiores. No período de 2001 a 2010, as mulheres mantiveram a liderança na ocupação de vagas nas instituições de ensino superiores públicas e particulares. Elas também aparecem com destaque entre os universitários que concluíram a graduação.

Ao entrar em contato com os interlocutores da minha pesquisa descobri que as mulheres em sua maioria que se formaram na Licenciatura encontram-se nas escolas do Ensino Básico. De quatro mulheres que entrevistei três estão na Educação Básica, enquanto os homens estão cursando pós-graduação. Seria essa uma herança de nossa tradição? Em nosso país quando olhamos para o passado, no início do processo educacional o que mais acontecia era o papel da docência atrelado às mulheres e aos homens cabiam outras profissões.

Percebe-se que as mulheres formadas na Licenciatura encontram-se na educação básica enquanto os homens vão para o Ensino Superior é um detalhe importante a observar, pois isso acontece frequentemente mesmo o curso não sendo o de pedagogia, que em sua maioria é composto de mulheres para trabalhar na educação infantil e ensino fundamental.

¹⁷ Pesquisa pode ser acessada em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17241

Gráfico 2 – Idade/ sexo

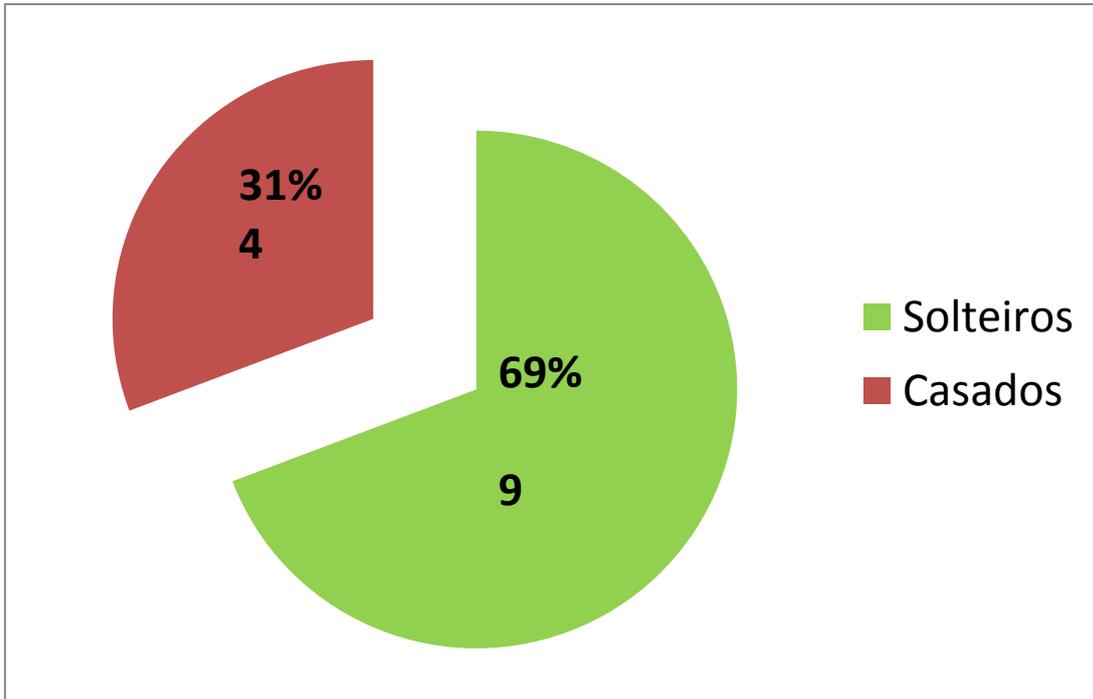


Fonte: Elaborado pela autora.

Portanto, podemos observar por meio do gráfico acima que a maioria dos entrevistados foi do sexo masculino (nove), quanto ao feminino (quatro). A idade corresponde a uma variação que fica entre 28 a 40 anos. Destes a maior parte (dez) com idade entre 30 a 39 anos. Notamos que eles abrangem a faixa etária adulta e que terminaram o curso na idade média de conclusão, ou seja, não demandaram mais tempo para se formarem, ou terminaram tardiamente.

Em seguida, no gráfico (três) percebemos a questão do estado civil: nove são solteiros, e quatro são casados. No grupo dos solteiros, alguns moram com os pais (três), outros moram com parentes (quatro) e o restante, sozinhos. Outro ponto a ser notado é que entre os casados, apenas um possui estabilidade financeira, os outros ainda se encontram na busca por se tornarem concursados e assim ter a estabilidade tão aspirada.

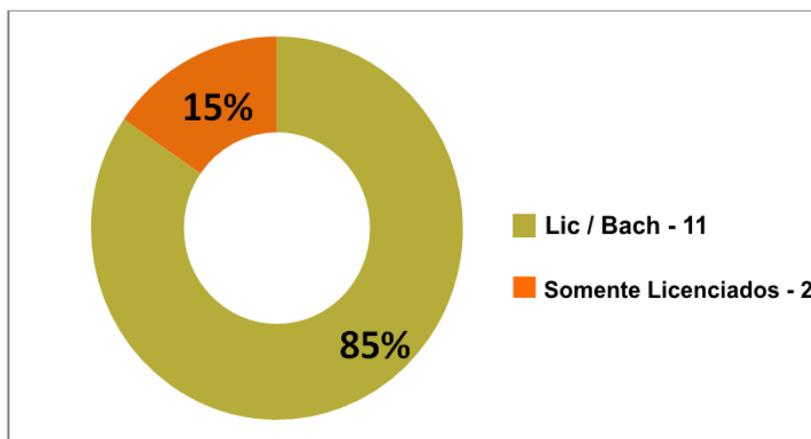
Gráfico 3 – Estado civil



Fonte: Elaborado pela autora.

Podemos ver abaixo o gráfico (quatro) quanto à formação dos egressos no curso de Ciências Sociais. A maioria possui as duas formações, Bacharelado e Licenciatura. Onze são formados nas duas modalidades enquanto dois são formados apenas na Licenciatura, pois segundo eles, quando entraram no curso havia outro currículo vigente (2006) que separava as modalidades em dois cursos.

Gráfico 4 – Formação/ Bacharelado x Licenciatura

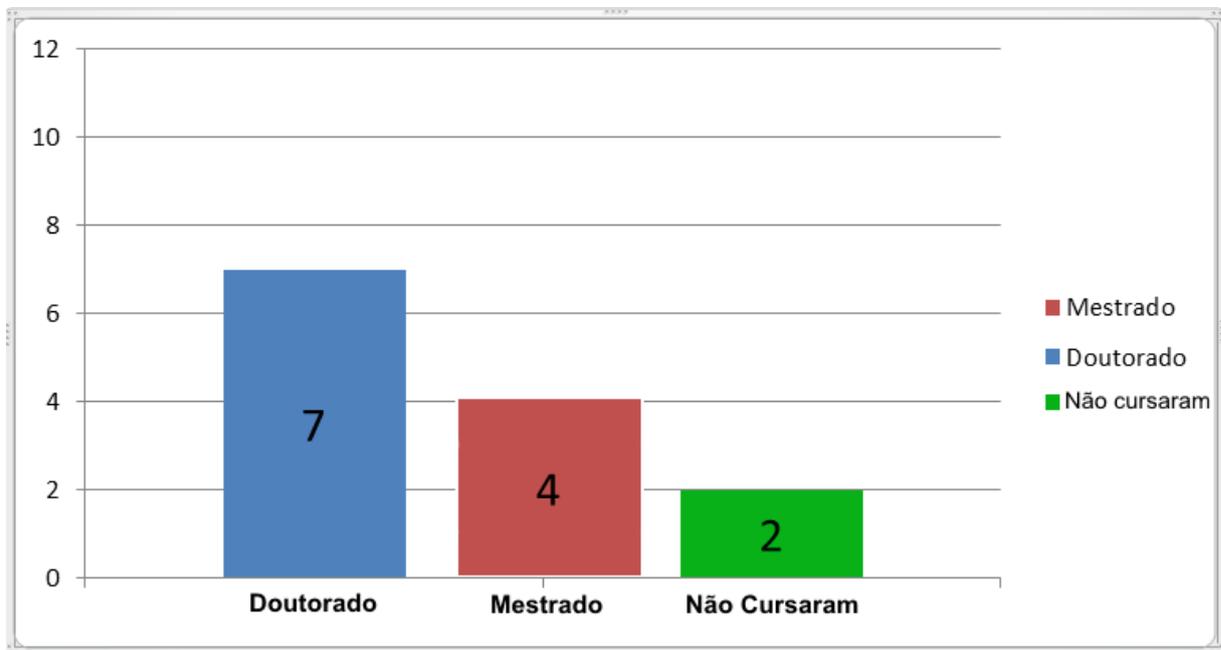


Fonte: Elaborado pela autora.

É importante notar que o Bacharelado era bastante valorizado pelos professores da UFC, apesar de ser obrigatório no currículo, ele era à base da formação no curso. Já a Licenciatura era vista como algo menor, que não tinha tanta importância. Pode-se notar que nesse período as bolsas se destinavam especialmente à iniciação científica que abrangia majoritariamente o Bacharelado. Na opinião de muitos professores, que veremos adiante nesse trabalho, havia um intenso estímulo à pesquisa que era o forte dos bacharéis.

A diferenciação entre as duas modalidades era bem delimitada. Em uma dos comentários dos professores universitários encontramos: “os alunos que saíssem somente com a formação na Licenciatura era evidente que não iriam percorrer a carreira acadêmica. Ser cientista social e pesquisador cabia aos bacharéis”. A lei de 1980 sobre a profissão de Sociólogo que cabiam o título ao formados pelo Bacharelado, reforçava ainda mais essa diferenciação.

Gráfico 5 – Cursando Pós-graduação



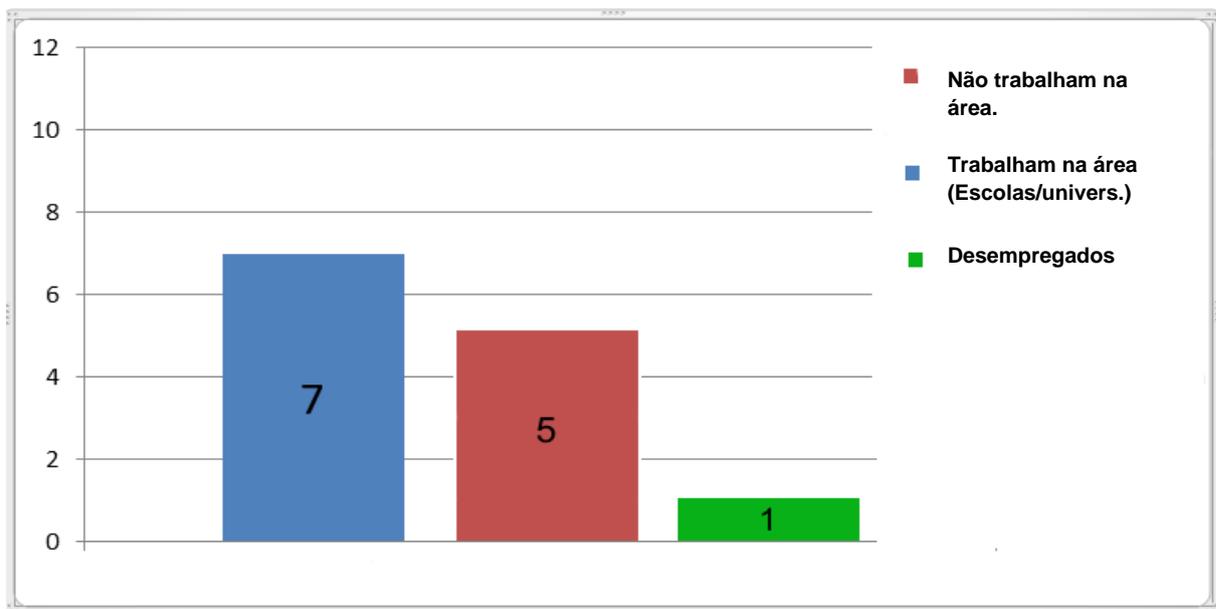
Fonte: Elaborado pela autora.

Onze egressos cursaram ou estão cursando a Pós-Graduação. Dentre esse número, destacamos sete que estão no Doutorado e quatro no Mestrado.

Esses dados revelam que os licenciados em maior parte não estão no ambiente escolar exercendo a formação na qual se qualificaram, pois esses egressos que estão na pós não estão na escola e não pretendem ser professores no Ensino Básico. Qual seria a razão deles não estarem em sala de aula? Por que os encontramos presentes em cursos de Pós-Graduação? Algumas de suas respostas obtidas por seus relatos possíveis é a ideia de que os salários e o ambiente de trabalho são melhores na universidade.

Quanto ao gráfico abaixo sobre docência observamos que sete trabalham na área docente e cinco se encontram na Pós-Graduação. É importante salientar que dos sete que atuam na área docente, quatro exercem a profissão de professores no Ensino Básico, e o restante como professores substitutos em universidades.

Gráfico 6 –Docência



Fonte: Elaborado pela autora.

Na tabela abaixo podemos visualizar todos os treze egressos que fizeram parte da pesquisa. Posteriormente, inicio a apresentação individual dos egressos, denominados pela numeração de 1 até 13.

Tabela 1- Perfis dos egressos (2002 A 2008).

Egresso	Sexo	Idade	Estado civil	Formação	Trabalha na área	Onde trabalha	Cursando pós
1	F	34	Cas.	Lic/Bach	Sim	Uece	Sim
2	F	40	Cas.	Lic/Bach	Sim	Escola Rogerio Frois	Não
3	F	29	Solt.	Licenciatura	Sim	Escola Polivalente Modelo	Não
4	F	39	Solt.	Lic/Bach	Sim	Escola não citou nome ¹⁸	Não
5	M	28	Cas.	Lic/Bach	Não	Não	Sim
6	M	30	Solt.	Licenciatura	Não	Não	Sim
7	M	38	Solt.	Lic/Bach	Sim	SEDUC	Sim
8	M	33	Cas.	Lic/Bach	Sim	UFC Virtual	Sim
9	M	31	Solt.	Lic/Bach	Não	Não	Sim
10	M	34	Solt.	Lic/Bach	Não	Não	Sim
11	M	36	Solt.	Lic/Bach	Não	Não	Sim
12	M	30	Solt.	Lic/Bach	Sim	Facul. Grande Fortaleza	Sim
13	M	36	Solt.	Lic/Bach	Não	Não	Não

Fonte: Elaborada pela autora.

Egresso 1

É bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela UFC. Possui mestrado em Sociologia também pela UFC. Atualmente encontra-se cursando doutorado na mesma instituição. Leciona disciplinas ligadas à área da Licenciatura na Universidade Estadual do Ceará, como professora substituta. Todo o seu processo de escolarização foi na rede de ensino público. Fez o vestibular para Biblioteconomia por influência de terceiros e lá conheceu as Ciências Sociais, surgindo um interesse que a fez mudar de curso. Afirma que entrou no bacharelado por não saber que existia a Licenciatura e que no decorrer do curso ela foi conhecendo pouco a pouco. Decidiu fazer a Licenciatura após terminar o Bacharelado. Por sua experiência em estágios ligados ao Bacharelado notou que não se identificava muito nessa área, e assim começou a achar a docência mais interessante.

¹⁸ A interlocutora pediu para não revelar o nome da escola em que atua.

Egresso 2

É bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela UFC, bacharela em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Possui título de mestre em Sociologia pela UFC. Leciona Sociologia na Escola de Ensino Fundamental e Médio Arquiteto Rogério Fróes, localizada em Fortaleza no bairro Cidade 2000. Possui carga horária de 40 horas semanais, sendo professora efetiva do Estado. Estudou em escola particular da educação infantil até ensino médio. Entrou nas Ciências Sociais como graduada. Afirma que entrou nas Ciências Sociais, pois já gostava, tendo conhecido por intermédio de um amigo que era aluno. Resolveu cursar a Licenciatura após o bacharelado por causa de um concurso do Estado para professores efetivos, objetivando assim um cargo mais estável.

Egresso 3

É licenciada em Ciências Sociais pela UFC. Leciona Sociologia na Escola de Ensino Fundamental e Médio Polivalente Modelo, localizada em Fortaleza no bairro José Walter. Possui carga horária de 40 horas semanais, sendo professora efetiva do Estado desde 2010. Estudou em escola pública até o segundo ano do Ensino Médio e o terceiro ano em escola particular. O curso de Ciências Sociais foi sua primeira opção, mas tentou também vestibular para Serviço Social na UECE. Entrou na UNIFOR cursando Ciências Sociais, pois não sabia que tinha na UFC. Em seguida, resolveu pedir transferência para a UFC, tendo entrado na Licenciatura sem saber, pois tinha ingressado no período que estava em vigor um novo currículo que permitia começar em qualquer modalidade não impondo mais o Bacharelado em primeiro lugar.

Egresso 4

É bacharela e licenciada em Ciências Sociais pela UFC, mestre em Sociologia pela mesma instituição. Atualmente trabalha como professora efetiva em uma escola de ensino fundamental e médio, localizada no bairro Barroso¹⁹. Conta

¹⁹ O nome da escola não foi referenciada a pedido da entrevistada.

que sua vida escolar foi no ensino público desde criança, e que depois quando adolescente se tornou bastante difícil, pois começou a trabalhar. Entrou na universidade no curso de Ciências Sociais, pois achou interessante quando obteve informações em um manual sobre profissões. Começou no Bacharelado e depois cursou a Licenciatura, foi uma fase complicada porque tinha que conciliar os estudos com o trabalho, não vivenciando de forma ativa a universidade em todos seus aspectos.

Egresso 5

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC, possui mestrado em Sociologia pela mesma instituição. Cursa atualmente o doutorado em Sociologia na mesma universidade. Estudou em escolas particulares. Comenta que ao escolher prestar vestibular para o curso não tinha muita clareza do que era Ciências Sociais. Entrou no Bacharelado e naquele momento não sabia que existiam duas modalidades. Afirma que a escolha por fazer a Licenciatura após o Bacharelado foi com o objetivo de não perder o vínculo com a universidade, já que tentaria o mestrado no outro ano e não queria se distanciar do mundo acadêmico.

Egresso 6

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Mestre em Sociologia pela mesma instituição e atualmente cursa o doutorado em Sociologia na UFC. Sua vida escolar foi em escola pública. O curso de Ciências Sociais foi escolhido por causa da afinidade com as disciplinas na área de humanas. Entrou no bacharelado e depois resolveu cursar a Licenciatura, mas sem objetivo de ser professor da Educação básica, pois queria cursar o mestrado e doutorado. Afirma que deseja se tornar professor universitário por achar que este profissional sempre está a adquirir conhecimentos novos e possuir um maior tempo para ministrar aulas e estudar, já que o Ensino Médio tem uma carga horária excessiva, não permitido estas atividades.

Egresso 7

É licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Cursa o mestrado em Políticas Públicas na UECE e trabalha na Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC) como superintendente. Sua vida escolar foi completamente em escola particular. Entrou nas Ciências Sociais por incentivo de um amigo, e por gostar da área de humanas. Comenta que não podia escolher a Licenciatura, pois já entrava no Bacharelado, e depois podia acrescentar algumas disciplinas para sair graduado nas duas modalidades. Precisou passar um tempo afastado e quando voltou já vigorava o novo currículo e assim mudou para a Licenciatura.

Egresso 8

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais, possui mestrado em Sociologia pela mesma universidade. Atualmente cursa o último ano no doutorado em Sociologia, na UFC. Sua vida escolar foi em escolas públicas. A entrada na universidade foi influenciada pelo cunhado que tinha formação em nível superior. Participou na escola do movimento estudantil. Por sua afinidade na área de humanas optou pelas Ciências Sociais. Afirma que ao entrar sabia da existência das duas modalidades pelo fato de ter lido sobre o currículo, mas que só poderia entrar no Bacharelado. Sendo assim após defender a monografia continuou na UFC para fazer a Licenciatura, por não ter passado na seleção do mestrado na mesma universidade e assim não perder o vínculo. Confessa que se tivesse tido êxito na seleção de mestrado não teria feito a Licenciatura.

Egresso 9

É Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Mestre em Sociologia pela UFC. Atualmente faz doutorado em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Estudou em escolas particulares até o ensino fundamental, depois tentou teste de admissão para escola o Instituto Federal do Ceará (IFCE) na qual fez o Ensino Médio. Através de uma seleção interna entrou para turismo no IFCE. O curso de Ciências Sociais foi sua segunda opção após

abandonar Turismo. A razão de entrar no curso foi por gostar da área de humanas e estar envolvido com o movimento estudantil, além de conhecer alunos que cursavam. Comenta que entrou no Bacharelado primeiro e depois cursou a Licenciatura, por acreditar que lhe daria mais uma opção de atuação.

Egresso 10

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Mestre em Sociologia pela mesma universidade. Hoje está no doutorado em Ciências Sociais na UNICAMP. Estudou em escola particular. Tentou vestibular para Ciências Econômicas na UNIFOR e Filosofia na UECE, cursando por um tempo as duas até que conheceu as Ciências Sociais, por meio desses outros cursos. Em seguida, cursou Ciências Sociais na UEVA – Universidade Estadual do Vale do Acaraú, se transferindo para UFC, conseguindo cursar as duas modalidades ao mesmo tempo. Sua decisão em se formar nas duas foi querer associar sua formação de pesquisador à área docente. Pretende ser professor universitário e comenta que esta profissão é um trabalho especial que envolve a formação de pessoas, mas que está inserido em meio a contradições.

Egresso 11

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais na UFC. Atualmente cursa mestrado em Ciências Humanas na UNILAB. Estudou em escola particular até o ensino fundamental e o Ensino Médio cursou em escola pública. Tentou vestibular na UFC e UECE para Ciências Sociais. Resolveu fazer o curso por incentivo de uma amiga que trazia informações sobre a área e também por seu envolvimento com o movimento estudantil. Entrou no Bacharelado e após terminá-lo resolveu fazer a Licenciatura com o objetivo de ampliar as suas possibilidades no mercado de trabalho e continuar o vínculo com a UFC a espera de um emprego na área de pesquisa.

Egresso 12

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Mestre em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Possui doutorado em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Estudou a vida toda em escola particular. Conheceu as Ciências Sociais em uma revista que falava das profissões e como tinha interesse com o tema da política decidiu de imediato que iria prestar vestibular para este curso. Tentou na UFC, mas também na UECE e UNIFOR, optando pela primeira. Entrou no Bacharelado e fez as disciplinas da Licenciatura ao mesmo tempo porque no seu período houve uma mudança no currículo que permitia essa conciliação entre as duas modalidades.

Egresso 13

É bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFC. Atualmente encontra-se desempregado, mas tentando concursos públicos. Sua vida escolar foi em escolas particulares. Tentou vestibular para Enfermagem, e depois em Ciências Biológicas, cursando por um ano. Tentou Ciências Sociais por se interessar na área de Antropologia e também por causa de uma pesquisa numa revista que falava sobre cursos e profissões. Entrou no Bacharelado e só depois de terminado este, cursou a Licenciatura. Segundo ele havia muito estímulo para o aluno fazer o bacharelado e depois mestrado e doutorado. Sua formação nas duas modalidades foi com o intuito de ter mais possibilidades e uma formação no curso de forma completa tanto na parte de pesquisa quanto na de ensino.

Tabela 2- Perfis dos professores universitários

Professores Universitários	Sexo	Idade	Estado civil	Formação	Graduação na UFC	Entrada como professor na UFC
1	F	-	Casada	Licenciatura	1969 -1972	1981
2	F	65	Divorciada	Comunicação Social	1971 - 1974	1985
3	F	64	Solteira	Licenciatura	1969 - 1972	1992
4	M	45	Solteiro	Lic/Bach	1990 -1994	2008
5	F	57	Solteira	Licenciatura	1977- 1980	1990

Fonte: Elaborada pela autora

Professor universitário 1

É Licenciada em Ciências Sociais pela UFC. Possui mestrado e doutorado também pela UFC. Passou pela UECE, fazendo parte do seu quadro de professores. Em 1981 ingressou como professora na UFC na área de Antropologia. A escolha por fazer Ciências Sociais foi despertada através das aulas de Sociologia da Educação que teve durante o curso Normal no Instituto de Educação, ensino público da rede estadual. Entrou na segunda turma no curso de Ciências Sociais, em 1969, quando a Licenciatura era a única possibilidade para quem escolhia o curso.

Professor universitário 2

Formada em Comunicação Social pela UFC em 1974, possui mestrado em Sociologia pela mesma universidade, e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Foi professora na UNIFOR antes de entrar na UFC, em 1985. Seu envolvimento com as Ciências Sociais foi devido a influências de colegas na área. Foi coordenadora do curso de Ciências Sociais três vezes. Vinculada à área de Sociologia, afirma que trabalhar com a área da Licenciatura foi sua escolha, pois isso sempre foi uma causa: lutar por uma boa formação para os futuros docentes, por uma melhor qualidade na educação pública.

Professor universitário 3

Formada em Ciências Sociais na modalidade Licenciatura pela UFC. Fez mestrado em Planejamento Urbano no Rio de Janeiro e doutorado também em Planejamento Urbano, nos Estados Unidos. Formada na segunda turma da graduação do curso de Ciências Sociais. Professora efetiva na UFC desde 1992. Afirma que por seu envolvimento com o movimento estudantil o curso de Ciências Sociais foi sua melhor escolha, pois queria trabalhar com os problemas da sociedade. Conta que a estrutura do curso de 1994 que tornava obrigatória a modalidade do Bacharelado foi determinante para que os alunos não optassem pela

Licenciatura, pois faria o curso se tornar mais longo, caso escolhessem sair com as duas formações.

Professor universitário 4

Licenciado em Ciências Sociais em 1994, pela UFC. Bacharel também em Ciências Sociais em 1996. Especialista em Saúde, Trabalho e Meio Ambiente para o Desenvolvimento Sustentável na UFC, 1999. Mestre em Sociologia também pela UFC em 2002. Doutor em Sociologia pela mesma universidade, em 2008. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará - UFC, onde atua na área de Antropologia desde 2009. Seu interesse pelo curso apareceu devido suas vivências em campanhas eleitorais, quando teve seu primeiro contato com a realidade social, tendo sido influenciado também pela irmã. Afirma que durante a Licenciatura ele enfrentou diversas dificuldades para a realização de seu estágio docente, pois os alunos não eram recebidos bem nas escolas. Comenta que a Licenciatura antes de 2008 não era muito valorizada, pela existência do PIBIC- Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica- o bacharelado era de certa forma mais favorecido.

Professor universitário 5

Licenciada em Ciências Sociais pela UFC, possui mestrado e doutorado em Sociologia pela mesma universidade. É professora do Departamento de Ciências Sociais e desde 1990, e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFC. Sua escolha pelo curso se deveu pelo seu envolvimento com a esquerda e por influência de um parente que já era formado na área. Quando fez a graduação não tinha muita diferenciação entre Licenciatura e Bacharelado, todavia, no período em que foi coordenadora do curso já percebia certa diversidade: “se você quer ser licenciado é para ensinar, mas se você faz bacharelado é para ser pesquisador”.

Tabela 3 - Perfis dos professores do ensino médio em escolas estaduais.

Professores do E.M	Sexo	Idade	Estado civil	Formação	Graduação na UFC	Concursado	Escolas (entrou)
1	F	51	Casada	Licenciatura	1985 - 1988	sim	2004
2	M	37	Solteiro	Licenciatura	1996 -2001	sim	2004
3	F	41	Casada	Licenciatura	1993 -1996	sim	1997

Fonte: Elaborada pela autora.

Professor do Ensino Médio 1

Licenciada em Ciências Sociais pela UFC em 1988, especialista em Ciências Políticas pela mesma universidade. Seu interesse pelo curso foi por causa de uma amiga que já fazia esse mesmo curso, mas também por ter tido contato com livros da área desde pequena, o que facilitou sua escolha. Durante sua graduação percebia que a Licenciatura era vista como algo menor, quem se formava somente na Licenciatura era visto como um profissional de segunda categoria que não conseguiu fazer uma monografia. Concursada desde 2004, sendo atualmente coordenadora pedagógica de uma Escola Estadual.

Professor do Ensino Médio 2

Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela UNIFOR em 2001. Fez o concurso em 2004 para professor efetivo no Estado do Ceará (SEDUC) e atualmente é assessor técnico na Coordenadoria de Desenvolvimento da Escola e Aprendizagem (CODEA). A escolha pelo curso de Ciências Sociais foi influenciada por uma prima que já cursava. Comenta que cursar a Licenciatura depois do bacharelado foi sua melhor decisão, pois desejava estar na escola e mais ainda dentro da sala de aula e fazer Licenciatura ampliava os horizontes.

Professor do Ensino Médio 3

Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), em 1996. Fez concurso para professor do Estado em 1997, vindo para Fortaleza somente em 2002. Sempre quis ser professora, por

alguns parentes. Conta que a escolha por Ciências Sociais resultou de sua tendência para a área de humanas. Na sua graduação na UERN existia apenas Licenciatura, no entanto, a existência do curso sofria constantes ameaças, por não ter um mercado de trabalho consolidado.

Com base nas descrições individuais apresentadas acima, ficam sintetizadas as informações pertinentes que serviram de bases para tecer argumentos que explicam o sentido de ser licenciado em Ciências Sociais, foram elas: suas trajetórias escolares, admissão e habilitação no curso de Ciências Sociais.

2 A LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS NA UFC

No contexto de minha pesquisa que se concentra nos egressos da modalidade Licenciatura, acredito que seja essencial submeter uma atenção maior para as instituições formadoras desses profissionais. Hoje podemos notar no quadro brasileiro a presença ainda reduzida de universidades, sejam elas Federais, Estaduais ou faculdades particulares, que tenham a modalidade Licenciatura presente nos cursos de Ciências Sociais.

Como já falado na introdução, no Brasil temos 33 Universidades Federais, 17 Estaduais e 10 particulares que possuem o curso com a modalidade Licenciatura. É inferior para atender suficientemente a todos os Estados (27), portanto, ao refletir sobre esse número visualizamos um grau de desvalorização existente quanto à formação de docentes no Brasil, principalmente, nesta área (Licenciatura em Ciências Sociais). Não há uma tendência a priorizar o ensino, mesmo sabendo o papel essencial que o professor tem na sociedade. Mas qual é esse papel? O que é ser professor em nossa sociedade? Conforme as questões acima, o professor é mais do que alguém com a permissão (licença) para ministrar aulas. Ele é um profissional formado para realizar a construção e reflexão do conhecimento, é responsável pela formação e desenvolvimento de crianças, adolescentes, entre outros, para que ocorra a superação dos problemas sociais.

Além disso, pode-se considerar que o professor tem a função de entender as razões associadas às diversas práticas docentes, ele deve desenvolver um olhar reflexivo e decidir quais medidas tomará na sua ação pedagógica.

Neste sentido, o docente deve estar preparado para situações cotidianas no ambiente escolar, sabendo que este é um espaço de experiências em que os sujeitos situam-se em fases distintas, com diversas multiplicidades, desta maneira o educador não pode ser apenas um técnico que ensina assuntos, no que concerne a explanação de conteúdos é imprescindível que ele saiba refletir sua prática e não somente empregar técnicas de ensino.

Nessa perspectiva, é importante refletir sobre o tipo de formação as universidades têm oferecido a esses professores. Apesar desses dados referentes ao desprestígio relacionado à Licenciatura, quando realizamos um apanhado

histórico do surgimento das universidades no Brasil percebemos dois pontos: primeiro que o processo foi atrasado se compararmos a outros países, e segundo que a maioria dos cursos criados foram na área da docência, porém nos de Ciências Sociais era voltados, principalmente, a área de pesquisa mesmo contento apenas a modalidade de Licenciatura.

Como comenta Vianna (2004) as universidades surgiram tardiamente no Brasil, em meados da década de 30. Segundo a autora foi criada nesse momento universidades com maior autonomia didática e administrativa, com interesse pela pesquisa e cultura. Mas qual seria o papel da universidade? Teriam o papel de uma espécie de instituição formadora de docentes? Podemos notar que sim, além de ter este papel ela também possui a função de formar bacharéis, mas deve-se saber que a criação de cursos voltados à formação de professores, ou seja, as Licenciaturas também iniciaram nacionalmente nessa fase em 1937.

No Ceará em 1955, ocorre a criação da Universidade Federal do Ceará. Alguns anos depois surge o curso de Ciências Sociais, no final da década de 60, sendo originado pela modalidade Licenciatura, tendo a primeira turma se formando em 1971. (HAGUETTE, 1991).

Nos primeiros anos de criação do curso²⁰, surgiram as linhas de pesquisas e os primeiros projetos. Em 1967, foi incorporado ao departamento o Instituto de Antropologia que tinha como finalidade realizar estudos e pesquisas procurando incentivar trabalhos que visavam à explicação dos problemas do homem como ser social.

Nas décadas de 60 a 70 aconteceu no país, principalmente nas universidades federais, um incentivo para a melhora da capacitação dos professores que ministravam aulas nessas instituições por meio de titulações de mestres e doutores. A partir desse momento, os professores do curso citado na UFC tiveram uma preocupação em obter esses títulos havendo um sistema de rodízio para a saída desses profissionais em busca desta titulação.

²⁰ A faculdade de Ciências Sociais e Filosofia que eram atreladas ao departamento de educação se localizavam desde sua criação na Avenida Barão do Rio Branco nº 1321, até 1974 quando os cursos que dele faziam parte- Ciências Sociais e Jornalismo – foram transferidos para a Avenida da Universidade.

Em 1974, ocorre a mudança de sede em que o curso de Ciências Sociais da UFC sai da Rua Barão do Rio Branco, no centro da cidade, e passa agora a ser transferido para a Avenida da Universidade. Há também depois em 1975 a criação do Curso de Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento, este que visava pesquisas de aspectos sócio-político-cultural, descritiva e explicativa do Nordeste, com ênfase especial no Ceará.

Apesar do pouco período de existência do Instituto de Antropologia, este ajudou a estimular trabalhos de pesquisas, assim começando a propor condições para o aparecimento de outra modalidade, o Bacharelado, ocorrido em meados de 1976.

Em 1980, a Lei No. 6888, de 10 de dezembro de 1980 passa a reconhecer nacionalmente o profissional de Ciências Sociais²¹, assegurando o seu exercício no país. A lei atribui àqueles formados em cursos de Ciências Sociais, Sociologia ou Sociologia e Política, exclusivamente na modalidade Bacharelado, a profissão de sociólogo, excluindo os licenciados em Ciências Sociais de obterem o mesmo título. Os licenciados também realizam pesquisas, entretanto, seu campo se volta à escola e a docência. A única diferença entre esses dois é a produção da monografia, realizada ao final do curso pelos alunos do Bacharelado. Nessa perspectiva, no trecho abaixo podemos observar como a Lei se apresenta:

Art. 1º - O exercício, no País, da profissão de Sociólogo, observadas as condições de habilitação e as demais exigências legais, é assegurado:

- a) aos bacharéis em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, diplomados por estabelecimentos de ensino superior, oficiais ou reconhecidos;
- b) aos diplomados em curso similar no exterior, após a revalidação do diploma, de acordo com a legislação em vigor;
- c) aos licenciados em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, com licenciatura plena, realizada até a data da publicação desta lei, em estabelecimentos de ensino superior oficiais ou reconhecidos;
- d) aos mestres ou doutores em Sociologia, Sociologia e Política ou Ciências Sociais, diplomados até a data da publicação desta lei, por estabelecimento de Pós-Graduação oficiais ou reconhecidos;
- e) aos que embora não diplomados nos termos das alíneas a, b, c, e d, venham exercendo efetivamente, a mais de cinco anos, atividade de sociólogo, até a data da publicação desta lei.

²¹ A Lei nomeava a profissão como sendo a de Sociólogo, abrangendo formados em cursos de Ciências Sociais, Sociologia ou Sociologia e Política.

Ao refletir sobre essa lei percebe-se o quanto ela tornou desigual os dois profissionais (o Bacharel e o Licenciado), mesmo sabendo que os dois possuem uma formação com uma base comum no eixo principal do curso de Ciências Sociais, conseqüentemente, provocou uma hierarquização entre as duas modalidades. De certa forma, isso contribuiu momentos depois para impulsionar muitos estudantes ao Bacharelado, por este ter a profissão reconhecida. Ocasionalmente por outro lado o afastamento dos alunos a modalidade de Licenciatura e da temática da Sociologia da Educação, reproduzindo futuramente uma geração de professores universitários sem conhecimento e interesse na dinâmica escolar.

Quanto à lei, sobre a profissão de sociólogo, mesmo sendo legitimada não ocorreu motivação de forma imediata dos alunos a preferirem esta modalidade. A Licenciatura nas Ciências Sociais na UFC até 1990 era a mais escolhida pelos alunos. Podemos visualizar os números na tabela abaixo:

Tabela 4 – Concludentes do Curso de Ciências Sociais da UFC segundo a modalidade – 1971-1990.

Ano	Modalidade			
	Licenciatura		Bacharelado	
	Nº	%	Nº	%
1971	15	3,7	-	-
1972	18	4,4	-	-
1973	22	5,4	-	-
1974	25	6,2	-	-
1975	15	3,7	-	-
1976	18	4,4	-	-
1977	-	-	-	-
1978	25	6,2	1	2
1979	26	6,4	3	6,1
1980	13	3,2	-	-
1981	31	7,6	5	10,2
1982	25	6,1	6	12,2
1983	28	6,9	7	14,3
1984	2	0,5	1	2
1985	21	5,2	7	14,3
1986	9	2,2	2	4,1
1987	26	6,4	4	8,2

1988	47	11,6	11	22,5
1989	8	2,0	2	4,1
1990	32	7,9	-	-
TOTAL	406	100,0	49	100,0

Fonte: Haguette, 1991.

Por que havia mais formados na Licenciatura? Podemos entender isso a partir do currículo implementado em 1985, período que ocorria a primeira reforma curricular que reforçava o eixo teórico-metodológico e a formação generalista, sem distinção de formar bacharéis e licenciados. Antes disso o bacharel era formado em Ciências Sociais, mas se especializava em uma área de concentração – Antropologia, Ciência Política ou Sociologia – cuja opção exigia uma integralização curricular específica que constava em seu diploma.

Este currículo admitia o aluno decidir entre as duas modalidades, visando uma elevação do nível de formação dos profissionais dessa área de conhecimento. O currículo garantia as condições necessárias para que o aluno pudesse obter uma formação articulada (disciplinas teóricas e metodológicas). As disciplinas permaneciam iguais para as duas áreas até o VI semestre, em seguida, os alunos que optassem pelo Bacharelado fariam disciplinas optativas e a monografia, já na Licenciatura o aluno faria disciplinas de didática, prática de ensino e estágio em escolas.

Durante este momento eram oferecidas 40 vagas no vestibular para o curso todo ano, no qual o aluno poderia optar pelas modalidades (Bacharelado ou Licenciatura) ou obter a formação nas duas.

Podemos ver abaixo a delimitação de cada profissional segundo o que foi proposto no currículo de acordo com o Projeto Político Pedagógico (1985) do curso.

A modalidade Bacharelado impõe uma formação teórico-metodológica mais sólida no sentido que indica ao estudante, de forma inicial, os caminhos da pesquisa, induzindo-os ao necessário exercício do trabalho de campo, ao expor a prática do ofício do pesquisador simultaneamente à contínua reflexão explicativa sobre as realidades sociais. [...] A modalidade Licenciatura abre para o estudante, de forma mais imediata, acesso ao mercado de trabalho como professor nos ensinos fundamental e médio,

uma vez que há possibilidades de contratação, mesmo de licenciados, pelas escolas das redes públicas e privada. (p.2)

Sendo assim, nota-se certa hierarquização existente entre as duas modalidades dos cursos de graduação, primeiro pela descrição acima do Projeto Político Pedagógico do curso, e segundo pela lei 6.888 que regulariza a profissão do sociólogo, excluindo os licenciados.

Mesmo com todas essas medidas o número de concludentes no Bacharelado até 1991 não era maior que o da Licenciatura. Segundo Haguette (1991) a média anual de concludente dentre esses 20 anos na modalidade Licenciatura era de 20,3 o que representava aproximadamente 50% das vagas oferecidas no vestibular para o curso, ou seja, 406 alunos que terminavam o curso. Já no bacharelado nos trezes anos somente 49 alunos se tornaram bacharéis.

Isso resultou em um número reduzido de profissionais formados nessa área, embora, seja considerada com um nível maior de competência relacionado à pesquisa, além da profissão ser reconhecida nacionalmente e permitir que o profissional possa se registrar no Ministério do Trabalho, garantido regulamentação da sua função e participação em sindicatos.

Quando refletimos sobre esse período em que o Bacharelado nas Ciências Sociais na UFC era deixado de “lado” pelos alunos podemos numerar algumas explicações, tais como, a *Licenciatura* concedia um acesso mais fácil ao mercado de trabalho, e eles não tinham muitas disciplinas com caráter de pesquisa ou obrigatórias ao curso nesse período concedendo aos alunos entrarem no mercado de trabalho ainda no final da graduação. Eles ministravam aulas de outras áreas do conhecimento como Geografia e História, isso segundo relatos de egressos daquele período²².

O segundo motivo era que na Licenciatura não era necessário fazer a monografia. No bacharelado, a monografia só ocorria no oitavo semestre próximo ao final do curso em que os alunos logo pensavam em trabalhar, ou estavam envolvidos com pesquisas ou dando aulas, se caso fossem licenciados. Nisso o

²² Falas dos atuais professores da UFC no departamento de Ciências Sociais que cursaram o curso naquele momento. Foi entrevistado cinco professores.

tempo de dedicação para o processo de construção da monografia ficava muito limitado, e prontamente os alunos acabavam desistindo desta modalidade.

[...] eu acabei não fazendo a monografia na época por questões da vida mesmo, de trabalho, de sobrevivência, apesar de ter feito todos os créditos do bacharelado ainda sobrou crédito e fiz o projeto com a professora Teresa Haguette, que até faleceu, e fiz tudo, mas acabei saindo antes de concluir minha monografia, mas eu senti muito isso ao longo dos anos, todo mundo dizia que era bacharel e licenciado, a diferença entre nós era só a monografia...(Professor do Ensino Médio 1).

Dessa forma, destaca-se que a Licenciatura tinha um percurso mais curto comparado ao bacharelado, não por uma exigência de menor carga horária ou créditos, mas pelo aluno ficar de certa forma “preso” por mais tempo na disciplina da monografia, por dificuldades de escolher um orientador e um período reduzido a dedicação para o trabalho final. Podemos visualizar isso na tabela abaixo:

Tabela 5- Tempo de Duração do Bacharelado em Anos na UFC – 1978 a 1990.

ANOS	Nº	%
3,5	4	8
4	3	6
4,5	3	6
5	9	18
5,5	5	10
6	5	10
6,5	6	12
7	3	6
7,5	3	6
8	3	6
8,5	2	4
9,5	1	2
SI*	2	6
TOTAL	49	100

(*) SI= Sem Informação

Fonte: Haguette, 1991.

Outra consequência foi, segundo relato de uma professora do período em questão, que os alunos não conseguiam entrar na pós-graduação no curso de Mestrado em Sociologia no próprio departamento. As vagas eram preenchidas pelos alunos da UECE²³- Universidade Estadual do Ceará do curso de Ciências Sociais, que eram considerados mais qualificados.

Agora eu lembro isso sim, a história de que era um problema que a gente do corpo docente começou a enfrentar que os alunos da graduação nossa, estavam com muita dificuldade para passar na pós-graduação, quem passava era o pessoal da UECE e isso foi um bom motivo para haver uma reforma no currículo e obrigar todo mundo a fazer o bacharelado. (Professor universitário 2).

Assim ocorreu a segunda reforma curricular em 1994. Com a implantação de um novo currículo. Dentre as alterações feitas, as de maior destaque foram: a) a modalidade Bacharelado passou a ser obrigatória para todos os alunos como pré-requisito para cursar a Licenciatura; b) foi implantado um “sistema misto de integralização curricular”, onde os dois primeiros anos do curso eram feitos em regime seriado, com disciplinas anuais, matrícula obrigatória, e o restante em regime semestral.

A justificativa para a obrigatoriedade do Bacharelado proposta no próprio Projeto Político Pedagógico (1994) seria a seguinte:

[..] que o aluno que cumpre as exigências do bacharelado está mais bem preparado para o desempenho de tarefas propostas a um cientista social ou professor de Ciências Sociais. O aluno estaria bem mais apto a ingressar em cursos de pós-graduação se passar pela experiência da produção científica da monografia. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 1994, p. 3-4).

A citação acima somada ao aparecimento das faculdades particulares foram fatores impactantes para estimular o aumento substancial dos alunos no Bacharelado, observando uma nova perspectiva de futuro profissional em ascensão.

²³ Vale ressaltar que o Departamento de Ciências Sociais na UECE só surgiu em 1989, então a primeira turma formada seria em 1992, não sendo as vagas do mestrado em Sociologia na UFC preenchidas por esses alunos da UECE em vista que o curso surgiu bem depois.

O fato é que todas as universidades passavam por reformas estimuladas a uma valorização do Bacharelado, que na nossa história frequentemente foi priorizado em universidades públicas com o intuito de formar profissionais liberais que geralmente se caracterizam pelos filhos dos que ocupavam posição de destaque social no país. (CONCEIÇÃO, 2012).

A valorização do Bacharelado se torna positiva, porque acreditavam que este profissional poderia desempenhar tanto pesquisas científicas, acadêmicas quanto ensinar em escolas a disciplina, pois este teria o domínio dos conhecimentos específicos da área, mesmo sem possuir os conhecimentos pedagógicos essenciais para a formação docente. Contudo, em 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ocorreu a quebra disso, pois a parte dela ficava cargo do Licenciados somente o ensino em escolas.

É importante conhecer a implantação deste currículo, uma vez que ele permaneceu até 2006, caracterizando o momento maior do recorte da minha pesquisa.

A partir desse currículo podemos perceber que os egressos não podiam escolher a Licenciatura como primeira opção, então todos que entravam através do vestibular obrigatoriamente cursavam o Bacharelado. Após o término deste, ficaria a critério do aluno a opção por cursar a Licenciatura ou não. No período da vigência desse currículo vale ressaltar que a disciplina de Sociologia²⁴ no Ensino Básico estava extinta em alguns Estados e em outros ela tinha o caráter optativo, logo, os licenciados não possuíam espaço de atuação legalizado.

O que deriva disso é que as Licenciaturas no país, não só na área de Ciências Sociais, vivem à margem dos bacharelados, no sentido de a Licenciatura não ser o centro, uma vez que os currículos das duas modalidades serem pensadas a partir do Bacharelado, o que explica muitos professores manifestarem dificuldades em desenvolver conteúdos programáticos, material didático e metodologias de ensino, pois a formação para a docência é deficiente. Outro ponto relevante da pesquisa é que dos cinco professores universitários que entrevistei (sendo quatro formados na modalidade Licenciatura e um no curso de Comunicação Social)

²⁴ Em 1971, com a lei nº 5.692, a Reforma Jarbas Passarinho, que torna obrigatória a profissionalização no Ensino Médio. A Sociologia deixa também de constar como disciplina obrigatória do curso Normal. Em 1984, a Sociologia é reinserida nos currículos das escolas de São Paulo, e em 1986, passa a constar nas escolas do Pará e do Distrito Federal.

apenas um deles ministra disciplinas na Licenciatura, destacando que este é formado em outro curso. Assim, podemos perceber a falta de interesse destes na Licenciatura.

O Bacharelado em questão possuía um total de 180 créditos, distribuídas entre: as disciplinas obrigatórias, que somam 126 créditos; as disciplinas optativas, que totalizam 54 créditos. Se escolhesse cursar a Licenciatura, o aluno ficaria mais um ou dois anos para fazer as disciplinas pedagógicas, já que as outras (obrigatórias) eram iguais a do Bacharelado, sendo assim, o aluno deveria cursar mais 24 créditos no total correspondente a soma das disciplinas: Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II, Didática, Prática de Ensino em Ciências Sociais I, Prática de Ensino em Ciências Sociais II e Estrutura e funcionamento do Ensino do 1º e 2º Grau.

Durante esse tempo a Licenciatura ficou em segundo plano, no campo universitário, não existia por parte do governo políticas de incentivo na área e na formação de professores de Sociologia, como por exemplos, programas de bolsas voltadas aos estudantes da Licenciatura.

A imposição do bacharelado no currículo do curso reverteu o número de concludentes nessa área referente aos anos anteriores. Abaixo podemos visualizar nesse quadro alguns dados:

Tabela 6- Concludentes do Curso de Ciências Sociais na UFC segundo a modalidade

Anos	Modalidade	
	Licenciatura	Bacharelado
	Nº	Nº
2002 a 2008	55	143

Fonte: Elaborada pela autora.

No quadro podemos ver que o Bacharelado nesse momento formava mais alunos (143), enquanto na Licenciatura não chegava à metade dos concludentes em relação ao Bacharelado. Podemos entender essa ação, não só por causa da imposição do Bacharelado no currículo de 1994, mas também porque nesse período os alunos queriam e acreditavam que o melhor caminho a seguir seria o Ensino superior, e não o Ensino Básico, e que a monografia fariam ter uma

formação mais ligada à pesquisa, o que poderia favorecer o melhor desempenho na seleção de Mestrado.

Em 1996, iniciava mais uma vez a luta pelo retorno da Sociologia aos currículos escolares brasileiros, nesse momento ganhava-se mais vigor devido a nova Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9394, de 20 de dezembro, na qual na seção IV, destinada ao Ensino Médio, mais precisamente o artigo 36, que fala que a Sociologia e a Filosofia são consideradas fundamentais no exercício da cidadania. Conforme a LDB:

Art.36 – O currículo do ensino médio observará o disposto na seção I deste capítulo e as seguintes diretrizes: I – destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania; [...] § 1º III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania. (LDB, 1996, P.35-36).

A lei ajudou a impulsionar muitos debates e discussões sobre o assunto. Outro fato que gerou discussões e mudanças novamente nos currículos das universidades era o artigo 62º, que denominava:

Art. 62- A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (LDB, 1996, p.43).

Com todas essas medidas relacionadas à disciplina no Ensino Médio, ocorreram em âmbito nacional diversos debates. Na UFC em 2000 houve a realização do “I Seminário Projeto Pedagógico: Socialização de percursos”, que foi promovido pela Pró-reitoria de Graduação e, posteriormente, com a criação do Fórum de Coordenadores e do Fórum das Licenciaturas com o objetivo de elaborar um novo (PPP) Projeto Político Pedagógico, que promoveria a separação das duas modalidades em dois cursos.

A promulgação da LDB de 1996 (art.62) destaca o impedimento dos bacharéis de exercer o magistério no Ensino Médio. Com isso nota-se pela primeira

vez debates em congressos nacionais que até então não abriam espaços para a discussão da Licenciatura e formação de professores.

Em 2001, O conselho Nacional de Educação por meio do parecer nº 492/2001, aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais de vários cursos de graduação, entre eles, o de Ciências Sociais, com nova proposta de formação de Licenciados e Bacharéis. Tais diretrizes trazem os “Princípios norteadores da concepção das diretrizes curriculares”, organizadas em sete tópicos que tratam do “Perfil dos formandos”, “Competências e habilidades”, “Organização do curso”, “Conteúdos Curriculares”, “Estruturação do curso”, “Estágios e Atividades complementares” e conexão com a Avaliação institucional (FARIAS; ROCHA 2013, p. 30).

A partir desse momento no país, com essas reformas aconteceram no curso de Ciências Sociais encontros entre o corpo docente para discutir o currículo e assim a nova elaboração de um Projeto Político Pedagógico que visibilizava a separação entre as duas modalidades e não mais a obrigatoriedade do Bacharelado referente à Licenciatura.

No curso de Ciências Sociais ocorreu uma nova reforma no currículo, resultado de todas essas transformações que aconteciam no país e pelo Projeto Político Pedagógico de 1994 não ser considerado de toda forma vantajoso em relação à integralização curricular: primeiro a prática de elaboração de programas não foi adotada, ou seja, não havia discussão acerca dos conteúdos programáticos, dos procedimentos didáticos e da avaliação da aprendizagem; segundo, por não haver nenhuma avaliação conjunta entre docentes e discentes, no sentido de discutir o modo de condução do curso e terceiro, porque os alunos efetuavam o trancamento de disciplinas e matrículas com mais frequência, o que ajudou para a fragmentação do processo de ensino/ aprendizagem.

No novo PPP de 2006, que é o mesmo adotado até hoje, percebe-se uma preocupação referente ao trabalho docente, procurando atender os desafios atribuídos pela Lei 9394/96. Ocorre a separação das duas modalidades como dois cursos, permitido ao ingressante escolher qualquer uma das duas.

Na Licenciatura o aluno não deixa de pesquisar, porém, seu campo principal gira em torno da escola: Campo das políticas de inclusão social; Campo dos movimentos sociais e da organização comunitária; Campo das políticas de qualificação para o trabalho e Campo das produções culturais. O Projeto

Pedagógico admite que a escola e seus desdobramentos sejam férteis objetos de pesquisa, porém, não aponta exemplos práticos de desenvolvimento desses tipos de estudo durante a graduação em Ciências Sociais.

A pesquisa é primordial na melhoria na formação dos professores, ajuda a refletir sobre situações e articular teoria a prática que favorece diretamente na qualidade do ensino, como também para a educação escolar em geral, produzindo um salto de transformação e avanço, visto que hoje é necessário: um professor que procure atizar nos alunos reflexões, para que ele interprete o que acontece em seu cotidiano articulando o real do escrito.

A carga horária da Licenciatura corresponde a um total de 2952 horas/aula, dividida em disciplinas obrigatórias, optativas, pedagógicas e atividades complementares, há um aumento de vagas do vestibular, sendo agora oferecidos 50 no diurno e 50 no noturno²⁵. Os alunos que desejam concluir a modalidade de Licenciatura em Ciências Sociais devem cumprir a carga horária total exigida pelo curso e produzir, individualmente, um Memorial do Curso de Ciências Sociais.

Atualmente, o Curso de Ciências Sociais, através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), oferta cem (100) novas vagas por ano, igualmente distribuídas entre o curso diurno e o noturno (50 vagas cada, divididas entre as duas modalidades).

Com relação às abordagens exploradas nesse capítulo compreende-se que o curso de Ciências Sociais, naquele momento (2002 a 2008), não tinha uma dinâmica de funcionamento com uma preocupação à formação do licenciando. Não havia incentivo a pesquisa ligada a escola, rico campo empírico, nem discussões a respeito da profissão de professor, sobretudo, ocorria escassez de professores para ministrar disciplinas nesta modalidade. A ausência do envolvimento dos professores universitários com a Licenciatura é e foi sentida pelos egressos, portanto, confirma a ideia de segregação e hierarquia entre as duas áreas e seus profissionais, o professor/pesquisador e o professor/ensino.

²⁵ O curso de Ciências Sociais noturno foi implementado em 2009.1, podendo o alunos optar por cursar Bacharelado ou Licenciatura. Por ser criado depois do recorte histórico dessa pesquisa optei por não realizar entrevistas com os egressos.

3 PERCURSOS DA SOCIOLOGIA

O que é a sociologia? Para que ela serve? A Sociologia é presente no nosso dia a dia, ela é a ciência que visa compreender como a sociedade e os grupos sociais se comportam. Os estudiosos dessa ciência possuem uma maneira particular de ver o mundo social. Por que a obrigatoriedade da Sociologia se faz tão importante no Ensino Médio? Segundo Farias & Rocha (2013) a Sociologia no ensino médio tem como função ajudar a compreender várias questões, tais como, preconceito contra minorias, formação do cidadão e entender as relações sociais presentes na sociedade.

A Sociologia se torna essencial para os jovens devido ao momento em que eles se encontram, em face de decisões, tanto voltadas à participação em questões públicas do país como também suas próprias escolhas pessoais. O que é ter uma formação na Licenciatura? Por que é tão importante ter a Licenciatura para ser professor de uma disciplina? O que muda dela para o Bacharelado? A Licenciatura é o ato de ter uma licença para ensinar, no entanto, mais do que isso ela é uma formação que capacita os alunos a poder exercer a docência.

A modalidade de Licenciatura possui uma base comum ao Bacharelado que no primeiro momento os alunos recebem uma formação com o eixo principal do curso (Antropologia, Ciência Política e Sociologia), todavia, ao final da graduação os licenciandos tem um direcionamento mais voltado a disciplinas de práticas docentes a fim de obter-se uma técnica para futura atividade docente que desempenharão. Além disso, eles participam de discussões a respeito da carreira de professor e a escola, tudo com o intuito de aprofundar-se e assim ter uma formação docente mais substancial.

Este capítulo tem como objetivo mostrar um pouco do percurso da disciplina de Sociologia nas escolas em nosso país, certo que esse processo não ocorreu de forma linear. Particularmente, a finalidade é promover um debate acerca da realidade da Sociologia no Ensino Médio, o seu ensino e os desafios encarados na atualidade. É necessário refletir sobre os motivos que assentaram a escolha pela inclusão da Sociologia em várias reformas que surgiram no país em muitos momentos.

Observa-se que os períodos de intermitências vividos pela disciplina tiveram ligações diretas com a situação política do Brasil, considerada importante e não tão necessária em outras ocasiões.

Por meio dos relatos dos ex-alunos do curso de Ciências Sociais, não só formados pela Universidade Federal do Ceará, foi possível reconstituir um pouco da história da disciplina de Sociologia no Ceará, visto que temos uma ausência de dados ou documentos oficiais que possam mostrar o desenvolvimento da disciplina no Estado.

Este capítulo está dividido em duas seções: uma primeira contendo um histórico da Sociologia no contexto nacional, e uma segunda parte contendo uma trajetória no Estado do Ceará. As duas partes procuram evidenciar uma reflexão acerca desse percurso e o papel que a disciplina exerce no Ensino Médio, além dos problemas que hoje ela enfrenta para sua permanência.

3.1 O desafio da Sociologia no Brasil

Segundo Bourdieu (2004), antes de tudo a Sociologia deve incluir uma Sociologia da percepção do mundo social, isto é, uma Sociologia da construção das visões de mundo, que também contribuem para a construção desse mundo.

A Sociologia é responsável por proporcionar reflexão. É muito importante seu papel no Ensino Médio, pois desde cedo os alunos irão notar os problemas sociais e a partir disso, eles construirão saberes sobre o mundo e os fenômenos sociais presentes na sua realidade. Eles desenvolverão uma forma peculiar de pensar a sociedade.

A história da disciplina de Sociologia no Brasil foi repleta de processos com o objetivo de institucionalizá-la nas escolas “secundárias” brasileiras. Há de considerar que foi um percurso de intermitências. Quando nos deparamos com a sua trajetória no Brasil percebemos quatro momentos característicos dessas interrupções: o primeiro momento seria entre 1890 a 1941, período que a disciplina se institucionaliza no ensino secundário.

Sua implantação no Brasil remonta ao início do regime republicano, quando Benjamin Constant, então ministro da Instrução Pública e destacado militante positivista, havia proposto em 1891 a introdução dessa disciplina nos cursos para adolescentes. Neste momento republicano a presença dela era importante, pois legitimava a ordem social republicana e auxiliava na elaboração de uma identidade nacional.

Em 1901, com a morte de Constant, a disciplina foi retirada do currículo. Segundo Santos (2004), a reforma do ensino de Benjamin Constant (nº98/1890) somente saiu do papel em partes, visto que foi substituído pela Reforma Eptácio Pessoa (nº 3.890/1901), a qual “retirou oficialmente a Sociologia do currículo, sem que ela nunca tivesse sido ofertada”. (SANTOS, 2004, p. 133).

Em 1925, no Colégio Dom Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, a disciplina foi inserida em seu curso de nível médio. Foi, no entanto, com a reforma do ensino de Rocha Vaz, também em 1925, que a disciplina de Sociologia se tornou obrigatória nas Escolas Normais.

Na década de 30, com o governo de Vargas, a Sociologia, entre outras disciplinas, passa a ganhar mais espaço, porém em 1937 com a instauração do Estado Novo, a disciplina sai do currículo das escolas secundárias, sendo somente mantida nas Escolas Normais destinadas a formação de professores. Sobre a formação docente para a disciplina em questão nesse momento Silva comenta:

[...] não é possível encontrar, até 1933, espaços oficiais de formação e produção acadêmica e por isso revela-se uma fase anterior pré-acadêmica, em que se praticavam as Ciências Sociais de forma autodidata e no ensino nos cursos de preparação para o exercício do magistério, nas Escolas Normais, e nas então denominadas Escolas Secundárias (SILVA, 2010, p.16).

Por meio dessa citação podemos notar o quanto era escasso os saberes disciplinares dos professores. No período dos anos de 1940 a 50, percebe-se no país uma nova mobilização para o retorno e valorização da disciplina em âmbito legal. Esse é também o segundo período entre 1941 a 1981, momento que a Sociologia estava ausente do currículo. A desculpa pela retirada dela seria o objetivo de desenvolver pessoas para o nível profissional, então não haveria uma necessidade de uma matéria de caráter formativo como o caso da Sociologia.

Ainda havia a possibilidade da inclusão da Sociologia na parte diversificada das habilitações profissionais, todavia as escolas eram orientadas no sentido de incluírem disciplinas que implicassem em aplicação prática dos conteúdos estudados. Como esse não era o caso da Sociologia, ela não constou de nenhuma grade curricular do 2º Grau até 1982. (SARANDY, 2004, p.146).

Nota-se também nesse período que a figura do professor era visualizada como um intelectual. Os saberes da profissão, da docência, não haviam ainda sido constituídos, pois os cursos de Licenciatura com uma boa formação ligada à área do ensino, como, por exemplo, a existência de produção de saberes sobre sua prática, era inexistente. Segundo Roldão (2007) a figura do professor é uma construção histórico-social que sofreu diversas transformações:

[...] o reconhecimento da função não é contemporâneo do reconhecimento e afirmação histórica de um grupo profissional associado a ela. Pelo contrário, a função existiu em muitos formatos e com diversos estatutos ao longo da história, mas a emergência de um grupo profissional estruturado em torno dessa função é característico da modernidade, mais propriamente a partir do século XVIII. (ROLDÃO, 2007, p. 94).

Podemos refletir sobre esse trecho da seguinte forma, o fazer docente foi construído com ao longo do tempo, não existia algo claro quanto a maneira ou a forma de ensinar e transmitir os saberes.

Ainda de acordo com Roldão (2007), o ato de ensinar originou-se antes de se produzir uma técnica sobre ele, um conhecimento sistemático, por isso, se torna uma profissão com “praticidade”, na qual não havia questionamentos as suas atividades e de que forma eram transmitidos os conteúdos.

Somente a partir dos anos 60 ocorreria a criação dos primeiros cursos voltados à Licenciatura em algumas universidades²⁶. Começam a surgir às primeiras universidades e faculdades com o curso de Ciências Sociais e Filosofia, na região Sul e Sudeste, mas com grande debilidade quanto à formação docente. Antes disso é possível visualizar que nos cursos Normais havia a disciplina intitulada Sociologia da Educação. No Ceará era oferecida pelo Instituto de Educação e por outras

²⁶ Na Universidade Federal do Ceará no curso de Ciências Sociais a modalidade Licenciatura surgiu com o curso em 1968.

escolas, antes mesmo da criação do primeiro curso no Ceará (UFC-1968). A luz da legislação atual, esses professores eram da geração dos docentes leigos, que ensinavam determinada disciplina, mas não possuíam formação adequada:

[...] eu já era professora bem no início do curso, eu não ensinava Sociologia, era Filosofia da Educação, eu ensinava nos cursos pedagógicos no curso Normal, mas não Sociologia. Era o curso do terceiro até o quarto pedagógico e foi aí que eu comecei a minha carreira como professora. [...] Foram cinco anos de magistério em uma escola particular. (Professor do Ensino Médio 1)

No discurso acima notamos que não só a Sociologia sofreu influência do ensino desses professores leigos. A Filosofia da Educação era ensinada pela professora 1 que não possuía formação nessa área e ainda estava cursando a graduação em Ciências Sociais.

Próximo ao golpe civil militar no Brasil (1964), o ensino de Sociologia foi banido das escolas e a justificativa foi referente a uma formação na perspectiva mais tecnicista, ou seja, formar profissionais mais voltados à produção no mercado. O professor passa a sentir sua ciência como algo inútil como pode perceber nesse trecho:

No Brasil, com o golpe militar na década de 1960, professores de Sociologia viram-se como “portadores” de uma “ciência inútil” e “perigosa”, pois, associada ao comunismo no entendimento e algumas autoridades políticas da época, ela foi dispensada do currículo escolar. Assim sendo uma espécie de “exílio” institucional da disciplina de Sociologia no então ensino secundário foi imposta. (FARIAS & ROCHA, 2013, p.21-22).

Durante a ditadura civil militar (1964 a 1985), a disciplina foi retirada das escolas, sendo substituída por Organização Social e Política do Brasil (OSPB), decretado em 1968 pelo então Jarbas Passarinho ministro da Educação naquele momento. Ao longo desse período a Sociologia ficou ausente das escolas, não se fazendo presente até 1996, e este encerra o segundo momento de sua história.

O terceiro momento seria de 1982 a 2001, um período de volta da Sociologia de forma optativa ao currículo do 2º grau de maneira gradual, mas também iniciam as lutas pela sua obrigatoriedade. Era colocada de acordo com cada

Estado e escola, embora não obrigatória, tendo mais a função de complementação no conteúdo.

A partir de então educadores, políticos, sociólogos e estudantes em vários Estados intensificam as lutas pela Sociologia no Ensino Médio. Em São Paulo, em 1983, a Associação dos Sociólogos promove a mobilização da categoria em torno do “Dia Estadual de Luta pela Volta da Sociologia ao 2º Grau”, ocorrido em 27 de outubro de 1983. Em decorrência desse movimento a Secretaria de Educação do Estado ofereceu cursos de atualização para docentes da disciplina e em 1986 realizou concurso público para professores de Sociologia. (SARANDY, 2004, p. 150-151).

Em 1996, com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) começam as discussões sobre a volta da disciplina a estrutura curricular. A LDB propunha que ao final do Ensino Médio os alunos saíssem com domínio nos conhecimentos de Filosofia e Sociologia, considerados necessários ao exercício da cidadania. Algumas escolas passam a implantar a Sociologia já que ainda não era obrigatória.

A LDB foi um grande marco para o retorno das lutas a favor da obrigatoriedade, tanto que no ano seguinte, em 1997, o então deputado Padre Roque (PT-PR) apresentou um projeto de lei que instituiu a obrigatoriedade curricular das disciplinas de Filosofia e Sociologia nas escolas de Ensino Médio no Brasil. O projeto tramitou por quatro anos nas instâncias política-burocráticas até ir para o senado em 2000 para votação, sendo adiado em primeira instância. A partir desse momento ocorreram mobilizações nacionais por parte de sindicatos e professores.

Contudo, o presidente Fernando Henrique Cardoso veta o projeto de Lei nº 9/00 que regulamentava o ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio. Justificativa para isso era evitar o risco de aumento das despesas dos Estados e do Distrito Federal, necessárias à criação de cargos e à contratação de professores para as novas disciplinas, por achar que não havia necessidade de os conteúdos de Filosofia e Sociologia serem apresentados em disciplinas próprias nas escolas e por não haver profissionais suficientes formados para ministrá-las.

O presidente não era favorável à consolidação da disciplina no Ensino Médio e possuía opinião negativa quanto ao ofício de professor, como observamos

através de seu comentário: “Se a pessoa não consegue produzir, coitado, vai ser professor. Então fica a angústia: se ele vai ter um nome na praça ou se ele vai dar aula a vida inteira e repetir o que os outros fazem”. (JORNAL DO BRASIL, 2001).

Apesar do veto do presidente podemos constatar que a disciplina já existia em alguns Estados do Brasil como componente optativo, que variava de acordo com a escola. No Espírito Santo a lei da obrigatoriedade foi aprovada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador ainda em 2001.

Com todas as reivindicações, lutas e êxitos nos Estados para a volta da Sociologia podemos notar que tudo isso desencadeou para o quarto momento, este que se torna o principal desse percurso, período entre 2001 a 2015. Em 2006, foi aprovado um parecer no Conselho Nacional de Educação (nº 38/2006) favorável ao Projeto de Lei de regulamentação do ensino de Filosofia e de Sociologia no Ensino Médio, o qual resultou na Resolução nº4/06, publicada em 21 de agosto de 2006. Posteriormente, o mesmo Projeto de Lei foi acatado no Congresso Nacional e em seguida sancionado pelo Governo Federal (BRASIL, Lei nº11.684/08).

Desde junho de 2008, a redação da LDB diz: “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do Ensino Médio”. A Licenciatura ganha mais destaque, pois passa a ter seu espaço reconhecido. É verdade que com a aprovação da Lei os alunos dos cursos de Ciências Sociais começaram a ter em vista um novo campo profissional, a escola, e decidem se formar também na Licenciatura.

... a regulamentação da disciplina de Sociologia no Ensino Médio (ao lado da Filosofia) pode ser interpretada com uma grande vitória da categoria de Sociólogos, filósofos e de todos os educadores que almejam uma sociedade em que os agentes sociais possam estar aptos a ir além da simples aplicação de destrezas no final da escolarização. (FARIAS & ROCHA, 2013, p. 33).

Antes da obrigatoriedade, em 2007, foi criado o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que busca inserir os alunos da Licenciatura no cotidiano escolar, procurando proporcionar vivências com a realidade da educação e assim obter experiências metodológicas e adquirir práticas de ensino inovadoras. (GONÇALVES; LIMA FILHO, 2014).

Em 2012²⁷, mais uma vitória da Sociologia com a aprovação do livro didático²⁸ para as escolas, essa adesão possibilitou uma divisão da ordem dos conteúdos a serem trabalhados nas três séries do Ensino Médio, ajudando aos professores a transmitir os conteúdos, além de vencer o desafio permanente que é o de transformar os saberes científicos adquiridos na universidade em saberes escolares para alunos não acostumados a termos científicos.

Segundo Sousa Neto (2014), a aprovação somente de duas obras didáticas para a disciplina de Sociologia mostra que diversos outros livros reprovados pelo Programa Nacional do livro didático (PNLD) não atendiam as exigências, com isso podemos observar um problema relacionado à construção de obras didáticas para a disciplina, resultado do percurso de intermitências da Sociologia no Ensino Básico.

Entendendo o livro didático de Sociologia como um artefato cultural que expressa escolhas sobre a seleção, a organização e o sentido do conhecimento sociológico na escola, podemos afirmar que o resultado desta avaliação, caracterizada por um enorme índice de exclusão de livros, denuncia algumas dificuldades relativas ao ensino da Sociologia. Possivelmente algumas dessas dificuldades estão relacionadas ao fato de que a Sociologia esteve ausente como disciplina obrigatória do sistema escolar brasileiro por quase sete décadas, período durante o qual as Ciências Sociais se consolidaram como uma carreira eminentemente acadêmica. Portanto, pode-se ao menos lançar a hipótese de que as dificuldades manifestas nos livros didáticos são, sobretudo, relativas à difícil conversão do conhecimento científico acumulado num saber escolar. (BRASIL, 2011, p.11).

Em 2015, na segunda edição foram aprovadas pelo PNLD seis obras destinadas a escolha dos professores. Houve então uma preocupação pelas editoras para qualificarem seus livros às exigências para a avaliação técnica do PNLD. A verdade é que essas adequações provocam lados positivos e negativos, positivos quanto à variedade de obras para a escolha e o livro servir como ferramenta para auxiliar na seleção dos conteúdos a serem ministrados para cada

²⁷ Foi o primeiro ano em que as escolas brasileiras tiveram um livro didático estabelecido para a matéria de Sociologia.

²⁸ Em 2012, pela primeira vez o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) lançou dois livros de Sociologia para serem escolhidos e adotados nas escolas públicas brasileiras: Tempos Modernos, Tempos de Sociologia, do autor: Julia O' Donnel; o outro é Sociologia Para o Ensino Médio, do autor: Nelson Dacio Tomazi.

série. Já o lado negativo seria a padronização desse conteúdo pelas editoras para a aprovação desse material.

Outra conquista da disciplina foi a presença cada vez maior de questões de cunho sociológico no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que desde 2010 se tornou obrigatório para a entrada dos jovens nas Universidades Federais de todo o país.

Com todo esse caminho que a Sociologia fez, ainda hoje, podemos notar o fato de ela estar no Ensino Médio não significa que sua permanência seja garantida. Enfrentamos no momento, problemas graves, como por exemplo, poucas vagas para professores de Sociologia em concursos públicos estaduais para escolas públicas. Segundo dados do censo 2013, a pesquisa revela que em nosso estado, o Ceará, 44% dos professores que ministram as aulas de Sociologia não são formados neste campo e sim em História, Geografia e outras disciplinas. Assim muitas vezes a disciplina é assumida por outros profissionais, como citado acima, não formados na área somente para complementar a carga horária, não tendo a preocupação devida de transmitir os conteúdos de forma a realizar uma reflexão sociológica. Conclui-se que são muitas as batalhas a serem vencidas.

Percebe-se que a Sociologia é uma disciplina que vem construindo sua identidade na Educação Básica. Necessita de intensos debates para que cada vez mais consiga explicar seu lugar e mostrar sua funcionalidade. Como esboça Lahire (2013): “a Sociologia é uma ciência frequentemente forçada a passar tanto tempo a explicar e a justificar seu procedimento e sua existência quanto a entregar os resultados de suas análises”. (p.17).

3.2 A Sociologia no Ceará

No Ceará, quando se decide pesquisar a história da disciplina, nos deparamos com um grande problema em questão: a falta de dados armazenados em documentos oficiais para ajudar nessa reconstituição histórica. Por isso, os dados coletados até o momento foram de um único livro que falava a respeito, chamado “Sociologia na Escola Média” organizado por Rosemary de Oliveira

Almeida e Adelita Neto Carleial, e também através dos discursos dos interlocutores que ajudaram a construir o percurso da disciplina.

Por meio de relatos de professores do Ensino básico atual foi possível fazer uma reconstituição da história da disciplina no Estado do Ceará. A Sociologia entre as décadas de 40 a 80 não era presente nas escolas cearenses, devido a diversos fatores (governantes, ditaduras, falta de profissionais), o mais importante deles é saber que durante o momento de 64 a 85 o Brasil passava por uma forte ditadura civil militar e isso influenciou o ensino desta disciplina.

Com a ditadura civil militar ocorreram mudanças dentro do contexto social, e a educação não ficou de fora, sofreu transformações, incluído matérias de Educação Moral e Cívica e Organização Política Social Brasileira –OSP– que não valorizavam a criticidade na aprendizagem. Os professores em geral tanto universitários quanto de escolas foram presos denunciados, muitos demitidos. As universidades foram invadidas, estudantes foram presos e feridos nos confrontos com a polícia, alguns foram mortos. Podemos notar nesse relato:

Minha turma, a exemplo do que ocorreu a várias outras, nos diversos cursos da UFC e em muitas escolas por este Brasil afora, foi atingida de maneira violenta pela ação da ditadura militar, vários colegas foram presos, muitos torturados, tanto física como psicologicamente, e tiveram seus estudos interrompidos. (Professor universitário 1).

A universidade passou por momentos difíceis em que perde sua autonomia como podemos notar no trecho a seguir. A universidade brasileira sofreu arranhões profundos em sua dignidade acadêmica, a razão da força sobrepôs-se à força da razão, inúmeros docentes sofreram cassações “brancas”, a avaliação dependia de aprovações de Assessorias de Segurança e Informação. (TRAGTENBERG, 1989).

No Ceará, assim como, em todo o Brasil acontecia o processo de industrialização, por esse motivo houve uma série de mudanças na política educacional do período. Em 1971, foi promulgada a Lei 5692 de 1971, que esboça as Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. Alguns pontos da Lei nº 5692 fazem referência ao ensino:

- extensão da obrigatoriedade para o 1º grau (1ª à 8ª séries);
- não se separa mais o ensino secundário do técnico, superando o dualismo escolar;
- superação do ensino propedêutico com a profissionalização do ensino médio para todos; - as empresas devem cooperar com a educação;
- integração geral do sistema educacional: do primário ao superior. (SANTOS e CORRÊA, 2010, p. 29).

No Ceará, nas escolas secundárias havia existência de ensino religioso e disciplina de OSPB- Organização Política e Social Brasileira- e Educação Moral e Cívica. Também nesse momento havia exames de admissão para passar do ginásio (atual ensino fundamental) para o 2º grau (Ensino Médio), como podemos ver nesse relato sobre o exame:

Meus pais, todos os dois fizeram até o sexto ano porque era na época da juventude dele era o único nível que tinha na minha cidade, até porque depois do sexto ano eles faziam um exame que chama exame de admissão e se passassem pelo exame de admissão e fosse aprovado é que eles davam sequencia, mas além de ter essa barreira do exame ainda tinha que ter condição de estudar em outra cidade, então todos os dois fizeram até o sexto ano. (Professor do Ensino Médio 3).

Podemos observar que a educação não era algo universal e aberta a todas as classes sociais. Algumas cidades do interior não possuíam escolas que ofereciam o 2º grau, tendo que o aluno se deslocar para a capital com o objetivo de continuar os estudos.

Observamos no relato abaixo ausência nesse momento da Sociologia no Secundário, o que mostra que o Ceará estava seguindo o decreto de Jarbas Passarinho de 1968, que a substituíra pela OSPB.

Eu me formei em 80, eu era professora do município só que meu pai era deputado e ele tinha um cargo na assembleia, eu trabalhava muito, durante a graduação eu vendia comida na praça Portugal porque não queria depender do meu pai e passei três anos vendendo comida na praça, quando eu me formei fiquei na Assembleia Legislativa como diretora, por um tempo eu levava o cargo do município e na Assembleia... Era disciplina de História e Geografia, porque não tinha Sociologia (Professor universitário 5).

Nas escolas Normais²⁹ a Sociologia nesse momento fazia parte, apesar de existir uma grande vontade de o ensino se voltar para a profissionalização e assim, compor pessoas com formações técnicas que o mercado de trabalho precisava.

Meu Ensino Médio foi em escola pública, fiz na verdade instrumentação cirúrgica que era um curso técnico, que ainda era o resquício da educação profissionalizante nas escolas normais, aí na verdade eu queria fazer medicina, mas eu tinha uma tendência muito grande para essa área de Ciências Humanas, e entrei. (Professor do Ensino Médio 1).

No Ceará, o exemplo dessas escolas foram o Instituto de Educação do Ceará (1884) e o Justiniano de Serpa³⁰ (1884). Segundo Silva (2008), as escolas Normais surgiram com o intuito de formar professores e assim reformular o ensino, dando luz a um novo pensamento pedagógico.

Trazido por aqueles que sentiam a necessidade de reforma do ensino, e que acreditavam que essa deveria se dar à luz do novo pensamento pedagógico implementado através do curso normal, tal pensamento aliado à ação especialmente dos professores da Escola. (SILVA, 2008, p. 8).

O curso Normal, ou também conhecido como pedagógico durou até 1996, quando houve a aprovação da nova LDB, onde ocorre uma superação do caráter técnico do ensino profissional. A LDB estipulava para a função de magistério a formação obrigatória de ensino superior na modalidade Licenciatura plena.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (Leis e Diretrizes e Bases da Educação, Brasília, 1996, p. 25).

²⁹ O curso normal, também conhecido como magistério de 1º grau ou magistério pedagógico, é um tipo de habilitação para o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental. É um curso secundário, equivale nos moldes atuais, a um curso profissionalizante em três anos em alguns estados e em quatro em outros, como Pernambuco. Por opção, o professor podia complementar por mais um ano, o chamado quarto normal, também chamado de Estudos Adicionais, em uma área específica, que o habilitava a atuar até a 6ª série (atual 7º ano). Foi uma medida desesperada dos governantes na época, dos anos 1970 até início da década seguinte, de sanar a falta de professores. As áreas específicas eram: Estudos Sociais, que habilitava para o ensino de História e Geografia, Ciências Matemáticas, para o ensino de Matemática e por último a de Alfabetização, que formava professores alfabetizadores especialistas nesse ramo.

³⁰ A partir de 1923 a escola muda de local e de nome, mas ainda continua oferecendo o curso Normal para a formação de professores.

O curso Normal permanecia apenas em algumas escolas. Nesse período mudou a nomenclatura de secundário para Ensino Médio (década de 90), que são as últimas etapas do ensino Básico e que se torna obrigatório. Em 1986, por meio dos relatos das minhas interlocutoras podemos perceber que nas escolas Normais havia a existência da disciplina nos cursos pedagógicos de Introdução à Sociologia, dentre outras:

Eu não fiz nenhum estágio em escola porque na verdade eu já trabalhava em escola como professora, mas eu fiz um estágio na secretaria da ação social pela Sociologia, mas eu já era professora, eu estava no quarto semestre da faculdade e já tinha começado a ensinar. Não ensinava Sociologia, apesar de está ser presente também, era filosofia da educação, eu ensinava nos cursos pedagógicos, psicologia da educação, didática dos estudos sociais, mas não eram ligados a minha formação, a Sociologia. Eram cursos do terceiro até o quarto pedagógico e foi aí que eu comecei a minha carreira como professora, mas o conhecimento da Sociologia me despertou e me ajudou muito nesse início. Foram cinco anos de magistério nesse início de carreira em uma escola particular. (Professor do Ensino Médio 1).

Fiz estágio no Ensino Fundamental que era... No Ensino Fundamental como não existia Sociologia e nem como optativa eu realizei o estágio em história no sexto ano e no Ensino Médio existia os profissionalizantes que era o magistério. Então eu estagiei numa disciplina de Sociologia da educação que era no magistério... Na minha cidade só tinha dois, o científico e o magistério, esse magistério era a pedagogia em nível médio, aí eu estagiei em Sociologia da Educação no magistério. (Professor do Ensino Médio 3).

Podemos observar que a Sociologia estava de alguma maneira nessas escolas, mas não era presente de forma consolidada. Em outros depoimentos percebemos que não se tinha a presença da disciplina em escolas secundárias.

Na minha época o Ensino Médio não era universal, ainda não tinha sido universalizado naquele tempo e muita gente não estudava, então era o único ensino disponível na escola e era o público e era um ensino de qualidade para aquela época... Não tive Sociologia. Eu estudei OSPB- Organização Política e Social Brasileira- e Educação Moral e Cívica que tinha também. (Professor do Ensino Médio 3).

No Estado o Ceará a exemplo a Sociologia já estava presente como componente optativo nos currículos escolares como afirma o trecho a seguir:

No Ceará, o ensino de Sociologia teve assento temporário nos 1980, quando ocorreu uma “seleção” de professores de Sociologia para os

quadros da Secretária de Educação Básica do Estado do Ceará. Depois disso, foram realizados concursos públicos para professores dessa disciplina no governo de Tasso Jereissati (1999-2002) e Lúcio Alcântara (2003-2007), no entanto, não foram dadas a eles as mesmas condições de trabalho que as demais disciplinas. Noutras palavras, foram estabelecidas aulas de Sociologia em algumas séries e outras não, com apenas uma aula de 50 minutos por semana em vez de duas aulas como a maioria das outras matérias do conhecimento, fato agravado pela ausência de material didático. (FARIAS & ROCHA, 2013, p.30).

Atualmente o tempo de aula ainda é de 50 minutos, contudo, hoje a disciplina está presente nas três séries do Ensino Médio. A respeito dos concursos públicos³¹ em âmbito nacional para professores em escolas Estaduais do Ensino Médio, acontece inicialmente no Distrito Federal em 1987 e posteriormente, ocorre no Ceará em 1997, em Minas Gerais em 2000.

... O interessante é que não era obrigatório, mas teve o concurso e abriram várias vagas para professor de Sociologia e eu lembro que para Fortaleza eram 17 vagas. Eu e uma colega minha que tínhamos terminado Ciências Sociais, livres e desimpedidas decidimos ir para o Ceará, quero nem saber para onde, e aí nos fomos procurar o edital para Aracati para fazer a inscrição e aí nós fomos olhar no edital a cidade que tinha mais vagas e tinha uma cidade com o nome Novo Oriente que tinham 4 vagas e minha colega que também se chamava Patrícia disse vamos tentar é nessa cidade aqui, Novo Oriente...(Professor do Ensino Médio 3).

Fiz um concurso mesmo para professor de Sociologia em 1997, mas assim Sociologia é sempre um número menor de vagas até mesmo menor que Filosofia. Como também não tinha estudado não consegui passar, aí a partir de 2000 também teve outros concursos para Sociologia foi aí que começou, mas muitas poucas vagas. (Professor do Ensino Médio 1).

O segundo concurso no Ceará foi em 2003, oferecendo 279 vagas para Fortaleza e outras cidades. Podemos perceber que apesar dos concursos oferecerem salários (R\$: 2,468,00) que não são tão satisfatórios do ponto de vista dos egressos, ser funcionário público era e ainda é uma realização pessoal.

...2003 é lançado o edital do concurso para professor da rede pública e aí eu pego o edital, fico muito interessado. Vi que na minha cidade tinha apenas uma única vaga que era Redenção e por coincidência era no meu distrito de Antonio Diogo... fiz a prova em outubro de 2003 e eu lembro que o exame era muito diferente do que é hoje. A gente tinha uma única prova que era a de conhecimentos gerais, e a tarde era a prova de conhecimentos

³¹ Não se tem estudos referentes sobre a história de concursos públicos para professores de Sociologia no Ceará, nem mesmo trabalhos sobre a história da disciplina no Estado, os dados contidos aqui no texto são resultados de conversas, entrevistas com profissionais formados na área e que prestaram concursos nesse período, além de coletas em obras bibliográficas.

específicos, então um turno era uma e o outro outra, eu vi que tinham sete inscritos e eu concorri com 6. A prova de conhecimentos específicos foi muito fácil. Eu fiz 38 questões de 40 e eu passei em primeiro. Então agosto de 2004 é que eu sou nomeado funcionário efetivo e aí foi uma grande realização na minha vida e a concretização de um sonho. (Professor do Ensino Médio 2).

O terceiro concurso ocorre em 2007, esse com um número menor de oportunidades para Sociologia, tendo sido oferecidas 100 vagas. O trecho abaixo ilustra a participação de um dos egressos nesse concurso.

Quando eu estava fazendo a faculdade ainda, nós fizemos uma seleção que eu até falei e eu já estava trabalhando. Eu entrei como estagiária e depois de 8 meses eu já estava contratada. Os outros colegas demoraram um pouco mais, aí eu fiquei muito tempo lá. Eu só saí da prefeitura por conta do concurso em 2007, que eu vim assumir em 2009. Então eu nunca pensei antes disso o que eu iria fazer depois de formada, porque meio que eu já estava engajada em um trabalho na área, que era o Orçamento participativo que precisava de técnicos formados na Sociologia. (Egresso 3).

É interessante observarmos que mesmo antes de sua obrigatoriedade no país, a Sociologia já fazia parte do currículo escolar em algumas escolas. Os professores que entravam para ensiná-la não ministravam somente esta disciplina, já que não era presente em todas as séries do Ensino Médio e nem em todas as escolas. Lecionavam Filosofia, Geografia e História dentre outras, uma vez que a Sociologia tinha um espaço reduzido comparado às outras disciplinas.

O último concurso até o momento realizado foi em 2013. Nesse em especial, o edital não abriu nenhuma vaga para professores de Sociologia. Tal fato foi fortemente criticado pelos alunos e professores da área que estavam reunidos no III Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica - ENESEB³², realizado na Universidade Federal do Ceará no Departamento de Ciências Sociais. Houve um abaixo assinado com aproximadamente 340 assinaturas³³ e na formação de uma comissão de professores da rede básica de ensino do Estado e de professores das Universidades, para participar da reunião com representantes da comissão do concurso público da Secretaria de educação do Ceará (SEDUC) para reivindicar a inclusão da Sociologia no edital.

³² De 31 de maio a 3 de junho de 2013.

³³ Dados coletado através de um blog: <http://sociologiaceara.blogspot.com.br/2013/06/sociologia-esquecida-no-concurso.html>

O resultado foi a inclusão de 16 vagas para a Sociologia. Isso mostra um retrocesso, pois se em 2007 o concurso abriu com 100 vagas antes da obrigatoriedade ocorrida em 2008, o concurso de 2013 vinha com poucas vagas. É algo a se refletir junto com os estudante e docentes para saber o que aconteceu.

Os concursos são importantes, pois significam um grande incentivo para a formação de novos profissionais na área da docência, como podemos perceber nos relatos de alguns egressos, já que muitos optaram por se formar também na Licenciatura por causa da abertura de concursos para professores no Ensino Médio.

... Primeiro só tinha bacharelado né, aí depois quando falaram que ia ter concurso para professor do Estado, muitos recorreram ao curso de Licenciatura, aí eu me interessei e disse ah eu vou fazer também, pois tinha uma turma que já estava cursando aí no outro semestre eu me matriculei... (Egresso 2).

Outro ponto de incentivo que surgiu aqui no Estado do Ceará antes da lei da obrigatoriedade da disciplina foi uma política pública nacional de incentivo para a Licenciatura: o PIBID- Programa institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, criado na UFC na área de Sociologia em 2009.

No entanto, percebe-se a falta de pessoas qualificadas para ministrar a disciplina no Ensino Médio, como já falado anteriormente nesse trabalho, cerca de 44% dos professores que ensinam Sociologia nas escolas não são licenciados nessa área.

Isto incita a refletir: que espécie de formação está tendo os alunos sobre a matéria de Sociologia sendo ministradas por profissionais que não são formados na área? Com certeza um aprendizado deficiente, uma vez que muitos desses professores não possuem a formação adequada.

O censo de 2013 revela que tanto em escolas privadas como nas públicas, os que ministram aulas de Sociologia e são licenciados nesta área corresponde a 14%. Esses números apontam para um dado ainda mais alarmante: o fato de 86% dos professores de Sociologia não possuírem formação na área. Destaca-se uma necessidade de fazer concursos que priorizem a contratação de professores com a formação na área específica que vão atuar.

Os fatos revelam uma perspectiva negativa, pois nos faz refletir que a legislação vigente não é respeitada, já que qualquer professor pode e se sente capaz de ensinar Sociologia.

Portanto, os dados acima mostram que há um novo desafio pós-obrigatoriedade da disciplina de Sociologia, que é o de exigir que as escolas respeitem a legislação e que os professores que ministrem as aulas da disciplina sejam docentes formados em Licenciatura plena em Ciências Sociais ou Sociologia.

Esse é um tema para debates que precisa ser tratado pelas instituições de ensino, que são responsáveis pela ensino e aprendizagem de professores dessa área, e pelas escolas que precisam exigir a formação de acordo com a legislação.

Podemos perceber que os licenciados em Ciências Sociais não estão na Educação Básica. Onde estão? Qual será o motivo que levam aos egressos da Licenciatura não estarem atuando na escola? Por meio dos enunciados dos egressos podemos ter algumas justificativas, que em sua maioria corresponde a baixa rentabilidade e não valorização do profissional, sendo a situação considerada por eles melhor no ensino superior. Vejamos a seguir alguns trechos:

Na carreira fora da universidade pública o professor acaba tendo um trabalho precário porque o salário acaba não sendo o que você deveria ter, mesmo você tendo o doutorado que acaba te tomando mais tempo dentro e fora da sala de aula. Não há muito incentivo para a carreira docente fora da universidade. (Egresso 12)

[...] ser professor era a minha segunda opção e meus caminhos não me levaram para o ensino, cheguei a fazer uma seleção para professor substituto para uma escola do Estado, enquanto trabalhava em uma ONG, eu passei, mas eu achei que não compensava e eu iria perder dinheiro porque me falavam que a hora aula era um valor muito baixo, a remuneração não era atrativa para mim, eu não ia deixar meu trabalho no campo que eu já era consolidado. (Egresso 11)

[...] é uma profissão fundamental, sobretudo, na Educação Básica não me parece ser valorizada o suficiente com todo tipo de dificuldade: de salário, de condição de trabalho, de respeito. Eu tenho esse tipo de visão e eu acho que professor universitário, sobretudo, em Universidade Federal está em uma situação bem mais cômoda. (Egresso 5)

[...] o professor não é valorizado em muitos aspectos principalmente os professores da Educação Básica que não é valorizado suficientemente pela função que ele representa na sociedade, ele é desvalorizado em termo salarial que eu acho que poderia ser melhor até mesmo para ele ser motivado. (Egresso 1)

Eu acho que tem vários fatores, seria difícil falar sobre os principais, mas eu acho que professor universitário tem mais assim tempo tanto para dar aulas quanto para adquirir novos conhecimentos, eu acho que professor do Ensino Médio não tem essa mesma capacidade, tem uma carga horária muito excessiva, me lembro de muito dos meus professores da escola que reclamavam que não tinham tempo de planejar outra atividade de ensino e eu penso que professor universitário tem mais possibilidade de produzir conhecimento. (Egresso 6).

Para os egressos, a profissão de professor na Educação Básica ainda se torna desvantajosa, levando em conta a questão financeira, excesso de carga horária dentro da sala de aula, pois no Ceará, as turmas do Ensino Médio chegam a possuir 50 alunos. Para um professor de Sociologia com uma carga horária de 40 horas semanais, multiplicando-se o número de suas turmas (27) com a média de alunos por turma (50), ele terá aproximadamente 1350 alunos. Do mesmo modo, o excessivo número de alunos/turmas consome grande parte do tempo dos professores para a correção de avaliações.

A profissão torna-se mal vista não se tornando uma área de mercado de trabalho atrativa. O professor do Ensino Médio, muitas vezes possui uma profissão que não alia o ensino a pesquisa como deveria, entretanto, acredito que não são somente essas justificativas que os fazem não quererem permanecer na escola, o status social na qual o professor universitário possui se torna algumas vezes o motivo principal da escolha deles pela saída da escola para a universidade.

Devido a esses motivos encontramos poucos licenciados em Sociologia nas salas de aulas em escolas. Através dessa pesquisa podemos constatar que os mesmos se encontram no caminho rumo ao Ensino Superior, acreditando que esta seja a melhor opção.

Os egressos observam a profissão de professor na Educação Básica como um “bico”. Este é o mesmo pensamento entre aqueles que são concursados, pois se encontram rumo à docência no Ensino Superior. Haguette (1990) define bico como um trabalho exercido em tempo parcial com o principal objetivo de obter uma recompensa financeira, não sendo uma situação definitiva. Assim, “ele é assumido para ‘passar uma chuva’ até que, amanhã, se encontre algo melhor.” (HAGUETTE, 1990, p.41).

Embora o texto tenha sido criado em um contexto educacional anterior ao desta pesquisa, as análises centrais que ele propõe na discussão contribuem bastante para esse estudo, principalmente a categoria “bico” que explicita uma concepção de trabalho docente que pode ser percebida nas falas dos egressos.

Analisando o discurso dos interlocutores notamos que o foco não é o Ensino Médio. Se por acaso forem ser professores na escola já compreendem que é um trabalho temporário, esperando a ‘chuva’ passar, e assim aparecer a oportunidade de entrar como professor no Ensino Superior.

Nesse sentido, os egressos aproveitam o melhor possível da situação em que se encontram, embora sendo esta insatisfatória. A Licenciatura foi cursada após o Bacharelado pela maioria dos egressos como intuito de não perder vínculo com a UFC durante a espera pelo mestrado. Ser professor do Ensino Médio não está nos seus planos em longo prazo, ser professor universitário é uma profissão mais consagrada e cômoda na visão deles.

A profissão de docente como bico é percebida através de vários relatos deles, em uma dos enunciados do egresso 4 notamos essa característica, esta por sua vez é concursada desde 2004, apesar disso, deseja o ensino superior, teve experiência em lecionar em faculdades particulares.

Durante sua entrevista, afirmou que está desanimada com o trabalho na escola, a remuneração é baixa, por isso precisa trabalhar em outros lugares para completar sua renda, e que ser professora universitária significa ser mais bem recompensada.

Analisando as falas notamos uma visão superestimada da profissão de professor universitário, criando um estereótipo como sendo uma carreira com ótimo salário, ambiente de trabalho estruturado e sendo bastante valorizada, porém veremos mais adiante que não se tem uma diferença tão substancial quando comparamos alguns pontos entre essas duas profissões.

A docência no Ensino Médio passa então a ser vista cada vez mais tanto pelos alunos do Ensino Básico quanto pelos da universidade, como um campo de trabalho não desejado. O ingresso no magistério muitas vezes é ocasionado por circunstâncias como: a necessidade de obter rendimentos ou por pensar que tem maior facilidade de conseguir um trabalho.

Esse capítulo teve como principal objetivo refletir sobre o percurso da disciplina, informar os concursos que ocorreram na área tanto no Ceará como em outros Estados brasileiros. Por fim, trazer a discussão sobre a profissão de professor como algo exercido por um tempo determinado.

4 A VALORIZAÇÃO DA LICENCIATURA

Ao considerar o momento atual vivido pelos alunos da Licenciatura, os recém-formados, os professores e outros que fazem parte deste grupo, nota-se que os tempos são outros, aconteceram melhorias, porém não foram tão significativas quanto se esperava. Ocorreu a consolidação do mercado de trabalho com a lei da obrigatoriedade (2008), mas não houve a garantia desse espaço de trabalho ser ocupado por esses profissionais licenciados em Sociologia, nem mesmo que haveria vagas nos concursos posteriores a Lei³⁴.

O que caracteriza o mercado de trabalho na Licenciatura em totalidade é ele ser oscilante, apesar de ser aberto, possibilitando ser pesquisador ou professor ou ambos, ele não assegura que a ocupação do cargo do ensino da disciplina de Sociologia seja somente desse profissional.

Por meio dos relatos dos egressos podemos visualizar que muitos não visam à carreira de professor do Ensino Básico, não há desejo em ingressar nesta função. O motivo revelado é a falta de consagração desta profissão, decorrente que em nosso campo profissional outras atuações possuem um melhor *status*, como o pesquisador e o professor universitário.

Ser professor da Educação Básica segundo os nossos interlocutores não é recompensador por diversas razões, assinaladas como: más condições de trabalho, ausência de reconhecimento profissional e baixos salários.

Essa visão já vem de um discurso pronto e incorporado entre os grupos de professores. Há uma criação de uma imagem depreciativa desta profissão ligada diretamente à sobrecarga de seu trabalho (como já dito chega a ter 1350 alunos, 27 turmas para fechar as 40 horas semanais), que está vinculada especialmente ao grande número de turmas que eles necessitam assumir para completar sua carga horária. Além disso, a questão salarial ocupa espaço de destaque nas justificativas de desvalorização. Contudo, a profissão não é somente repleta de pontos negativos, é essencial ter uma visão mais equilibrada. Segundo Nóvoa:

³⁴ A prova disso foi o concurso de 2013 que em um primeiro momento não abriu nenhuma vaga, mas que com intensas reivindicações abriu somente 16 vagas para sociologia.

Num olhar rápido temos a impressão que a imagem social e a condição econômica dos professores se encontram num estado de grande degradação, sentimento que é confirmado por certos discursos das organizações sindicais e mesmo das autoridades estatais. Mas cada vez que a análise é mais fina os resultados são menos concludentes e a profissão docente continua a revelar facetas atractivas. (NÓVOA, 1999, p. 29)

Outro ponto essencial que podemos refletir nos discursos dos egressos é que esse professor do Ensino Médio não se vê como um intelectual, já que não faz pesquisa e assim acredita que o intelectual seja o professor universitário que além de ensinar também faz pesquisas, já que este possui uma melhor divisão da sua carga horária em sala de aula, eles por obrigação devem ministrar 15 horas em sala de aula se não exercer nenhum cargo administrativo que é bem menos do que a de um professor da Educação Básica (27 horas em sala de aula). O trabalho intelectual assim é mais valorizado do que o “braçal” na opinião deles, no entanto, essa seria a segunda justificativa, a primeira seria o salário sempre referenciado nos depoimentos, mostrando que na escola os professores ganham muito pouco, essa é a maior motivação que faz com que os licenciados não escolham a escola e, sim a universidade.

Nesse momento hoje não, em primeiro lugar para a gente ter uma boa qualidade de vida na condição de professor a gente precisa se matar para trabalhar... [...] para gente ter uma qualidade de vida melhor como professor é preciso trabalhar muito. Nesses últimos dez anos eu nunca trabalhei em uma instituição só, então eu pegava vários outros empregos para complementar a minha renda para ver se conseguia comprar uma casa, para ver se a gente consegue comprar um transporte, então, mas a minha insatisfação mais é referente ao público, da desmotivação e desvalorização que a gente tem, enfim nesse momento eu não estou satisfeita com a minha profissão. Talvez como professora universitária eu me sinta melhor e mais recompensada. (Egresso 4).

Portanto, observamos que a expectativa das entrevistas em torno da profissão de professor universitário corresponde à realização de todas as aspirações, tais como qualidade de vida, do ambiente onde trabalham, melhores salários e reconhecimentos, mas o motivo alegado pelos egressos o principal é ter o reconhecimento, visto que é indispensável ter seu trabalho valorizado.

O que seria nesse sentido o trabalho de professor ser valorizado? Segundo Almeida (2013), o professor do ensino médio seria valorizado se a carga

de trabalho fosse compatível com seus salários, como isso não ocorre se cria uma imagem depreciativa de status social e econômico desta função.

Nessa perspectiva, o trabalho do professor na escola possui uma longa carga horária de trabalho³⁵, muitas vezes não restando tempo para outras atividades que eles poderiam vir a desenvolver como, por exemplo, uma pesquisa, especialização ou publicações de artigos.

Ser pesquisador é importante para o professor, uma vez que é por meio da pesquisa que ocorre a produção de novos conhecimentos que o condiciona a uma reflexão, este então deixa de apenas reproduzir o que já foi produzido por outras pessoas.

Em consonância com as trajetórias e os processos ocorridos ao longo dos caminhos percorridos pelos egressos do curso de Ciências Sociais da UFC quanto à formação, este capítulo procura expor quais os sentidos atribuídos por esses ao escolher a modalidade Licenciatura antes da lei nacional da obrigatoriedade da disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

4.1 Os sentidos de ser um licenciado

Antes de apresentar os sentidos de escolher a Licenciatura, revelados pela pesquisa, é necessário saber captá-los para que ocorra a compreensão correta deles. Segundo Haguette (2010), os sentidos das ações dos sujeitos para serem compreendidos pelo pesquisador se faz necessário que este entenda o ponto de vista e se coloque no papel do outro, dessa forma a verdadeira intenção será percebida. Para melhor apreender os sentidos, ou seja, os motivos que levaram os egressos optarem por tal caminho utilizo a pesquisa social. Nesse sentido Minayo comenta que este tipo de pesquisa procura:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2008, p. 21).

³⁵ Hoje são 27 horas em sala de aula e às 13 horas restantes são destinadas ao planejamento, semanal.

As perguntas feitas nas entrevistas aos 13 egressos do curso de Ciências Sociais da UFC permitiam uma reflexão sobre suas trajetórias individuais. A análise dos depoimentos orais possibilitou entender o momento histórico em que eles estavam inseridos quando escolheram cursar Ciências Sociais e a formação para a docência.

Para entendermos os motivos de escolha pelo curso de Ciências Sociais e as trajetórias educacionais antes de cursarem o ensino superior, três aspectos principais podem ser apontados como os mais relevantes e presentes nos depoimentos dos entrevistados: o conhecimento do curso, a concorrência da carreira nos exames vestibulares e o entendimento das Ciências Sociais como forma de refletir o mundo.

Em relação ao primeiro aspecto encontrado nos discursos dos egressos é possível constatar de uma maneira geral que há um grande desconhecimento a respeito do curso no momento do ingresso do estudante na área das Ciências Sociais. A maioria dos entrevistados relatou que não possuía informações suficientes a respeito do curso no momento da escolha deste no vestibular. Outros disseram que conheciam pouco sobre as áreas de estudo, resultando em um conhecimento superficial.

Então, esses cursinhos privados eles entregam alguns instrumentais apresentando as várias profissões existentes, então assim como qualquer adolescente eu pensei em muitas coisas, tinha as coisas que eu sabia que não queria, mas tinha muitas que eu estava em dúvida, eu pensei em História, em Geografia, pensei em Ciências Sociais, pensei em Medicina, mas de fato eu não conhecia a Ciências Sociais e quando eu li nesse manual entregue no cursinho eu achei interessante. (Egresso 4).

[...] foi a primeira tentativa do vestibular e eu passei, eu não tinha muita certeza do que era Ciências Sociais como a gente não tem de uma forma geral, né? Não havia aula de Sociologia na época, mas eu sabia que queria alguma coisa na área de humanas e eu gostava muito de Geografia e História. (Egresso 5)

Eu meio que escolhi por acaso, não tinha muito conhecimento sobre isso, o que eu tinha lido realmente sobre as Ciências Sociais era um guia do estudante que eu tinha lá em casa, eu acho que ainda tenho que falava sobre as profissões e cursos universitários e aí dando uma olhada nesse guia de profissões eu achei legal, gostei do curso. (Egresso 6).

O que motiva a escolha profissional dos alunos que concluem o Ensino Médio? Podemos responder a essa questão junto à análise dos discursos dos egressos. A preferência por um curso não é algo isolado, resulta das suas experiências vividas na família e no ambiente escolar, não é uma decisão fácil, pois esses estudantes decidem o que querem ser por um longo tempo. Segundo Neiva (2007) o processo da escolha envolve por parte do aluno:

[...] reconhecimento de seus interesses, a clarificação dos motivos conscientes e inconscientes de suas preferências, o reconhecimento e a aceitação de suas habilidades e seus valores, a construção de uma imagem discriminada e autêntica da realidade profissional e a possibilidade de estabelecer um vínculo satisfatório com a carreira escolhida. (NEIVA, 2007, p.43).

A escolha é acompanhada pelos pais e principalmente pela escola, que chega a influenciar certos alunos nesse processo. O aluno opta por uma profissão pelas suas afinidades a determinadas disciplinas estudadas no colégio, como observamos nos relatos anteriores dos egressos. No entanto, a figura do professor também pode estabelecer muita influência no processo da escolha profissional. Segundo uma pesquisa: Retratos da Juventude Brasileira - Análises de uma Pesquisa Nacional, coordenada pelo Instituto Cidadania³⁶, que ouviu 3.501 pessoas, entre 16 e 24 anos, para montar o perfil do jovem brasileiro. Perguntados em que instituições e/ou pessoas mais confiam, 92% dos alunos do Ensino Médio, de 198 municípios, citaram seus professores. O dado impressiona, pois faz do professor uma referência, com alcance suficiente para fazê-los refletir, rever seus conceitos ou até influenciar decisões. Observamos também nesse relato:

Foi o que eu te disse no início né... Passa muito pela história de vida de cada um, eu sempre gostei muito sabe sempre era o tipo de pessoa que gostava do que eu aprendi eu acho que tive um aprendizado muito assim que as pessoas falam de autonomia intelectual, eu sempre busquei as coisas assim eu não esperava muito que me dessem. Até mesmo os conteúdos que os professores passavam eu gostava, mas sempre buscava outras coisas que me interessava [...]. Eu tive influências positivas né, dos professores, eu via como era a maneira deles em sala de aula e pensava assim: eu queria ser um pouco parecido. (Egresso 1).

³⁶ Disponível em: <http://revistaeducacao.com.br/textos/112/artigo233987-1.asp>

Como notamos o professor tem um papel de destaque, ele pode influenciar nas decisões dos estudantes, dessa forma, é necessário que o docente faça discursões a respeito das profissões com os alunos e reconheça o quanto suas experiências contribuem para esse processo de escolha, os alunos por outro lado devem refletir bem, antes de decidir e evitar absorver informações sobre estereótipos de profissões, ou seguir modismos, pois o mercado de trabalho sofre a todo tempo alterações, providas de mudanças históricas, sociais e econômicas, podendo tornar algumas profissões viabilizadas em um período e em outro momento não.

É possível perceber que os professores contribuem com a reprodução da imagem depreciativa da profissão docente, pois estes não inspiram seus alunos a se tornarem professor. Nota-se não só nos discursos dos egressos que veremos a seguir, mas também de muitos docentes que ser professor é uma escolha de poucos, é para quem realmente se identifica, em vista que é uma profissão com descrédito, falta de valorização salarial, estressante por conta que não conseguem dar aulas do jeito que haviam planejado seja por falta de equipamentos ou pela turma não ajudar. Por isso o que acontece frequentemente é os professores influenciarem na escolha por profissões mais rentáveis.

Essa é uma das escolhas mais importantes da vida de uma pessoa, pois, de certo modo, determinará o destino deste sujeito, seu estilo de vida e até o tipo de pessoas com quem vai conviver no trabalho e na sociedade (NEPOMUCENO & WITTER, 2010).

Outro aspecto encontrado nos discursos dos egressos corresponde a uma escolha baseada por um número reduzido da concorrência³⁷ no curso de Ciências Sociais, ou seja, um menor número de candidatos concorrendo à vaga no curso de Ciências Sociais no vestibular, em comparação a outras áreas de formação da universidade (como História, Geografia, Direito, Ciências Econômicas). Podemos notar que esse fator presente em alguns depoimentos varia de acordo com a origem social dos egressos e suas trajetórias educacionais. Essa escolha ocasionada pelo aspecto em questão é frequente entre aqueles oriundos de famílias com pouco poder aquisitivo, já que para esses alunos não era possível tentar cursos mais

³⁷ A média da concorrência entre o período de 2002 a 2008 é de 8,6 candidatos por vagas, bem menor quando comparamos a outros cursos como Direito com 22,64, seguido por Comunicação Social com 21,2.

concorridos, devido a uma não formação educacional básica suficiente e por não acreditarem ter chances de disputar outras carreiras mais concorridas.

Sobre a deficiência na formação escolar das famílias com pouco poder aquisitivo, Pierre Bourdieu (1999), comenta que a herança cultural recebida da criação, ou seja, da família interfere na vida profissional do estudante, quando se possui um determinado capital cultural e um *ethos* que privilegia a educação como meio principal para o desenvolvimento pessoal, a continuação dos estudos e a entrada no ensino superior se torna essencial.

É necessário observar que as diferenças culturais e o patrimônio cultural delimitam o acesso às informações para determinadas pessoas e isso influencia as escolhas profissionais delas. Um aluno que não teve acesso, não possuiu uma boa formação escolar, pode realmente acreditar não ter chances de entrar em um curso universitário muito concorrido, onde quem entra são pessoas com mais poder aquisitivo, isso é resultado de uma educação que reproduz desigualdades praticando e promovendo os valores culturais das classes dominantes.

É preciso levar em conta o conjunto das características sociais que definem a situação de distribuição dos originários das diferentes classes para compreender as probabilidades diferentes que têm para elas os diferentes destinos escolares e o que significa, para os indivíduos de uma categoria dada, o fato de encontrar-se numa situação mais ou menos provável para sua categoria (BOURDIEU, 2008, p.117-118).

Podemos observar esse ponto nos relatos a seguir dos egressos, comentando a respeito da concorrência:

A forma de ingresso foi o vestibular, na época eu tentei na UECE e lá eu só fiquei nos classificáveis, fiz também para Ciências Sociais lá, mas eu passei aqui na UFC, ainda me lembro da concorrência era 7 pessoas para uma vaga e também escolhi por esse motivo. (Egresso 4).

[...] fiz o vestibular para Ciências Sociais, eu ia fazer para história, mas acabei pensando que eu não iria conseguir pontuação suficiente devido a uma concorrência maior nessa área, então eu fiz para Ciências Sociais, que também tinha haver com o que eu queria, eu gostava de Geografia, História, a área de Humanas. (Egresso 8).

Outro aspecto relevante a observar nos comentários é o interesse em sua maioria ligado a área de ciências humanas, e assim optar por um curso que

possibilitava um amplo campo de atuação profissional após a graduação. Esses fatores foram relevantes e contribuíram no momento em que esses alunos selecionavam opções de cursos para ingressar nas universidades.

É necessário destacar, entretanto, que em algumas entrevistas percebemos um perfil dos egressos que se caracteriza desde o início da escolha pelo curso movido por um único interesse voltado por afinidades a área de humanidades aliada a vida acadêmica, sendo assim, pelo desejo de reflexão sobre o mundo e objetivando se tornar alguém que reflete sobre a sociedade em que vive. Alunos que já se mostravam interessados em aprofundar questões teóricas e seguir uma carreira baseada na formação intelectual a fim de desvendar o mundo social.

[...] eu me interessei pelos pensadores, comecei a refletir e eu sempre gostei das Ciências Humanas, mas não queria estudar História, me sentia muito limitado, e então eu procurei ver o curso de Ciências Sociais para mim. Na minha época o Fernando Henrique Cardoso era presidente e eu não sofri esse modismo por causa dele não, eu tinha curiosidade de entender o mundo, e era o curso que incentivava a reflexão. (Egresso 7).

Eu tinha afinidade com a área de Humanas e também pelo fato de eu querer compreender muita coisa do mundo [...] eu queria compreender as desigualdades sociais, não aceitava essas coisas, não cambiam na minha mente não, e aí a opção melhor que eu via de curso para eu compreender isso era as Ciências Sociais. (Egresso 3)

Diferente dos interlocutores que viam na baixa concorrência do curso de Ciências Sociais uma possibilidade de ingresso, para esses a motivação se dava pelo fato da existência de uma afinidade pela área de conhecimento, mesmo antes de saberem o que iriam desempenhar nesta ciência, eles foram movidos pelos desejos de refletir sobre o mundo. Podemos encontrar em alguns depoimentos dos entrevistados referência sobre essa vontade de seguir a ciência.

Na maioria dos egressos, que decidiram pelas Ciências Sociais por desejo, se verifica um perfil socioeconômico mais elevado, ou seja, estudaram em escolas particulares a vida toda, entretanto, também há aqueles com menos poder aquisitivo, ou seja, que não possuíam condições materiais favoráveis. Apesar disso, suas decisões eram derivadas por preferências pelas Ciências Sociais por acharem que seria a melhor área que se encaixaria em suas aptidões. É equivocado realizar

a afirmação de que as pessoas que ingressam no curso visam somente por ele ser pouco concorrido³⁸.

Sobre a questão da Licenciatura na UFC nota-se através dos discursos dos egressos que naquele momento em que eles estavam na graduação (2002 a 2008) tinha-se um caráter complementar no curso e não como a titulação principal, oferecida. Como já vimos o currículo de 1994 impunha a obrigatoriedade do Bacharelado ao aluno que ingressava no curso. Ele não podia escolher inicialmente a Licenciatura, sendo assim, adentrava no Bacharelado. Só após a conclusão deste e a defesa da monografia o aluno poderia então cursar a Licenciatura.

Também naquele momento tinha-se a visão de que quem passava na Pós-Graduação eram os alunos que cursavam o Bacharelado e escreviam a monografia estando desta forma melhor preparados do que os alunos da Licenciatura.

Na realidade como o mercado para licenciado não estava consolidado, os alunos começavam a ver a Pós como um futuro certo a seguir, e também porque naquele momento se tinha um mercado em expansão que eram as faculdades particulares, outra possibilidade para que esses alunos entrassem no mercado de trabalho. Temos em Fortaleza o surgimento de dezenove novas faculdades particulares que possui em seus cursos disciplinas de Introdução à Sociologia, ministradas em geral por esses mestres formados na UFC. A seguir podemos visualizar as faculdades:

Tabela 7- Listas das Faculdades Particulares em Fortaleza por ano de origem

FACULDADES PARTICULARES EM FORTALEZA-CE		
SIGLA	NOMES	ANO
ATENEU	Faculdade Ateneu	2002
FA7	Faculdade 7 de Setembro	2001
FAC	Faculdade Cearense	2002
FACE	Faculdade Evolutivo	1999
FACET	Faculdade Evolução	1986

³⁸ A média concorrência do vestibular para a área de Ciências Sociais durante o período pesquisado é de 8,6 bem menor que de outros cursos, como o Direito que é de 22,64 e o de Comunicação Social – jornalismo que era de 21,2 candidatos por vaga.

FAECE	Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará	2005
FAFOR	Faculdade de Fortaleza	2004
FANOR	Faculdade do Nordeste	2001
FATECI	Faculdade de Tecnologia Intensiva	2004
FATENE	Faculdade de Tecnologia	2002
FCC	Faculdade Católica do Ceará	2003
FFB	Faculdade Farias Brito	2005
FGF	Faculdade Integrada da Grande Fortaleza	2001
FIC	Faculdade Estácio de Sá	1998
FLATED	Faculdade Latino-americana de Educação	2001
FLF	Faculdade Lourenço Filho	1998
UNICHRISTUS	Faculdade Unichristus	2001
UNIFOR	Universidade de Fortaleza	1973
UNINASSAU	Faculdade Maurício de Nassau	2008

Fonte: Elaborada pela autora.

Outro ponto a destacar é que os cursos de Ciências Sociais que formavam bacharéis em grande parte das universidades públicas do país, historicamente, sempre foram mais privilegiados em relação à Licenciatura, pois, como modelo, a existência de bolsas de Iniciação Científica mesmo antes da criação do Bacharelado, o PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – é exemplo de uma dessas bolsas, é um programa que objetiva o desenvolvimento do pensamento científico e iniciação pelos estudantes de graduação, mas não somente eles, a pesquisa sendo orientados por um professor universitário, visa proporcionar ao bolsista o aprendizado sobre essa atividade, saber sobre técnicas e métodos de pesquisa para assim estimular o pensamento e a criatividade em meio aos problemas de pesquisa.

Por outro lado essa desvalorização no Brasil acontece, porque o trabalho do professor não é visto como essencial, não se coloca a devida importância a esse profissional responsável pelas formações dos estudantes que irão desempenhar outras profissões.

Na minha época de graduação, como dito antes, havia apenas Licenciatura, não se explicava, pois, incentivo a alternativa. Porém, desde que ingressei no curso de Ciências Sociais ouvi, frequentemente, dos meus professores estímulo a atividades de pesquisa. Para te dar uma exemplificação, informo que fui bolsista de Monitoria de um professor e minhas atividades eram de pesquisa e não em sala de aula. (Professor universitário 1).

Em muitos relatos percebemos que os alunos não tinham conhecimento da existência da Licenciatura. Na verdade a maioria dos estudantes que entram para uma faculdade desconhece a existência das duas modalidades, uma vez que não há por parte da escola explicações sobre essa diferença. Ela era descoberta somente um tempo depois do ingresso, mais ao final do curso, pois também não havia debates e nem incentivos pela parte docente da universidade para que o aluno optasse por tal campo (docência). O que havia era um estímulo excessivo ao aluno se especializar e continuar seus estudos na pós-graduação, cursando Mestrado e Doutorado.

O que havia era um maior incentivo para os alunos fazerem o bacharelado, e inclusive a estrutura curricular anterior você só podia fazer a Licenciatura se terminasse o bacharelado então isso fazia com que curso fosse mais longo, e eu me posicionei contra isso porque eu achava que a pessoa que queria fazer só a Licenciatura não deveria necessariamente ser obrigada a fazer monografia, podia fazer outro tipo de trabalho. (Professor universitário 3).

Na minha época não podia escolher. Na minha época você entrava como bacharel, tinha que fazer o bacharelado, o curso era diurno, integral e depois que você terminasse o curso você fazia a opção de fazer a Licenciatura, você voltava para universidade e ficava por mais um ano. Não era obrigado a sair com a Licenciatura, tenho até hoje amigos que nunca fizeram. (Egresso 7).

Eu entrei já no Bacharelado, eu naquele momento não sabia que tinha outra modalidade, no caso a Licenciatura. A descoberta se deu por meio de conversas mesmo com uns amigos, não havia muita explicação e nem palestras para esclarecer. (Egresso 1).

Eu não sabia a diferença entre Bacharelado e Licenciatura, fui aprendendo no dia a dia aqui no curso, ouvindo os professores, colegas e foi ai que eu aprendi a diferença, mas eu só pensei na Licenciatura seriamente em fazer quando eu terminei o Bacharelado... (Egresso 5)

Como tinha essa estrutura curricular correspondia a algo que não era particular apenas aqui na UFC, era um tanto generalizado no campo das Ciências Sociais eu acredito. A ênfase maior é que você se voltasse para uma atuação acadêmica e isso fazia com que muitas pessoas acreditassem que era uma espécie de perda de tempo, digamos assim, fazer a Licenciatura. Ah por que eu vou fazer a Licenciatura? Se eu posso fazer Mestrado, e tendo Mestrado eu vou ter bolsa, se eu for para a Licenciatura eu não vou ter incentivo nenhum e também não vou conseguir manter a bolsa de Iniciação Científica que era bem escassa na época. (Egresso 9).

Os depoimentos revelam que a instituição não mobilizava os alunos com as questões relacionadas à docência. Em primazia os alunos eram incentivados a possuírem uma formação ligada à pesquisa. A falta de profissionais formados na área da docência em Sociologia se reflete dessas medidas, assim podemos saber o porquê de poucos alunos, cerca de 3,4 a média por semestre nesse período (2002 a 2008) que terminam a Licenciatura. No Bacharelado a média é de 10,2 por semestre.

Você quer ou não quer ser pesquisador? Você quer ensinar ou ser pesquisador? Quem faz os dois faz dupla opção, mas se você faz licenciatura está claro, pelo menos, assim se você não fizer bacharelado que você não quer percorrer carreira acadêmica, ou que você quer se voltar para a área da educação mais do que a área de pesquisa, então eu acho que não tenha nenhum preconceito não, se bem que a preferência do cientista social é pelo pesquisador. Eu noto que quando um aluno meu, bacana desiste de ser pesquisador ou de ao concluir a licenciatura não concluir o bacharelado dá um dó porque assim acho que nós precisamos muito de bons pesquisadores e o bom pesquisador precisa de muita experiência. (Professor universitário 5).

O enunciado da professora se remete à opinião de uma parte do corpo docente do departamento de Ciências Sociais na UFC que prioriza o Bacharelado à Licenciatura, já que o Bacharelado possui mais disciplinas voltadas à prática de pesquisa, já o licenciando não possui estas, pois o foco é a docência escolar. Todavia, a escola é um rico lugar para a realização de pesquisas empíricas, os licenciandos se forem estimulados também produzirão ricas pesquisas envolvendo o ambiente educacional. A pesquisa é essencial desde a graduação tanto no Bacharelado quanto na Licenciatura, visto que o aluno imediatamente irá saber como ela se constrói, e que na Licenciatura é possível elaborar pesquisas com mesmo grau de importância no Bacharelado. Segundo Maciel (2004):

[...] a pesquisa exerce um papel extraordinário na articulação entre o conhecimento adquirido ou construído e a prática docente. Aqui o aluno seria necessariamente envolvido como cotidiano da escola, com as situações reais da sala de aula. Nesse encontro certamente haveria confrontos com o real, com alunos e professores concretos. (MACIEL, 2004, p.100).

Como comenta o autor, a pesquisa é uma rica fonte de aprimoramento de novos conhecimentos. Buscar informação sobre determinado tema é enriquecer sua

formação, para os professores esse exercício é fundamental, porque admite que ele desenvolva uma prática de ensino competente, de modo que para se falar de certo conteúdo ele passa a aprofundar sobre determinado assunto, permitindo mais segurança ao expor tal temática aos alunos, isto é, saindo do senso comum e tendo um fundamento científico.

Anita Handfas comenta sobre algumas questões relevantes que mostram a falta de professores de Sociologia formados na área e o número reduzido de licenciados em Ciências Sociais. Segundo a autora:

No caso da constituição da Sociologia como disciplina escolar, além de problemas que afetam as demais disciplinas, seja do ponto de vista da carência de professores, ou dos problemas inerentes à formação docente, é preciso levar em conta também o próprio campo das Ciências Sociais, no sentido de compreender as formas pelas quais se deram a sua constituição e profissionalização como campo científico no Brasil. Certamente, esse caminho pode indicar boas pistas para entender as causas que levaram ao predomínio da vocação das Ciências Sociais para a pesquisa, em detrimento do magistério. (HANDFAS, 2012, p.24-25)

Portanto, isso não acontece apenas na UFC, temos no país um grande número de evasão dos alunos nos cursos de Licenciatura, como vimos na introdução deste trabalho é de 28,6% e nas escolas o déficit é de 4,6 mil professores, resultante de uma visão desprestigiada da profissão de professor. O Ensino Básico é desvalorizado no Brasil, sobretudo, na visão dos docentes não sendo atrativo para os licenciados. A maior parte dos brasileiros considera que a profissão docente se resume a um ofício cansativo, com desgaste físico e psicológico, e com uma remuneração pouco atrativa, compondo uma visão que carrega vários estigmas menosprezando a categoria. (DEMO, 2004).

Quanto à experiência na universidade constatamos que a maior parte, cerca de sete egressos, foram bolsistas, seja de Iniciação Científica³⁹, ou de monitoria, ou ligada a bolsas de ajudas estudantis. Os egressos tinham interesse em ser bolsistas, pois, ao se engajarem na área podiam conhecer sobre o ofício do pesquisador.

³⁹ O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) visa apoiar a política de Iniciação Científica desenvolvida nas Instituições de Ensino e/ou Pesquisa, por meio da concessão de bolsas de Iniciação Científica (IC) a estudantes de graduação integrados na pesquisa científica. A cota de bolsas de (IC) é concedida diretamente às instituições, estas são responsáveis pela seleção dos projetos dos pesquisadores orientadores interessados em participar do Programa. Os estudantes tornam-se bolsistas a partir da indicação dos orientadores.

De acordo com os relatos dos egressos, cursar a modalidade Licenciatura se configurava em três eixos principais: não perder o vínculo com a universidade enquanto se esperava uma nova seleção para o Mestrado; sair com uma formação completa para ampliar as possibilidades de emprego tendo duas vertentes: professor e pesquisador; e tentar concurso que já estavam ocorrendo mesmo antes da obrigatoriedade da disciplina, pois no Estado do Ceará a Sociologia já se fazia presente antes de 2008, o primeiro foi em 1997. De uma forma geral, encontramos nos depoimentos que a Licenciatura na maioria não era escolhida como primeira opção.

O sentido de cursar a Licenciatura era movido por ampliar os rumos de oportunidades profissionais, uma segunda opção caso o Bacharelado não proporcionasse o retorno pretendido.

Com relação ao primeiro aspecto observa-se que a Licenciatura funcionava como uma espécie de “elo” entre o aluno e a universidade, este por ter concluído o Bacharelado e não querer se desvincular do espaço acadêmico, ainda na espera da abertura de uma nova seleção para o Mestrado. Podemos visualizar nos seguintes trechos:

Quando eu terminei a graduação, o Bacharelado, eu resolvi tentar o Mestrado, eu terminei em 2007 e na mesma época eu tentei Mestrado só que eu fui um pouco otimista demais e só tentei para Brasília na UNB (Universidade de Brasília) e não passei. Eu não queria perder o vínculo com a universidade então o motivo de eu ter cursado a Licenciatura foi bem menos de ter planos de ser professor do Ensino Básico da Educação Básica e muito mais para manter esse vínculo com a universidade mesmo. (Egresso 5).

[...] eu não passei no Mestrado na primeira tentativa, acho que foi bom, foi ótimo, foi perfeito. Aí eu fiz a Licenciatura porque se eu tivesse passado no Mestrado eu não teria feito a Licenciatura né? Como não passei e tinha mais um ano para tentar o Mestrado decidi fazer a Licenciatura. (Egresso 8).

Ao analisar esses discursos percebemos que a motivação para Licenciatura não partia do desejo de estudá-la para possuir uma formação docente que pudesse vir a contribuir na sua prática pedagógica no Ensino Superior. O que notamos é que o objetivo era não se distanciar da instituição. Revela-se uma realidade em que a Licenciatura não é atrativa para essas pessoas, pois não querem lecionar na escola que é o intuito principal de quem se forma nessa modalidade.

O segundo ponto presente nos discursos dos entrevistados, que seria a razão que os levaram para a Licenciatura, se remete a busca de uma formação completa, saindo do curso possuindo as duas modalidades. Havia assim um anseio por um aprendizado que possibilitasse a construção de uma carreira profissional com amplo arcabouço teórico a fim de realizar uma análise com grande profundidade dos fenômenos sociais, e ao mesmo tempo, obter uma instrução ligada à área da docência, resultado de uma preocupação de associar o conhecimento do pesquisador à formação de professor, para possibilitar um leque de oportunidades no momento da busca por emprego.

Eu quis fazer a Licenciatura, como posso te dizer... posso dizer que tinha, era o curso completo, era a formação do cientista social nas duas grades, como posso te dizer... Era sair do curso com as duas áreas que era a pesquisa e o ensino. (Egresso 13).

Bom, foi como eu falei, tinha essas conversas sobre a Licenciatura se vale a pena ou se não vale a pena. Para mim, particularmente teve essa dimensão de considerar que era uma opção a mais de atuação, no final das contas valeu demais. (Egresso 9).

Então como eu disse eu via como mais uma possibilidade de trabalho, então por isso eu resolvi fazer a Licenciatura, me identifiquei com os professores e as disciplinas... Então eu optei por ser mais uma possibilidade de trabalho **porque a gente termina a graduação a gente sai com uma expectativa que vai ser fácil encontrar trabalho e não é bem assim.** (Egresso 4, grifo nosso).

Diante desses comentários é necessário refletir sobre o fato de que os egressos que concluem o Bacharelado esperam encontrar várias oportunidades de trabalho ou vislumbram uma aprovação na seleção de Mestrado, no entanto, o que ocorre é que não há tanta facilidade desse aluno adentrar de forma imediata no mercado de trabalho, já que para os bacharéis as oportunidades de emprego não são tão vastas, uma vez que acontecem poucos concursos e normalmente com uma única vaga. Os concursos voltados a Licenciatura para professor possui um número maior de vagas, além de abrir com mais frequência quando comparado a concursos para Sociólogos. Nos últimos anos em nossa cidade tivemos dois concursos para Sociólogo, um da Prefeitura de Fortaleza (2015) com uma vaga e um da Defensoria Pública da União somente para cadastro reserva, também com uma vaga.

Outro ponto a notar nos discursos deles é em relação à aprendizagem adquirida nas disciplinas de Prática de Ensino, pois esses conhecimentos são

valorizados por alguns egressos. Isso não significava que estes tinham interesse de ser educador na escola, mas esses conhecimentos aprendidos os ajudariam na preparação para uma prática docente de qualidade que exerceriam posteriormente, no Ensino Superior, sendo assim, cursar a Licenciatura era entendida como um mecanismo preparatório.

Por fim, o terceiro e último ponto que motivava a escolha pela Licenciatura se devia ao surgimento de concursos públicos para professores do Estado do Ceará para à área de Sociologia, já que no Ceará a Sociologia estava nas escolas como disciplina optativa antes da lei da obrigatoriedade.

A Neyara, ela foi uma referência muito grande, ela foi a parte importante, pelo menos na minha escolha ela foi, além do concurso, no meu caso baseado para tentar o concurso, essas foram as duas forças mais fortes que me levaram a Licenciatura. (Egresso 3).

Primeiro só tinha Bacharelado né, aí depois quando falaram que ia ter concurso para professor de Sociologia do Estado, muitos recorreram à modalidade Licenciatura, aí eu me interessei também e disse que iria fazer também, e já tinha uma turma que estava cursando as cadeiras de ensino e no outro semestre eu me matriculei. (Egresso 2)

É importante salientar, que em todos os perfis analisados há presença de egressos que ingressaram na Licenciatura sem ela ser o foco principal. A Licenciatura, portanto, concedia uma facilidade ao ingresso no mundo do trabalho como professor temporário. Como já falado no texto existem mais concursos e oportunidades ligadas a essa área do que a do Bacharelado. Os discursos revelam que a docência na Educação Básica não é almejada pelos egressos, ela se torna uma segunda saída, ou mesmo um “plano B” caso a profissão de pesquisador ou de professor universitário não produza os resultados esperados.

Acho que fui levado para outro caminho, na verdade não apareceu oportunidade, e eu nem fui atrás porque tinha outros trabalhos e eu acho que o ensino para mim sempre ficou como segunda opção, em relação ao salário também. O fato de eu ter a Licenciatura enriquecia o meu conhecimento pessoal, a minha prática como técnico de uma ONG, para falar com um grupo de pessoas, passar uma ideia para elas de forma clara. (Egresso 11).

Eu resolvi colocar a vida acadêmica em primeiro plano, a Licenciatura seria só em caso de eu não ter êxito aqui na universidade, no nível superior, aí eu poderia pensar em exercer a atividade de professor da Educação Básica. (Egresso 6).

Ser professor de Sociologia no Ensino Básico não era uma profissão ansiada desde o ingresso no curso de Ciências Sociais, acabou para alguns sendo uma ação gerada pelas circunstâncias, razões já reveladas anteriormente nesta pesquisa.

O professor ao longo de sua experiência no mundo escolar constrói sua identidade. A identidade de professor segundo Pimenta e Lima (2012) é construída ao longo de sua trajetória profissional no magistério. Muitas vezes ser professor não é algo escolhido racionalmente, mas resultado de suas trajetórias que desencadearam na área docente. Podemos notar nesses relatos:

Então quando eu me faço essa pergunta e fico refletindo. Eu não sei se tem uma decisão racional nesse sentido, porque eu precisava trabalhar, mas eu gostava, sempre gostei da educação. Quando eu tava na graduação eu fiz algumas disciplinas na educação, eu sempre gostei da temática da educação, mas a gente nunca sabe como é uma escola, nunca é aquilo que se diz. A realidade é bem mais dinâmica muito mais rica do que a gente possa apreender pelos nossos projetos de pesquisa. Então assim, saber se foi uma escolha consciente eu acho que não, eu acho que a gente como diz o Marx a gente é levado pelas circunstâncias. A possibilidade que tinha para mim de trabalhar era fazendo concurso para o Estado que era o que estava posto e eu fiz, tinha a Licenciatura, pois eu optei por também fazê-la, teve o concurso e eu fiz, então assim não foi um momento que eu pude optar por ser professora ou por outra opção, naquele momento só se apresentou aquela opção, não foi um leque de opção ou de oportunidades, por circunstâncias históricas só se apresentou essa oportunidade e eu decidi por isso...(Egresso 4).

Passa muito pela história de vida de cada um, historia da pessoa e eu sempre gostei muito sabe sempre era o tipo de pessoa que gostava do que eu aprendia. Eu acho que tive um aprendizado muito assim, que as pessoas falam de autonomia intelectual, assim eu sempre busquei as coisas, eu não esperava muito que me dessem. Até mesmo os conteúdos que os professores passavam eu gostava, mas sempre buscava outras coisas que me interessava então eu acho que é a história pessoal e muito do seu protagonismo também. Eu tive influências positivas né, dos professores, eu via como era a maneira deles em sala de aula e pensava assim, aí eu queria ser um pouco parecido. (Egresso 1)

Então eu queria fazer porque eu queria saber sobre a docência, sobre o ensino e eu queria explorar isso, pois era muito desconhecido. As pessoas corriam muito para o bacharelado na UFC e em Sobral na UVA as pessoas corriam para a licenciatura. Então eu comecei a fazer duas disciplinas lá quando eu vi pra cá que eu continuei cursando disciplinas da licenciatura. As coisas já estavam clareando mais, inclusive logo depois teve um concurso e daí eu fui atrás por achar importante o ensino da docência eu comecei a perceber mais a ligação entre a docência e a pesquisa e passei a ter mais clareza do que era a licenciatura e isso tudo aconteceu no processo em que a Neyara era responsável por essas disciplinas na UFC. Então eu não sei se posso dizer que eu escolhi fazer desde o início, acho

que a formação foi me levando a realmente ter consciência de uma escolha depois que eu já estava lá dentro. (Egresso 10).

Eu não sei te dar uma resposta pronta e acabada do porquê disso, é algo que eu faço desde muito tempo. Se você pegar minha trajetória já tem quinze anos ou mais, vai fazer vinte da primeira aula que eu dei particular, por exemplo. Então foi uma construção mesmo de vida, boa parte da minha vida tá relacionada com a questão da docência. (Egresso 9).

Como eu queria fazer mestrado eu queria a Licenciatura também, mas a prioridade com grandes riscos era o Mestrado e o Doutorado. Mas eu não passei e então eu a fiz o que deu certo para mim, foi uma grande frustração que me levou à Licenciatura. (Egresso 8).

Diante todos esses relatos faz-se necessário observar a categoria de intencionalidade de Schutz. É um elemento bastante contributivo para a constituição teórica desta pesquisa. Schutz (2012) faz um estudo sobre a fenomenologia e as relações sociais, na qual ele procura o sentido referido às ações. Ele explora a ideia de que o homem no mundo social é rodeado de alternativas dentre as quais devem escolher, “o ator deve definir sua situação”. Ao adotar uma medida o sujeito passa do campo de possibilidades em aberto, onde pode escolher o que for melhor, para o campo unificado de “possibilidades problemáticas” ao qual a decisão é tornada possível.

No âmbito deste trabalho, o termo “ação” constitui uma chave analítica proveitosa para a compreensão dos sentidos atribuídos a ser licenciado antes de um mercado consolidado. Sobre a ação Schutz (2012) comenta como sendo uma atitude consciente e voluntária empreendida por um ator dotada de intencionalidade. Nessa visão sociológica, a ação é baseada em algo refletido, mesmo que o indivíduo na sua decisão seja influenciado pelas suas experiências, ou história de vida, ou ocasionado por trajetórias percorridas.

Ainda segundo o mesmo autor a motivação para uma ação muitas vezes não é somente relacionado a algo planejado ou racional, sendo assim o modo de agir pode ser determinado pelas experiências passadas que o sujeito viveu, portanto, sua ação foi determinada por sua situação pessoal ou por sua história de vida, sedimentada em suas circunstâncias pessoais. A escolha dos egressos para tornarem licenciados foram decisões motivadas pelas circunstâncias momentâneas que eles estavam passando e isso influenciou bastante na sua decisão, é presente em muitas de suas respostas quando indagadas a respeito desta questão, como podemos ver a baixo:

Não sinceramente assim, encorajado não. Não havia estímulo não por parte da universidade não, o estímulo que havia era que teria o concurso então tem que fazer e só pode fazer quem era licenciado, então professor nenhum e ninguém falavam nisso, só a Neyara que tinha a cadeira prática docente e estimulava a fazer, fora ela não tinha ninguém. (Egresso 2).

No meu caso para tentar o concurso, a Neyara foi a maior força porque ela lutava não sei se ainda é hoje, mas ela lutava e tinha uma paixão muito grande pela Licenciatura e isso acaba motivando a gente, embora que essa realidade aqui na escola seja bem complicada. (Egresso 3).

Nos relatos dos egressos quanto à escolha podemos notar algumas questões: teve alguém da família, ou professores que os motivaram pela entrada no curso de Ciências Sociais; Outro ponto foi o surgimento de concursos públicos para a docência no Ensino Básico que serviu como algo a mais para impulsionar eles a modalidade de Licenciatura; E ainda o fracasso nas seleções de Mestrado.

Outro conceito chave desse estudo que se faz importante sua compreensão é o termo “motivação”. Segundo Neiva (2007) motivação é o porquê da conduta, é o elemento que leva o indivíduo a fixar objetivos, construir projetos e realizá-los.

Salientamos que estes pensamentos do “porquê” e de que forma deram-se suas decisões só foi possível entendê-las, pois estas já ocorreram. Torna-se complicado observar os motivos quando a ação ainda esta sendo executada. Schutz (2012) comenta:

Somente depois que a ação tiver sido realizada, quando – segundo a terminologia aqui sugerida – ela se tornou um ato, ele pode voltar-se para sua ação passada como um observador de si mesmo e investigar em virtude de quais circunstâncias ele foi impelido a fazer o que fez. O mesmo aplica-se quando o ator observa em retrospecto as fases iniciais de uma ação ainda em curso. (SCHUTZ, 2012, p. 142).

A possibilidade de entrada no mercado ou a ampliação das oportunidades foram significativas para intenção de cursar a modalidade de Licenciatura em Ciências Sociais na UFC. Estas concepções são visíveis nessas palavras de Schutz (2012):

Minha situação biográfica total, isto é, minhas experiências prévias integradas em meu sistema de interesses predominantes, cria as principais possibilidades problemáticas de preferências conflitantes, tal como Dewey as chamou. Essa é a situação que a maior parte das Ciências Sociais modernas considera como aquela de tipo normal subjacente à ação humana. Considera-se que o homem sempre se encontra entre alternativas problemáticas mais ou menos bem definidas ou que um conjunto de

preferências capacita-o a determinar o curso de sua conduta futura. (SCHUTZ, 2012, p. 173).

No que concerne à trajetória profissional após a conclusão do curso revelada pelos egressos encontramos duas tendências principais: a trajetória profissional vinculada à carreira acadêmica e a carreira de professor da Educação Básica. A maior parte dos egressos afirmou que mesmo ainda na graduação já sabiam que seguiriam profissão no meio acadêmico, apresentava-se o caminho mais certo, mas ao refletimos sobre seus depoimentos chegamos à conclusão que parecia ser o percurso mais incentivado pelos professores da universidade. A seguir na próxima seção farei uma discussão a respeito da carreira docente no ensino superior.

Outro ponto de destaque nos seus relatos é sobre a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio. A maior parte dos egressos respondeu que foi uma conquista e considera ser positiva e necessária seu papel no contexto escolar que proporciona uma formação crítica aos alunos da Educação Básica.

Eu acho ótimo não apenas pelo mercado de trabalho, mas, sobretudo, por conta da formação do Ensino Básico, é uma disciplina importante para eles, ter uma formação quanto à pessoa, cidadão e etc... A visão de mundo deles. Acho que é importante sim. (Egresso 5).

Achei que foi interessante a volta da disciplina, eu acho que isso deve contribuir mais para a formação do aluno até porque não é uma disciplina de memorizar conteúdo como acontece com as outras disciplinas que estão abrangentes no Ensino Médio. Você acaba tendo mais possibilidades de ter diferentes posicionamentos sobre determinada questão. Eu acho que para esses alunos que estão tendo Sociologia no Ensino Médio deve haver uma contribuição significativa para a sua formação... (Egresso 6)

Eu vejo como muito positiva a introdução da Sociologia como disciplina obrigatória... Esse debate a respeito do desenvolvimento do pensamento crítico, aqueles princípios epistemológicos do relativizado, do desnaturalizado, isso bem trabalhado em sala de aula contribui para que tenhamos uma sociedade mais democrática, livres de preconceitos. Eu acho que cumpre um papel pedagógico e político importante também a disciplina no Ensino Médio. (Egresso 9).

Nos depoimentos dos egressos constatamos uma defesa da presença da Sociologia no currículo escolar. De certa forma não se esperaria o diferente, suas justificativas prosseguem em conformidade com o que já é falado comumente da disciplina: que cabe a Sociologia o papel de “criar criticidade nos jovens” e “desenvolver a opinião crítica”. Embora, considerem importante e essencial a

presença dela, eles não querem ser os responsáveis por ministrá-la, interessante perceber essa relação de divergência.

A obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio como disciplina também influencia na universidade, possibilitando surgir debates a respeito dela e construções de políticas educacionais visando o lado da Licenciatura a fim de cada vez mais possibilitar a consolidação desta área no ensino e contribuindo para justificar a necessidade de concursos e contratação de professores com formação específica.

A Sociologia se torna um instrumento essencial para refletir de forma crítica a realidade complexa em que estamos inseridos. Não só responsável por desenvolver a criticidade nos alunos, mas estimular a sociedade em geral a observar os acontecimentos da realidade e analisá-los como fenômenos presentes nas vivências do cotidiano. Construir visões acerca do mundo, despertar a criticidade diante do que nos é passado através dos meios de comunicação, com a finalidade de fazer ver além das aparências cotidianas, somente assim a Sociologia pode contribuir para formar pessoas mais atuantes na sociedade.

4.2 Refletindo sobre a carreira universitária

O magistério no Ensino Superior é visto pelos egressos como o melhor caminho, uma profissão privilegiada entre os diversos caminhos profissionais a serem seguidos. As justificativas encontradas em seus relatos se constituem no fato de esta profissão ser mais bem remunerada, sobretudo, nas Universidades Federais, melhor ambiente de trabalho no que diz respeito a estrutura física, equipamentos e, principalmente, as condições favoráveis para se dedicar a pesquisa e a aprendizagem contínua.

[...] então assim eu gosto muito desse habitus como Bourdieu fala: acadêmico, tenho-o bem incorporado, então eu sempre gostei e continuo gostando e pretendo continuar nisso. Por isso publico cadernos de livros, artigos, e não é nada que me dê dinheiro, mas me **dá satisfação profissional** e espero que no futuro breve eu possa passar em concurso para professor de universidade pública para enfim ter acesso a essa carreira já melhor. É uma carreira que precisa ainda melhorar, mas de fato tem um bom salário, que permite **certo tempo extra sala bom e recursos para pesquisas para continuar progredindo** na área além do ensino. (Egresso12, grifo nosso).

[...] mas minha insatisfação é mais referente ao público, da desmotivação que a gente tem, enfim nesse momento eu não estou satisfeita com a minha profissão. Talvez como professora universitária eu **me sinta melhor e mais recompensada**. (Egresso 4, grifo nosso).

[...] trabalhando como consultor tem mês que você ganha muito bem, mas tem mês que você ganha muito mal, então não tem carteira profissional assinada, e eu estou sempre viajando e fazendo várias coisas ao mesmo tempo, e eu acho que a área do ensino pode me trazer mais **tranquilidade e estabilidade financeira** e uma **remuneração boa**, pois um professor universitário com doutorado em uma universidade pública tem **um bom salário**. (Egresso 11, grifo nosso).

Entretanto, é preciso refletir sobre os pós e contra dessa carreira. Assim, as falas dos egressos revelam que alguns deles compartilham o anseio de lecionar no Ensino Superior. A profissão de professor universitário é pensada como algo hedônico, realização, melhores salários para poder ter uma vida mais confortável, uma ascensão do status.

Será que a profissão de professor universitário é tão vantajosa quanto os interlocutores desta pesquisa apresentam? Segundo professores universitários a carreira passa por uma série de desafios. Lecionar no Ensino superior não é um “mar de rosas” como sugerem os egressos. Todavia, é importante compreender que ser professor universitário no Brasil representa ter um status social, uma vez que são pessoas que se capacitaram bastante e possuem grande conhecimento, consolidando a imagem de um intelectual. Pimenta e Anastasiou (2002), estudando as exigências atuais da profissão de docência no ensino superior consideram que esta profissão possui certo privilégio social.

Contudo, não há só pontos positivos. Ao investigar estudos sobre o magistério no ensino superior nota-se que a carreira é rodeada por situações de pressões e cobranças sobre sua competência. Segundo Morosoni:

Em síntese, o professor universitário, na última década, sofre uma marcante pressão, advinda da legislação, imposta pela instituição e buscada por ele, para sua qualificação de desempenho, no qual o didático passa a ocupar um papel de destaque. Advinda do governo com o fito de avaliar a qualidade do ensino superior, imposta pela instituição com o objetivo de obter credenciamento da mesma junto ao MEC e para captar os alunos e buscada pelo professor para a manutenção de seu emprego e aumento de remuneração, entre outros requisitos. (MOROSINI, 2001, p.13).

Apesar de serem 40 horas semanais, assim como no Ensino Médio, há uma grande sobrecarga de tarefas, tais como: orientações (graduandos, mestrandos e doutorandos), trabalho junto aos bolsistas, artigos para publicar, criação de projetos de pesquisas, leituras para a preparação de aulas e correções de trabalhos.

Os professores dessas instituições possuem mais responsabilidades do que as já citadas. Assim, também precisam participar de comissões, bancas de defesas, palestras, congressos, dentre outros eventos. São pressionados a terem produtividade e melhoria na formação do aluno, aprendizagem de novos recursos tecnológicos e a exercer por um tempo cargos burocráticos, como chefe do departamento ou coordenador de curso.

Além disso, percebe-se uma característica própria do universo acadêmico: a competitividade entre os professores. Existe uma competição para tentar se sobressair em relação ao outro. O lado positivo nisso é que a academia ganha por causa do aumento do conhecimento resultado dessa competição. Alguns egressos percebem essa competitividade como um problema e a compararam com a realidade escolar considerada diferente nesse aspecto.

[...] em 2012 fui chamada para dar aulas em uma faculdade privada e fiquei até o ano passado, foi bom também, toda instituição tem seus pros e contras, mas eu gosto de ensinar... Quando você passa por outras experiências de ensino, você verifica que apesar das dificuldades, você vê que na escola não tem tanta competição como na universidade, existe muito lá, mas enfim são opções que a gente tem que escolher. (Egresso4).

Nesse sentido, é plausível ter competência para exercer e se destacar. O que é ser competente? Segundo Tardif (2007), um professor competente é aquele que consegue fazer com que os alunos apliquem o que aprenderam, não é apenas transmitir o conhecimento. É imprescindível que esse aluno saiba o que fazer com o conteúdo que está sendo passado, torna-se criador e não um mero reproduzidor de modelos já produzidos.

Ao observar os discursos dos egressos falando da questão salarial do professor do Ensino Médio, comenta como baixo comparado ao de um universitário, verificamos que na realidade não há uma expressiva diferença.

O piso salarial de um docente do Ensino Médio do Ceará com graduação é de R\$ 2.468,61 reais podendo aumentar por tempo de serviço, titulações como mestrado e doutorado, para R\$ 4,222,22 reais (equivalente a 40 horas semanais). Como podemos ver na tabela a seguir:

Tabela 8- De vencimentos dos professores da Educação Básica no Ceará



TABELA DE VENCIMENTO DOS PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR DO GRUPO OCUPACIONAL MAGISTÉRIO (MAG) DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO CEARÁ - COM EFEITO DA LEI DA DESCOMPRESSÃO (VIGÊNCIA: 01/12/2015)												
Ref.	Vencimento Base* 40h	REGÊNCIA**				PVR***			REMUNERAÇÃO			
		Graduação (10%)	Especialização (18%)	Mestrado (20%)	Doutorado (40%)	Graduação	Especialização	Mestrado	Graduação	Especialização	Mestrado	Doutorado
A	2.351,06	235,11				254,00			2.840,17			
B	2.468,61	246,86				204,00			2.919,47			
C	2.592,04	259,20				154,00			3.005,25			
D	2.721,65	272,16				104,00			3.097,81			
E	2.857,73	285,77				54,00			3.197,50			
F	3.000,61	300,06	450,09				132,00		3.300,68	3.582,71		
G	3.150,65	315,06	472,60				132,00		3.465,71	3.755,24		
H	3.308,18	330,82	496,23				132,00		3.639,00	3.936,40		
I	3.473,59	347,36	521,04				132,00		3.820,95	4.126,62		
J	3.647,27	364,73	547,09	729,45			132,00	80,00	4.011,99	4.326,36	4.456,72	
K	3.829,63	382,96	574,44	765,93			132,00	80,00	4.212,59	4.536,07	4.675,55	
L	4.021,11	402,11	603,17	804,22			132,00	80,00	4.423,22	4.756,28	4.905,33	
M	4.222,17	422,22	635,32	844,43	1.688,87		132,00	80,00	4.644,36	4.987,49	5.146,60	5.911,03
N	4.433,27	443,33	664,99	886,65	1.773,31		132,00	80,00	4.876,60	5.230,27	5.399,93	6.206,58
O	4.654,94	465,49	698,24	930,99	1.861,98		132,00	80,00	5.120,43	5.485,18	5.665,93	6.516,91
P	4.887,68	488,77	733,15	977,54	1.955,07		132,00	80,00	5.376,45	5.752,84	5.945,22	6.842,76
Q	5.132,07	513,21	769,81	1.026,41	2.052,83		132,00	80,00	5.645,26	6.033,88	6.238,48	7.184,90
R	5.388,67	538,87	808,30	1.077,73	2.155,47		132,00	80,00	5.927,54	6.328,97	6.546,41	7.544,14
S	5.658,11	565,81	848,72	1.131,62	2.263,24		132,00	80,00	6.223,92	6.638,82	6.869,73	7.921,35
T	5.941,01	594,10	891,15	1.188,20	2.376,40		132,00	80,00	6.535,11	6.964,16	7.209,21	8.317,42

Lei n° 15.901 - Art. 10° - Referências Iniciais: A - Licenciatura Plena | C - Licenciatura Plena + Aperfeiçoamento | F - Especialização | J - Mestrado | M - Doutorado

*Anexo I **Art. 8° ***Anexo III

AV. SÃO PIETRO, 1306, DAIRES DE FORTALEZA
CEP: 60060-040, Fortaleza - CE

Capital: (85) 3064.3212
Interior: 0800 726 3213

www.aproc.org.br
aproc@aproc.org.br

Fonte: retirado do site da APEOC.

Já o piso salarial do magistério no ensino superior em rede federal como professor auxiliar é de 4.366,98 reais podendo chegar a R\$ 5.357,53 reais (40 horas semanais) com o doutorado. Ao olharmos esses valores não há uma discrepância tão significativa, é evidente que o profissional do Ensino Médio deve se especializar bem para ganhar um bom salário.

É perceptível que no Ensino Superior há uma autonomia maior por parte do professor, mais tempo fora da sala de aula para se aperfeiçoar e acima de tudo ele é mais reconhecido, já que é procurado por meios de comunicação para emitir opiniões e elaborar projeto e pesquisa em parceria com os governos ou órgãos Federais.

Como definimos a figura do professor universitário? Ele é um docente que exerce o ensino e a pesquisa juntos. Entretanto, segundo Nez e Silva (2010) indicam que “alguns docentes bacharéis na educação superior, devido a sua

formação técnica, recebem conhecimentos específicos de seu curso e quase nenhum conhecimento sobre os saberes pedagógicos, os quais são necessários ao desenvolvimento das aulas”. (2010, p. 5). Considera-se que os educadores que almejam essa profissão também cursem disciplinas de formação ligadas à docência, afinal esses professores devem possuir habilidades didáticas no Ensino superior isso não é exceção do Ensino Médio.

A qualificação é algo primordial para o exercício dessa profissão, uma vez que se espera uma atuação mais abrangente que somente a docência. Como confirma Weber (1989, p. 21): “Logicamente ele vincula a titulação à capacidade e competência.” Segundo o mesmo autor, este profissional deve ser um bom pesquisador tanto quanto professor. Assim, é indispensável que seu desempenho seja amplo e suficiente as duas áreas.

Nos relatos dos egressos apreendemos o quanto eles anseiam pela oportunidade de seguir carreira no meio acadêmico. Até mesmo aqueles que são concursados e estão nas escolas como professores efetivos de Sociologia, comentam que sentem vontade de ir para o Ensino Superior. A vontade de ser professor universitário é consequência de uma imagem social concebida acerca da profissão docente na atualidade, portanto, é necessário destacar que essa imagem social do professor muda conforme o seu nível de conhecimento e formação, por conseguinte isso define as diferenças nos salários e o prestígio na carreira.

Compreende-se que o magistério na universidade estabelece um prestígio social superior a do Ensino Médio, também é responsável por criar uma segregação entre o pesquisador e o professor da escola, tornando os em duas classes distintas e hierárquicas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, busquei compreender os sentidos de ser um licenciado em Ciências Sociais pelos egressos do curso na Universidade Federal do Ceará nos anos de 2002 a 2008, antes da lei que tornou obrigatória o ensino da disciplina de Sociologia para as três séries do Ensino Médio. Analisei as trajetórias deles para observar a motivação que os levaram a Licenciatura em um momento que não havia consolidação de um mercado de trabalho.

Apesar da obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio, não há certezas de que ela permanecerá, ainda é uma disciplina em construção, durante todo o seu percurso o que podemos frisar é que ela foi interrompida em vários momentos, conseqüentemente, o seu trajeto de idas e vindas não contribuiu para a consolidação de uma tradição de ensino desta disciplina.

A Sociologia no Ensino Médio estuda o preconceito contra as minorias sociais (mulheres, negros, analfabetos, homoafetivos, indígenas, imigrantes, deficientes). (ALMEIDA, 2007). Dessa forma, seu principal papel é desenvolver o lado reflexivo dos estudantes, para refletir sobre a realidade social. Entender a realidade em que estes se inserem, para além do que está imposto. Desnaturalizar o natural.

Nesta pesquisa, recorri a diferentes técnicas de coletas de dados: pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com uma parte dos egressos do curso, professores universitários (UFC) e professores de Sociologia do Ensino Médio formados em outras instituições. A proposta foi identificar por meio dos relatos dos egressos o significado que teve para estes serem licenciados, ou como suas trajetórias os levaram a decidir cursar a modalidade de Licenciatura sem um mercado consolidado.

A Licenciatura foi à primeira modalidade criada no curso de Ciências Sociais na UFC, somente após dez anos o Bacharelado passou a surgir durante esse momento as pessoas se graduavam em maior parte na Licenciatura, pois permitia a entrada mais rápida ao mercado de trabalho e não era exigida a monografia ao término do curso. A partir de 1994 com a implantação de um novo currículo que tornava o Bacharelado obrigatório, essa realidade sofreu uma

alteração, o quadro se inverteu. Mas por que a Licenciatura não era mais escolhida tão frequentemente?

A resposta para essa pergunta esta ligada aos professores, estes influenciavam diretamente os alunos a fazerem o Bacharelado, para obterem uma melhor formação, se especializarem e futuramente alcançar um nível de Mestrado e Doutorado, também era o momento de intensas criações de faculdades particulares o que fermentou bastante o mercado para a formação de mestres, oportunidade de ensino nessas instituições.

Diante de todo esse quadro o Bacharelado foi imposto como obrigatório, uma vez que os alunos formados na Licenciatura no período anterior não conseguiam entrar na Pós-Graduação do próprio departamento, e sabendo da importância do trabalho de monografia como primeira experiência envolvendo a pesquisa e sendo essencial para a formação do cientista social, decidem fazer a mudança no currículo tornando obrigatório a Bacharelado.

Mesmo assim ao final do Bacharelado alguns alunos escolhiam cursar a Licenciatura, permanecendo mais dois anos para obter está formação. As motivações em torno da Licenciatura correspondiam a muitas razões, mas o que podemos visualizar como principal é que nenhum visava em primeiro lugar se tornar professor da rede pública do Ensino Básico, a Licenciatura correspondia a uma segunda opção, outra possibilidade.

Ainda hoje, mais alunos concluem o Bacharelado do que a Licenciatura, de 2010 até 2015: 141 alunos se formaram no Bacharelado e 67 na Licenciatura. Todavia, com o baixo número de concursos para bacharéis eles decidem cursar a Licenciatura, muitos voltam depois de alguns anos formados para cursá-la.

Os alunos graduados na Licenciatura, alguns encontram nas escolas como professores concursados (do ultimo concurso em 2013) e outros como professores temporários com um contrato de trabalho e sem muitos direitos. Segundo dados do censo 2013 do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) apontam que, no Ceará, de cada 10 professores da rede estadual de ensino, seis são temporários⁴⁰, isso corresponde há 60%. O que deveria

⁴⁰ A média coloca o Ceará como 4º colocado no ranking dos estados brasileiros com maiores índices de temporários (60%), atrás apenas do Acre (62%), Mato Grosso (66%) e Espírito Santo (71%).

ser algo excepcional tornar-se uma política cada vez mais frequente que gera desinteresse pela carreira no magistério e instabilidade profissional. Diante de todos esses aspectos, a Pós-Graduação continua sendo o caminho mais almejado pelos concludentes da Licenciatura.

Investigar o papel da Licenciatura na formação desses concludentes me fez atentar para o fato de que a relação instituição e aluno não era fácil, sobretudo, para quem optava por esta formação. Não havia professores para ensinar as disciplinas de docência ficando a cargo muitas vezes de um só (dos cinco professores universitários que entrevistei, somente um ministra disciplinas na Licenciatura), não ocorria incentivos para cursar esta modalidade, o que acontecia era investimento na especialização, na carreira acadêmica. Os alunos eram influenciados a seguirem o caminho rumo a Pós-Graduação acreditando ser o melhor a seguir em nossa profissão.

Deste modo, entender os sentidos atribuídos à ser Licenciado, porém não querer estar na escola e sim na universidade revelado nos discursos dos próprios egressos necessitou de um empenho para pensar sobre as antigas e atuais condições de realização do trabalho docente no Ensino Médio, que são marcadas por dificuldades, contrariedades em meio a convívios culturais e sociais que ultrapassam a esfera escolar.

O momento agora, pós-obrigatoriedade é outro, existem mais incentivos a Licenciatura, um deles é os programas, um deles é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), criado em 2009 na UFC. Visa o fortalecimento da Licenciatura, sua contribuição é muito importante para a formação dos novos professores, colocando os alunos universitários dentro da escola acompanhando por mais tempo o cotidiano escolar do que somente o tempo do estágio docente obrigatório, mas do que isso o bolsista recebe remuneração por isso. O programa tem propósito de:

a) incentivar a formação de professores para a educação básica, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública; b) valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente; c) elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições públicas de educação superior; d) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação superior e educação básica; e) proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino – aprendizagem, levando em consideração o IDEB e o desempenho da escola em avaliações nacionais, como Provinha Brasil, Prova Brasil, SAEB, ENEM, entre outras; e f) incentivar escolas públicas de educação básica, tornando-as protagonistas no processo formativo dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros professores. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 30).

Espera-se que o aluno possa adentrar mais profundamente o mundo escolar, tendo um contato com a escola e executando pesquisas nesse vasto campo empírico que ela possui. O graduando recebe experiência quanto a práticas pedagógicas durante suas inserções na sala de aula, além de ter o diferencial que ele recebe uma bolsa. Concede-se ao estudante uma remuneração, esse incentivo financeiro, aliado à possibilidade de desenvolver práticas docentes durante o curso, tem revelado importantes fatores para o sucesso do programa.

Segundo Nóvoa (2012) um bom programa de formação não é constituído por uma coleção de cursos ou de palestras. A bagagem essencial de um professor adquire-se na escola. Nesse sentido, o PIBID possibilita ao estudante da Licenciatura vivências e um diálogo com a escola, ele passa a conhecer no dia a dia a realidade da profissão de professor.

A escola ganha bastante com essa parceria, e principalmente o professor de área que participa do programa como supervisor, a instituição e o docente se tornam protagonistas do processo de formação desses futuros professores.

[...] no contexto escolar a fim de promover a articulação entre teoria e prática através da vivência de situações didático-pedagógicas concretas que permitam o contato direto do aluno com o trabalho para qual ele está sendo formado. (GONÇALVES; DE ABREU, 2012, p. 56)

O programa procura produzir ações no contexto escolar que promovam o conhecimento do que seja a docência dentro das diversas faces da educação, do planejamento, da avaliação, das reuniões, dos conselhos de classes até a gestão em sala de aula, todos esses processos contribuem para que se desmistifiquem os

velhos saberes da realidade da escola pública, para que os alunos possam passar os conhecimentos apreendido academicamente de forma crítica e reflexiva na escola. O licenciando aprenderá a postura e novos saberes através dessa experiência mediada pelas diferentes situações do cotidiano escolar que extrapolam a sala de aula.

Além disso, permite ao bolsista conhecer a dinâmica social própria da escola, a fim de transformá-la em objeto de investigação, ampliando os estudos e elaborando pesquisas na área. (GONÇALVES; LIMA FILHO, 2014 p.87).

É essencial salientar que esse programa dirige-se inicialmente às escolas públicas, por estas possuírem muitos problemas, como a falta de estrutura adequada para aulas, ausência de professores, carência de materiais didáticos e investimentos, é claro que isso não é uma característica de todas as escolas públicas, mas a maioria é contemplada com estes problemas. O PIBID mudou a vida de muitos licenciados e professores de escolas.

[...] a gente tem avançado muito, mais interessante também, e a gente conseguiu mostrar aqui na escola que a Sociologia não é só uma disciplina de sala de aula. A gente conseguiu mostrar o que a gente sabe fazer que é pesquisar e hoje a gente percebe a escola toda envolvida numa discussão sobre avaliação, que foi resultado de uma pesquisa que surgiu de uma demanda da escola porque ela queria saber porque os alunos tiram notas tão baixas na avaliação Bimestral já que a escola tem um custo tão alto com essa avaliação e os alunos não respondem bem a isso. Então, fizemos a pesquisa no ano passado e os resultados dessa pesquisa estão rendendo e está mexendo com a escola e aí o PIBID de Sociologia está aí envolvido nessa pesquisa e protagonizou e mostrou esses resultados. (Professor do Ensino Médio 3).

O PIBID vem para fortalecer a formação dos licenciandos e dos professores supervisores, favorece a pesquisa na escola e o aprendizado de novas práticas de ensino, é um ganho duplo para a universidade e para a escola. Ademais, a aproximação com os demais professores contribui para possíveis debates acerca da profissão, desencadeando e esclarecendo dúvidas, inquietações e preocupações. Como todo programa, também possuem dificuldades a serem vencidas. O lado ruim é que ele surgiu somente em 2007, ainda bem recente.

Discutir sobre a docência, Licenciatura e Sociologia é um desafio. É preciso refletir sobre o currículo do Bacharelado e da Licenciatura dentro da Universidade. Percebi tanto na fala dos egressos quanto nos professores universitários a falta de incentivo para cursar a Licenciatura, os alunos passam a ser

determinados pelo tipo de formação que eles possuem, se for licenciado o seu rumo é a escola, caso opte pelo Bacharelado segue-se para o mestrado e o doutorado, como se houvesse somente essas duas possibilidades.

Faz-se necessário ampliar o debate em torno do nosso mercado de trabalho, mostrar que existem outros meios, falar sobre a profissão de professor, dos desafios que também possuem a profissão de professor universitário que vive sempre na lógica de produção, de livros, artigos, e projetos de pesquisa, não é só lados positivos. Na universidade, assim, como na escola há intensas vitórias a serem ainda alcançadas pelos alunos e professores.

REFERENCIAS

ALMEIDA, A. C. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, F. R. F. de. **Tornar-se professor de sociologia no ensino médio: identidades em construção**. Mestrado em Sociologia – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

ANASTASIOU, L. G. C. Construindo a docência no ensino superior: relação entre saberes pedagógicos e saberes científicos. In: ROSA & SOUSA (org.). **Didática e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos**. Rio de Janeiro, DP&A, 2002.

ANDRÉ, M. A formação de professores nas pesquisas dos anos 1990. In: MACIEL, L; NETO, A. S. (Orgs). **Formação de professores: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

ANGROSINO, M. Coleta de dados em campo. In: _____(Org.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 53-72.

ANIBAL, F. Evasão em Licenciatura chega a 39%. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 2013. p.1. Disponível em: <: <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-que-nao-falta-professor-mas-interesse-de-seguir-a-carreira,1552687> > Acesso: 01 jun.2015.

BARBOSA, M V; DANTAS, F B A. **Reflexões sobre a formação inicial de professores no PIBID**. Campinas: Mercado de letras, 2014.

BECKER, H. S. Sobre Metodologia. In: _____. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. Tradução por Marco Estevão & Renato Aguiar. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2012: Sociologia**. Brasília, DF, 2011.

_____. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Lei 11.684, de 2 de junho de 2008**. Altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 1996. Brasília, DF, 2008.

CASSIANO, C. Poder de influência. **Revista educação**. 2011. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/poder-de-influencia/>> Acesso 13 jun.2016.

CENSO Escolar INEP 2013. **Banco de dados (microdados)**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/basica-levantamentos-acessar>>. Acesso em: 06 mai. 2014.

CONCEIÇÃO, M. R. Virando o jogo: o PIBID e a valorização da licenciatura. GOMES, Claudia; FELICIO, Helena M dos S. (Org.). **Caminhos para a docência: o PIBID em foco**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

CORREA, L. Anexo II: Projeto de Extensão Universitária Laboratório de Ensino de Sociologia. In: CARVALHO, Lejeune M G. de. **Sociologia e ensino em debate: experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

CUNHA, P. P. **Ensino de sociologia: uma experiência na sala de aula**. Mestrado em Sociologia – Universidade federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. (Coleção Temas Sociais).

FARIAS, I. M. S de; ROCHA. C. C. T. A Sociologia no Ensino Médio e o seu professor: episódios de uma formação docente. In: AMEIDA. R. de O; CARLEIAL. A. N. (Orgs). **Sociologia na escola média: metodologias de ensino em foco**. Teresina: EDUFPI, 2013.

FELICIO, H. M; GOMES, C. A Formação de Professores e o PIBID na UNIFAL-MG. **Caminhos para a docência: o PIBID em foco**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

FERREIRA, C B; NOLLI, J. Da graduação à profissão: trajetórias de ex-alunas do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que participaram da consolidação do Laboratório de Ensino de Sociologia (LES). In: CARVALHO, CESAR A. (Org.). **A sociologia no ensino médio uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010a.

FERREIRA, E. C. Relação escola e universidade: a Sociologia no ensino médio e, perspectiva. In: Carvalho, C. A. de. (Org). **A Sociologia no ensino médio uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010b.

FRANCO, P. R. Um quadro vazio: déficit de professores no Ensino Médio. **Rolimã**. 5. ed. Belo Horizonte, 2015.

FREYRE, G. **Sobrados e mocambos**. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.

GENTIL, L. M.M. **Força do professor na licenciatura em história da Universidade Federal do Ceará**. Mestrado em História - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009

GONÇALVES, D. N; LIMA FILHO, I. P. Aprendendo pela pesquisa e pelo ensino: O PIBID no processo formativo das Licenciaturas em Ciências Sociais. **Revista brasileira de sociologia**. Sergipe, Vol.02, n.3, p.81-100, jan /jun. 2014.

GONÇALVES, R. de F; DE ABREU, E. S. Estudo da realidade escolar no contexto do PIBID/Pedagogia. GOMES, Claudia; FELICIO, Helena M dos S. (Orgs.). **Caminhos para a docência: o PIBID em foco**. São Leopoldo: Oikos, 2012.

HAGUETTE, A. **A luta pelo ensino básico**: uma proposta pedagógico administrativa. Fortaleza: Edições UFC, 1990.

HAGUETTE, T. M. F (Org.). **Memória das ciências sociais na UFC**: um exercício de análise institucional. Fortaleza: Edições UFC, 1991.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Editora Vozes. 12. ed. 2010.

HANDFAS, A. Formação de professores de Sociologia: reflexões sobre diferentes modelos formativos. In: _____; OLIVEIRA, Luiz. F. de. (Orgs). **A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet faperj, 2009.

HANDFAS, A. Formação dos professores de sociologia: um debate em aberto. In: HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia P. (Orgs.). **Dilemas e perspectivas da sociologia na educação básica**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

LAHIRE, B. Viver e interpretar o mundo social: Para que serve o Ensino da Sociologia? In: GONÇALVES, D. N. (Org.). **Sociologia e juventude no ensino médio: formação, PIBID e outras experiências**. Campinas: Pontes, 2013.

Lei n^o 6.888, de 10 de dezembro de 1980. **Dispõe sobre o exercício da profissão de sociólogo e dá outras providências**. Lei n^o 6.888, de 10 de dezembro de 1980. Brasília, DF, 1980.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras. 26. ed. 1995.

MACIEL, L. S. B. A formação do professor pela pesquisa: ações e reflexões. In: MACIEL, Lizete S B. NETO, Alexandre S. (Orgs). **Formação de professores: passado, presente e futuro**. São Paulo: Cortez, 2004.

MARTINS, R; SOUSA, D. T. Ensino de Sociologia e as intermitências curriculares: o debate clássico e contemporâneo no âmbito da intervenção social. GONÇALVES, Danyelle N. (Org.). **Sociologia e juventude no ensino médio: formação, PIBID e outras experiências**. Campinas: Pontes, 2013.

MASCARENHAS, A. G. Sociologia no Ensino Médio: trabalho docente e formação. HANDFAS, Anita; OLIVEIRA, Luiz. F. de. (Orgs). **A Sociologia vai à escola: história, ensino e docência**. Rio de Janeiro: Quartet Faperj, 2009.

MICELI, S. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. In: _____. (Org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Vértice, Editora dos tribunais: IDESP, 1989.

MICHEL, M. H. **Metodologia e pesquisa em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: editora Atlas. 2. ed. 2009.

MINAYO, M. C. O desafio da pesquisa social. In: _____; DESLANDES, Suely ET AL (Orgs). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis : Editora Vozes, 2008.

MORAES, A. C. Licenciatura em ciências sociais e ensino de sociologia: entre o balanço e o relato. (Dossiê). **Revista tempo social**. São Paulo: USP, v.15, n.1, abr.2003.

MOROSINI, M. C.(org). **Professor do ensino superior**: identidade, docência e formação. 2. ed. Brasília: Plano, 2001.

NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. São Paulo: Vetor, 2007.

NEPOMUCENO, R. F; WITTER, G. P. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista semestral da associação brasileira de Psicologia escolar e educacional**. São Paulo: v.14, n.1, 27 jan/jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a02.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

NEZ, E; SILVA, V. N. A importância dos saberes pedagógicos na prática dos professores da educação superior In: **XV ENDIPE Encontro nacional da didática e prática de ensino (ENDIPE)**, 2010. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 2010.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: _____. **Os professores e a sua formação**. Lisboa (Portugal): Dom Quixote, 2012.

_____. (org.) **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999.

OLIARI, F. A. S.; *et al.* **A construção da identidade do professor da educação superior**. Pós-Graduação em Nível de Especialização em Docência no Ensino Superior. São Paulo: Faculdade de de Sinop (FASIPE). (mimeo). 2010.

PAULO, F. de S. Para FHC, professor é coitado que não conseguiu ser pesquisador. **Folha de São Paulo**. [online] São Paulo, 27 nov. 2001, p.1. Disponível em <<http://oblogdoabelha.blogspot.com.br/2014/10/1410-saraiva-13-de-hoje.html> > Acessado em 01 jun. 2016.

PIMENTA, S. G; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: MAYER, Robert (Org.) et al. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Editora Vozes. 2008.

ROLDÃO, M. do C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista brasileira de educação**. Campinas, Vol.12, n.34, p.94-103, jan/abr.2007.

SALDANA, P. Pesquisa mostra que não falta professor. **Estadão**. São Paulo, Set, 2014, p.1. Disponível em < <http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,pesquisa-mostra-que-nao-falta-professor-mas-interesse-de-seguir-a-carreira,1552687> > Acesso em 01 jun. 2015.

SANTOS, M. B. dos. A Sociologia no Contexto das Reformas do Ensino Médio. In: CARVALHO, Lejeune M G. de. **Sociologia e ensino em debate**: experiências e discussão de Sociologia no Ensino Médio. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

SANTOS, M. O B; CORRÊA, S. F. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental e médio**. Montes Claros- MG: Unimontes, 2010.

SARANDY, F S; RIBEIRO, A M M. Perspectivas Políticas e científicas acerca do Ensino da Sociologia. FIGUEIREDO, André V; OLIVEIRA, Luiz F; PINTO, Nalayne M (Orgs.). **Sociologia na sala de aula**: reflexões e experiências docentes no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2004.

SCHUTZ, A. Agindo no mundo da vida. In: WAGNER, Helmut T R. (Org). **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, I. L. F. O ensino de Sociologia como laboratório: educação e formação de professores nos projetos do Departamento de Ciências Sociais da UEL – LES/GAES/LENPES (1994-2009). In: Carvalho, C. A. de. (Org). **A Sociologia no ensino médio uma experiência**. Londrina: EDUEL, 2010.

SILVA, I. L. F. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, Amaury César (coord.) **Sociologia**: ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, M. G. L. P. Escola Normal do Ceará: Impasses de criação e a tônica reformista. **IV Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. O oral, o escrito e o digital na historia da educação. Porto Alegre: editora Unisinos, 2008.

SOUSA NETO, M. M. **A relação entre currículo, culturas escolares e conhecimento escolar de sociologia em três escolas do Ceará**. Mestrado em Sociologia – Universidade Federal do Ceará, 2014.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no estudo sociológico da escola. In: PAIXÃO, Lea P.; ZAGO, Nadir (Orgs.). **Sociologia da educação**: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Vozes, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRAGTENBERG, M. Introdução ao leito brasileiro. In: WEBER, M. **Sobre a universidade**. São Paulo: Cortez, 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto pedagógico do curso de ciências sociais**. Fortaleza, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Projeto pedagógico do curso de ciências sociais**. Fortaleza, 1994.

VIANNA, I. O.de A. A formação de docentes no Brasil: história, desafios atuais e futuros. In: GALLO; RIVERO. C. M. L. (Orgs). **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

WEBER, M. **Ciência e política**: duas vocações. São Paulo, SP: Martin Claret, 2003.

WEBER, M. **Metodologia das ciências sociais**. Parte 1. Tradução de Augustin Wernet. 4 ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SO: Universidade Estadual de Campinas, 1973.

APÊNDICE

APÊNDICE – A QUADRO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS QUE POSSUEM O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS.

UNIVERSIDADES FEDERAIS QUE POSSUEM O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS / LICENCIATURA	
REGIÕES	UNIVERSIDADES
NORDESTE	Universidade Federal da Bahia - UFBA
	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
	Universidade Federal da Paraíba - UFPB
	Universidade Federal de Alagoas - UFAU
	Universidade Federal de Campina Grande - UFCG
	Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
	Universidade Federal de Sergipe - UFS
	Universidade Federal do Ceará - UFC
	Universidade Federal do Maranhão - UFMA
	Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
	Universidade Federal do Vale São Francisco - UNIVASF
CENTRO-OESTE	Universidade de Brasília - UNB
	Universidade Federal de Goiás - UFG
	Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
	Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT
NORTE	Universidade Federal de Rondônia - UNIR
	Universidade Federal do Pará - UFPA
	Universidade Federal do Tocantins - UFT
	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA
SUDESTE	Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL
	Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF
	Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP
	Universidade Federal de Uberlândia - UFU
	Universidade Federal de Viçosa - UFV
	Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
	Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
	Universidade Federal Fluminense - UFF
	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ
SUL	Universidade Federal da Fronteira do Sul - UFFS
	Universidade Federal de Pelotas- UFPEL
	Universidade Federal Santa Catarina - UFSC
	Universidade Federal do Paraná - UFPR
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

APÊNDICE – B ROTEIRO DE ENTREVISTA APLICADO AOS EGRESSOS.

ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS EGRESSOS

Dados pessoais:

1. Idade, local de nascimento, estado civil, filhos
2. Família (origem social): escolaridade (pais, irmãos), profissão
Trajetória de escolarização
3. Curso (médio, fundamental, supletivo, regular) – fale-me sobre sua vida escolar.
4. O que levou você a optar pelo curso de Ciências Sociais? Conte um pouco desse momento? Foi a sua primeira escolha? Por quê?
5. Como foi a forma de ingresso no curso? Qual foi o ano? Qual período?
6. Ao entrar na UFC no curso de Ciências Sociais você sabia da existência das duas modalidades? Se não, fale como foi sua descoberta.
7. Você escolheu a licenciatura? Por quê? Era a sua primeira escolha?
8. Havia discussões sobre a Licenciatura o campo profissional nesse momento? Quem fazia? O que se discutia?
9. Como os alunos viam a Licenciatura nesse momento? E os professores?
10. Quais atividades eram realizadas para a Licenciatura (havia palestras, seminários, encontros, etc?)
11. Quem eram os professores que davam aula para a Licenciatura?
12. Quais eram as disciplinas que vocês estudavam? Quais as que mais lhe marcaram? As disciplinas ajudaram você na construção de sua escolha? Como?
13. Conte como foi a decisão de continuar os estudos na Licenciatura, após formar-se no Bacharelado. (CASO A PESSOA TENHA SE FORMADO PRIMEIRO NO BACHARELADO)
14. Em sua opinião, havia um estímulo por parte da universidade para a transição da modalidade Bacharelado para a Licenciatura? Ou para a formação nas duas modalidades?
15. Você sabia o que desempenharia profissionalmente após sua graduação em Ciências Sociais? Havia por parte da instituição esclarecimento dos campos possíveis onde os alunos formados podiam atuar?
16. Como se tornou professor (a)? Que fatores influenciaram na sua decisão? Conte-me como foi esse processo.
17. Após graduada, como se deu a vida profissional e a busca por emprego? Você trabalhou em quais lugares e em quais funções?
18. Trabalhou como professora temporária? Durante quanto tempo? Em quais escolas?

O trabalho na escola

19. Atualmente trabalho no ensino? Onde trabalha?
20. Por que não trabalha como professor? (Se caso a pessoa trabalha em outra área).
21. (Se sim). Conte-me como se deu sua inserção nesta escola.
22. Você deu aulas de outras disciplinas, além de Sociologia? Quais? Por quanto tempo?
23. Quais são as disciplinas que ministra aulas atualmente?
24. Como vem se dando a inserção da disciplina de Sociologia na escola? Quais avanços e dificuldades você percebe no processo?
25. O que você pensa sobre a profissão professor?
26. Você está satisfeita com sua escolha? Por quê?
27. Já pensou em mudar de profissão? Por quê?